

G. m. 1800

321

ill

10-3-910

J. A. Teller da Sylva
lista nº 7, nº 71

RECTORIA DE LA VILLA

DE LA VILLA DE LA VILLA

METODO CASTILHO

PARA O ENSINO DO LER E ESCREVER.

METODO CASTILHO

PARA O ENSINO DO LER E ESCRIVER.





Bordallo des.

Marti gray.

METODO CASTILHO

PARA O

ENSINO RAPIDO E APRASIVEL

DO LER IMPRESSO, MANUSCRITO, E NUMERAÇÃO

E DO ESCREVER

OBRA TÃO PROPRIA PARA AS ESCÓLAS
COMO PARA USO DAS FAMILIAS.

SEGUNDA EDIÇÃO

Inteiramente refundida, aumentada, e ornada
de um grande numero de vinhetas.



LISBOA — Imprensa Nacional

M DCCC LIII



S. Q.
28857

COMPRA

240946

Aquele que sentenciasse este metodo sem o ter lido
todo, e seguido, onra-lo-ia condenando-o.

Os que o ouverem meditado, repetirão o que a eis-
periencia declarou: que de todos os metodos conheci-
dos, é este o efficacissimo.

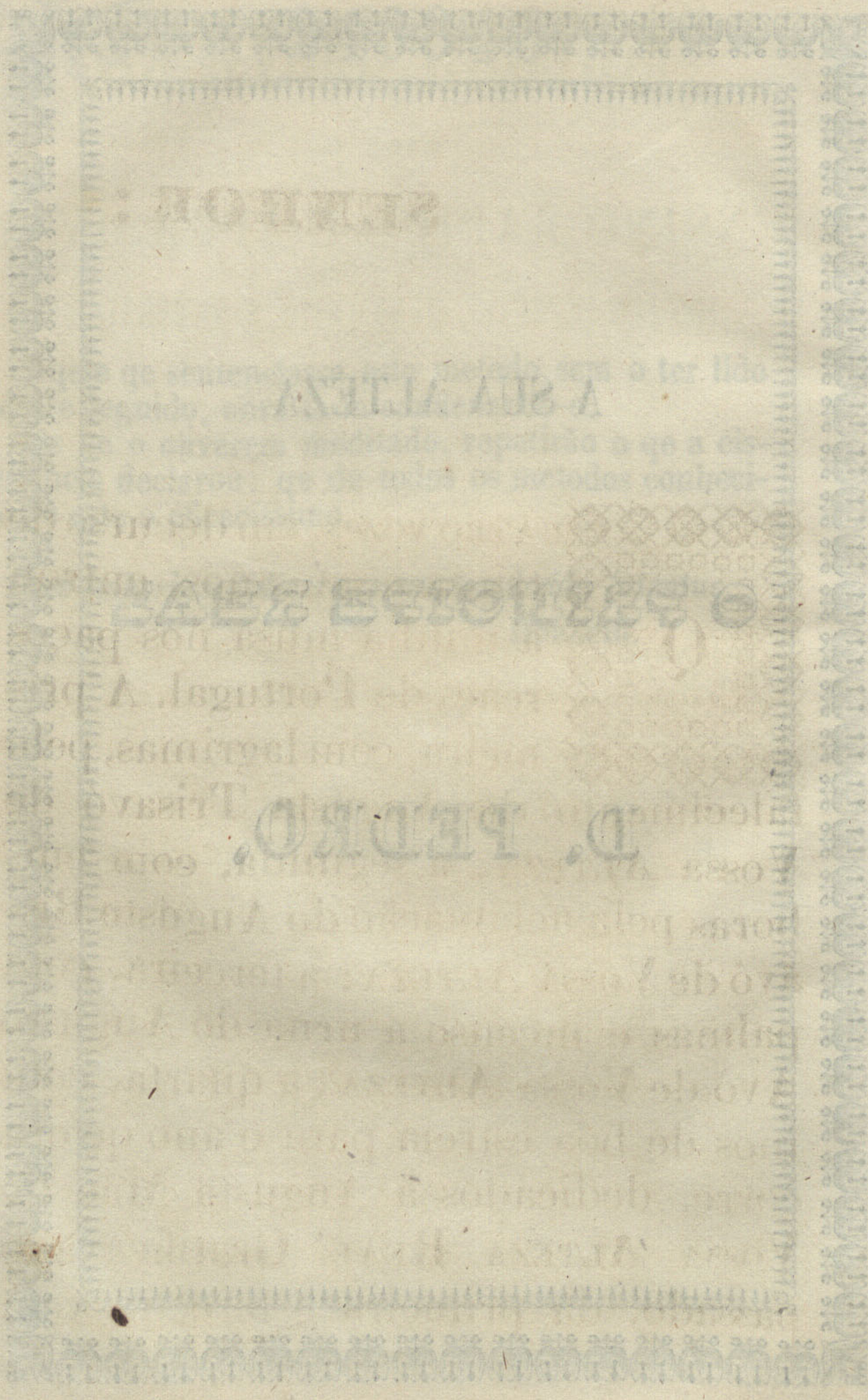
Quæ imberbes didicere, senes perdenda fatentur.

HORACIO.

A SUA ALTEZA

O PRINCIPE REAL

D. PEDRO.



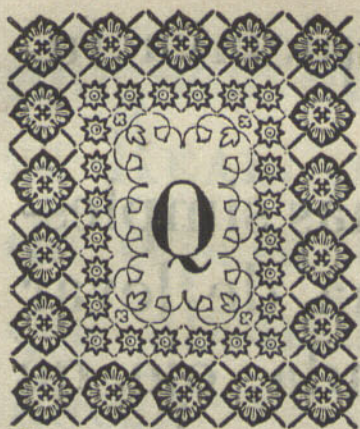
SEMPER

A SUA ALTEZA

DE

D. PEDRO

SENHOR:

UATRO vezes, em decurso de trinta e sete anos, entrou a minha musa nos paços reaes de Portugal. A primeira, com lagrimas, pelo falecimento da Augusta Trisavó de VOSSA ALTEZA; a segunda, com emboras pela aclamação do Augusto Bisavô de VOSSA ALTEZA; a terceira, com palmas e incenso á urna do Augusto Avô de VOSSA ALTEZA; a quarta, com inos de boa estreia para o ano qe ora corre, dedicados á Augusta Mãe de VOSSA ALTEZA REAL. Gratificava o passado, da primeira e terceira vez;

da segunda e quarta, auspiciava futuros.

Oje, qe não é a musa, mas simplesmente o coração, quem ha de levar a palacio uma nova oferenda, oje, qe a oferenda encerra, sob apparencia pequena e singelissima, um futuro grande, e certo de publica illustração para todo este reino, e talvez, e provavelmente mais do qe isso, é a VOSSA ALTEZA REAL, qe a minha consciencia me dirige.

SENHOR, uma obra toda de esperanças, como esta, e de esperanças, qe já tem nos fatos o seu abono, a

ninguem melhor do que a VOSSA ALTEZA REAL, podia pertencer; PRINCIPE de esperanças altíssimas, e esperanças abonadas, também por muitos fatos.

Com o fundo e copioso saber, que VOSSA ALTEZA REAL, secundado pelos disvelos de Seus Augustos Paes, e pelos esforços de seus incançaveis mestres, tem sabido conseguir, VOSSA ALTEZA, aos quinze anos é já tal, tão grande e tão, sem iperbole, varão, que ainda fóra da sombra do trono, nascido, se o fóra, na classe média, nascido até na infima, ouverá tido de

mim esta vassalagem, qe devota e desinteressadamente lhe tributo.

Outrem, invocaria a VOSSA ALTEZA como PRINCIPE; eu, qe Deus não tallhou para cortezão, senão do merito, procurei, para esta obra a pessoa de VOSSA ALTEZA, como eisemplar altamente preposto a mancebos estudiosos e repreensão eloquente aos qe na madrugada da vida se desbaratam em folguedos vãos, de qe mais tarde e sem remedio lhes ão de vir os arrependimentos.

Fez Deus a VOSSA ALTEZA PRINCIPE; VOSSA ALTEZA aspirou a fazer-

se tambem omem ; e já o leva con-
seguido.

Os principes têm conselheiros ofi-
ciaes, qe muitas vezes os não aconse-
lham ; muitas os aconselham mal ; ao
omem de quinze anos, ainda qe grande,
póde outro, suposto qe pequeno, mas
qe já transpoz meio seculo, dirigir
oficiosamente conselhos de lealdade.

SENHOR, a verdade e a ciencia, tão
filhas de Deus, como o genero humano,
devem ser patrimonio de todo ele. São
na ordem moral, o qe são na ordem
fisica, a luz e o calor. Dar aos povos
toda a instrução possivel, não é vir-

tude nem mercê; é justiça e pagamento de divida. Subtrair, sonegar aos espiritos o seu sol, dificultar-lh'o, encubrir-lh'o, e mesmo vender-lh'o, é falsear a lei divina; é profanar a obra prima do Creador; é querer afogar no presente as grandezas das edades ulteriores; é fazer a um tempo obra de Caïn e de Satanaz, porque é matar irmãos e querer o reino das trevas e da mentira.

Os principes qe mais resplandecem na istoria, são os qe, tendo-se alumia-do a tempo com o estudo, forcejaram para qe o saber se derramasse nos

seus povos; e, animando os engenhos a produzirem, crearam incentivos a novos meritos; puzeram ferrete á ignorancia e á preguiça; grangearam glórias á patria, amores a si, graças á Providencia, erança aos seculos, e eisemplo á humanidade.

A educação tem desenvolvido em VOSSA ALTEZA, a par com as virtudes mais preciosas, o amor das letras, o das artes, e o das ciencias. VOSSA ALTEZA conversa com Homero e Herodoto, com Virgilio e Tácito, com Göethe e Herder, com Pope e Goldsmith, com Rolin e Chateaubriand,

com Camões e João de Barros, com Euclides e Francoeur, com Linneu Buffon e Lacépède. VOSSA ALTEZA cultiva a arte de Mozart e Rossini: VOSSA ALTEZA, no gabinete e na officina do real artista, seu Augusto Pae, aprende a conhecer, a admirar, a apreciar, a imitar o belo nas artes dos Rafaeis e dos Migueis Angelos, inbuindo-se cada vez mais no santo dogma de qe: O TRABALHO, ATE' POTENTADOS ENOBRECE.

De um Principe assim habilitado, cheio d'alma e de coração, e de sangue juntamente portuguez e germa-

nico, qe menos se poderia esperar, qe um fautor perpetuo dos engenhos? um promotor espontaneo do engrandecimento dos espiritos? um propagador incançavel de civilisação? um glorificador para a terra em que nasceu?

SENHOR, a lisonja disse a outros muitas vezes: qe Deus tinha feito os povos para os principes; VOSSA ALTEZA mais vezes terá repetido a si mesmo: qe Deus fez os principes para os povos. São os principes arvores alterosas para abrigo e fruto. Toda a força dos principes, vem das suas rai-

zes; e as suas raizes, não são, não podem ser outras, senão o amor dos povos. Nestas arvores moraes, como nas outras da natureza, a vastidão das raizes ocultas, pela vastidão da copa visível e bemfeitora se calcula muito ao certo.

Vossa ALTEZA, debaixo da benção do qe á nascença o fadou com esse raro espirito, tem de ser um PRINCIPE MEMORANDO. É bom qe estas palavras de um omem qe nunca teve, nem solicitou, a honra de falar a Vossa ALTEZA, qe o venera só pela fama, e qe nada pede nem espera de Vossa

ALTEZA, senão o bem que pelas mãos de VOSSA ALTEZA poder vir da Providencia aos seus semelhantes, é bom digo, que estas concienciosas palavras mais de profecia, que de conselho, postas aqui, muito de proposito, se daguerreotipem indeleveis no animo, sobretudo no coração de VOSSA ALTEZA.

Algum dia virá, em que a lembrança do gracioso favor com que VOSSA ALTEZA, ao sair da meninice, acolheu uma obra util, concite outros maiores talentos a ambicionarem por importantes serviços á patria egual ou superior acolhimento;

a mim, ficar-me-á sempre a ufania de ter sido o primeiro que prestei homenagem desinteressada ao merecimento de VOSSA ALTEZA, dedicando-lhe uma obra, não indigna, ousou dizel-o, da atenção e boa sombra de VOSSA ALTEZA REAL.

VOSSA ALTEZA é o neto do Libertador, é o filho dos educadores por eiscelencia; o livro que ousei pôr nas suas mãos, é a carta da emancipação da puerícia; é a boa nova já festejada por mães e paes, e augura, porque no ler e escrever popular se encerra tudo, uma era nova, uma

revolução moral, d'estas, em que reis
e príncipes, e pontífices, devem arvo-
rar o estandarte, tocar o primeiro re-
bate, e postar-se na primeira linha
dos combatentes.

Deus guarde como sua e nossa, para
largos e felicissimos anos, a Real Pes-
soa de VOSSA ALTEZA.

Lisboa 25 de Fevereiro de 1853.

Antonio Feliciano de Castilho.

Aos Srs. Redactores de todas as Folhas
Periodicas Portuguezas.

Meus Senhores:

*Se a imprensa é o eco da opinião,
e se a opinião é tambem muitas vezes
o eco da imprensa, entendo qe o livro
qe vos apresento não pôde deixar de ser
por vós aceito, examinado, e recomen-
dado.*

*Grande parte do publico o adotou;
tendes qe falar por essa parte ilustrada.
Uma porção do povo não lhe tomou
ainda o gosto; está nas obrigações do
vosso ministerio a convencer-a.*

Para todos a tarefa na obra da civilisação. Eu cumpri a minha; vós aveis de cumprir a vossa; o parlamento e o governo não-de cumprir também, segundo espero, a sua.

Sau com a devida consideração e respeito

Vosso concidadão e venerador

A. F. de Castilho.

PROLOGO EM CAPITULOS.



QUAL é a historia d'este metodo? O que é este metodo? De quem é este metodo? Eis-aqui tres perguntas que, muito naturalmente, se apresentam; que têm sua importancia todas elas; e a que poucos responderiam com lealdade e com perfeito conhecimento de causa, sobre tudo.

Ampla e documentadamente o fizera eu aqui, se não fosse fóra de toda a razão e conveniencia ajuntar a um pequeno tratado, um preambulo mais encorpado duas vezes. Quasi o tinha concluído, e estava já na mão dos compositores, quando refletindo melhor nos fastios literarios que oje á para leituras de mais de quarto d'ora, recolhi o manuscrito para mais oportuna occasião. Mas, porque, deixando

de dizer tudo, não fique sem dizer nada, tocarei pelas pontas das ramas, cada uma das tres gestões.

CAPITULO I.

ISTORIA DO PRESENTE METODO.

Achava-me eu na ilha de S. Miguel; pertencia á Sociedade Promotora da Agricultura; tratava-se, em sessão de Janeiro ou Fevereiro de 48, da suma conveniencia, antes necessidade, de se crearem escolas ruraes de primeiras letras.

Ofereci-me eu, á falta de outrem, a tentar, para isso, alguma facilitação, qe já de muito andava entrevendo; aceitou-se e registou-se a promessa, por ventura leviana, e fiquei, por minha palavra, obrigado, pelo menos a diligenciar até onde as forças m'o consentissem.

Revolvi cardumes de cartilhas portuguezas e estrangeiras, antigas e modernas; achei em quasi todas o mesmo fundo; isto é, coisa pouqissima; e só nas fórmãs algumas variações; em geral de pouqissimo momento ou de nenhum. Dizia-me cá dentro algum bom genio, qe se andava caminho errado, e qe era im-

possivel, qe, a poder de buscar, se não conseguisse algum ensino mais racional, curto e aprasivel. Comecei a eisperimentar o sistema (não afirmarei de qe inventor) pelo qual, primeiro se ensina a lêr cada palavra inteira, depois a dividil-a em silabas, a final, em letras; precisamente o oposto aos usos recebidos; não pude levar ao fim a eisperiencia; e, por isso, não afirmarei, posto o suspeito, qe as maravilhas qe, d'essa maneira de ensino, se pregoaram, eram, quando menos, eisageradas. Bom fôra, todavia, qe alguem submettesse a melhores e mais longas eisperiencias, esse processo, em cujo abono não escureço, qe alguma coisa filosofica se póde alegar, e qe, achando-se, pelos factos, superior ao meu, se lhe anteponha; pois se trata aqui de uma qestão séria de humanidade, e não de gloriolas do amor proprio.

Mr. Lambert, meu amigo, e qe o fôra tambem do celebre gramatico e filosofo Mr. Lemare, foi por esse tempo, quem primeiro me falou do metodo do seu patricio, para o ensino da leitura, como de coisa sobre modo eficaz; Mr. Lambert tinha-o eisperimentado, avia muitos anos, em seu proprio filho. Veio o livro de Mr. Lemare; devorei-o; pa-

receu-me feliz idéa a de mnemonisar, por figuras, a fórma e valor das letras; acentei em o fazer; de proposito digo *fazer*; porque a mnemonisação de Mr. Lemare, de qe logo falarei com mais individuação, nem traduzivel era, nem quasi imitavel para a nossa, ou para outra qualquer lingua.

Por tres vezes desisti da empreza, cansado e esmorecido, e sem esperanza de poder completar o alfabeto, com eisação e perfeição como eu entendia; voltei quarta vez á fragoa, e em tão abençoada ora, qe os cincoenta e dois caracteres dos alfabetos maiusculo e minusculo, todos se me descobriram. Foi esse um dos dias mais alegres da minha vida. O Sr. D. Manoel Monteiro, desenhador e escultor, qe tambem se achava então 'naquella ilha, e me favorecia com a sua amizade, desenhou, com toda a sua costumada pericia, as cincoenta e duas figuras, em grandes quadros; escrevi a istoria eispliativa d'ellas; submeteu-se tudo ao eisame de quantas pessoas intelligentes e zelosas appareceram; e, aprovado, tratou-se de o levar logo á prática. Esse mesmo ano, de 1848, viu abrir-se no gremio da Sociedade dos Amigos das Letras e Artes, em S. Miguel, além de cursos de outras dis-

ciplinas, tres escólas de leitura, pelo novo metodo, regidas do modo mais edificativo (são registos da gratidão) pelos Srs. Filipe do Qental, Cristiano Frederico d'Aragão, Moraes e Francisco de Bettencourt Ataíde;¹ e suplementarmente pelos Srs. Luiz de Bettencourt Ataíde e José Joaquim d'Oliveira Machado. Logo os primeiros matriculados orçaram por duzentos; o ensino dividiu-se em tres partes; primeira classe, conhecimento das letras; segunda, leitura de palavras por silabas; terceira, leitura por cima. Esta divisão, este processo, qe em Lisboa não temos seguido, oferece grandes vantagens para onde se poder contar com tres mestres bem concertados entre si. D'este modo, podem-se receber continua e indefinidamente estudantes á matricula, porqe a primeira aula qe os recebe, labora perenemente nos primeiros principios da arte; da primeira vão passando a um e um, á proporção qe se aprontam, para a segunda; da segunda, identicamente

¹ O zelo d'este mancebo excede a todo o elogio. Desde então até oje, qe já não são poucos anos, ainda não faltou, nem por inclemencia de tempo, nem por negocios, nem por divertimentos, nem por indisposições de saude, uma só vez, nem um só quarto d'ora, na regencia da sua escóla.

para a ultima, com o qe todos os dias se admite nova gente a aprender, e todos os dias sae gente ensinada, sem qe nas aulas se note a minima perturbação, qe sempre aliás se padece quando á mesma lição assistem estudantes de mui diversos graus de adiantamento.

As escólas de S. Miguel prosperaram além de toda a esperanza. Da cidade difundiram-se pelos campos; em toda a parte houve mestres espontaneos, ardentes e infatigaveis. De toda a parte o povo acudiu ás fontes do saber, centenares de operarios, rusticos, e servos, demonstraram em eisames públicos haverem-no recebido. A incredulidade, com qe sempre lutaram a principio as inovações, desvaneceu-se á luz das provas. O trafego esperançosissimo de ensino noturno e gratuito, vai ainda a crescer 'naquela interessante ilha, graças ao zelo e alta intelligencia do digno presidente dos Amigos das Letras e Artes, o Sr. Dr. José Pereira Botelho, e á constante cooperação, qe muitos dos mais ilustrados espiritos d'essa terra se não cançam de lhe prestar. Os jornaes de Ponta Delgada, possantes auxiliares d'aquela sociedade civilisadora, arquivam, já de anos, os documentos

do que ella faz, do que ella póde e do que por ella se deve augurar para futuro proximo. Nada mais consolativo que o relatorio ¹ que ácerca d'essa vanguarda das escolas populares portuguezas se publicou á dois anos.

Tornado a Portugal, intendi dever vulgarisar incessantemente um Metodo, que assim andava já abonado da eisperiencia; imprimi-o; o conselho superior d'instrução pública do reino aprovou-o para uso das escolas. As escolas, porém, do continente, com eisceção de quatro ou seis, quando muito, não o adotaram, tem-se feito d'isso grave criminação ao conselho; a culpa era da lei unicamente; a lei não lhe permitia impôr aos mestres certo e determinado livro para o ensino. Falo d'isto, porque, é inquestionavelmente um ponto grave de legislação que necessita reformado. O superintendente geral dos estudos de uma nação, deve ter no seu regimento e entre as suas capitaes obrigações, o escolher para cada ramo de ensino a obra

¹ Acha-se n'uma preciosa broxura de 56 paginas com o seguinte titulo. — *Sociedade dos Amigos das Letras e Artes em S. Miguel — Actas da assembléa geral do dia 14 e da sessão da mesa de direcção de 17 de Dezembro de 1851. Ponta Delgada, Typ. de Manoel Cardoso de Albergaria e Vale, rua do Garcia n.º 17, 1851.*

melhor qe eisista; e reprovadas todas as outras, impôr essa aos mestres, como a unica de qe se possam e devam servir; sobre tudo aos mestres a quem a nação paga para bem e devidamente lhe instruirem os filhos; e ainda o livro aprovado só deverá gosar d'este privilegio, em quanto no mesmo genero não apparecer outro, qe o mesmo tribunal qualifique de preferivel.

Em 1851, anunciei em todos os jornaes da capital, e consegui fazer pregoar pelos reverendos parrocos das freguezias circumvisinhas á minha residencia, um curso gratuito, em minha casa, de leitura e escrita pelo meu metodo; ninguem a ele acudiu. Em 1852, SUA Magestade Imperial a SENHORA DUQUEZA DE BRAGANÇA, protetora intelligentissima e verdadeira mãe dos azilos de infancia desvalida fundados pelo PRINCIPE em todos os sentidos LIBERTADOR encarregou a Senhora Inspetora da sala da rua dos Calafates D. Maria Leocadia Fernandes Barros Gomes, de fazer introduzir na escola da sua gerencia um metodo de qe tantas vantagens se pregoavam. Comissaria mais zelosa, nem mais inteligente, não a podia achar SUA Magestade. Essa escola pegou, e floriu de um modo no-

tavel; e d'ella se propagou, mais tarde, o novo ensino pelas restantes salas de azilo, que todas ao presente são quadros, para 'neles pôrem filosofos os olhos e o amor.

Era já alguma coisa, era já muito, mas não era ainda bastante, não era ainda tudo o que se podia conseguir, e o que por isso se devia procurar.

Depois de novos auncios, de novos proclames parroquiaes, abri, em minha casa a 15 de Julho, com mais de setecentos inscritos, um curso que fui obrigado, por considerações de regularidade, a dividir em tres turmas; tomei a mim a primeira; da segunda se incumbiu o meu amigo Director da escola normal de Lisboa Luiz Filipe Leite; á terceira, composta de meninas, presidiram as Sr.^{as} D. Emilia Victor Silva, e D. Maria José da Silva Canuto, mestra regia, insigne pela sua pericia, e bem conhecida pela sua literatura e poesia. A estes trabalhos, assistiu gente de todas as clases e de todos os graus de instrução, desde a ciencia mais elevada, até á ignorancia mais supina. As salas, que eram espaçosas, chamam-se quasi sempre apinhadas até eisceço; era perturbação para o ensino, não á duvida, mas era necessidade, porque o era

convencer a todos pelos seus proprios olhos e ouvidos. De todas estas lições se fizeram actas, para qe os qe não vinham presencial-as, e o mais do reino que o não podia, não ficassem privados de algum meio de se convencer, em assumpto de tamanha consequencia.¹ Durante este curso de tres mezes justos, a convicção já nascida e forte e geral, da proficiencia do metodo, fez, como já em S. Miguel havia acontecido, que principiassem de toda a parte, ao perto e ao longe, a pulular escólas officiosas e gratuitas; umas, populares noturnas, á imitação das nossas tres; outras em collegios; outras, emfim, nos corpos militares.

Contal-as, istorial-as, dizer o bem qe merecem os mestres de quasi todas, os fundadores, os conservadores, os zeladores de todas; referir as festas com qe em dezenas de terras

¹ As actas do meu curso começaram a apparecer no jornal o Patriota, passaram de lá ao jornal a Esperança, e d'esse ao da Justiça, que as teria levado ao fim, se repentinamente não acabara, era uma publicação util como *vade-mecum* para escólas provincianas mas o acanhamento de espaço, em que laboram as nossas folhas periodicas, com a abundancia de materias importantes, e urgentes, qe lá afluem, deixou inedito todo o final d'esse nosso trabalho de actas. Ponho aqui esta nota, para qe me não atribuam a inconstancia uma omissão, de qe eu fui, não culpado, mas unicamente lesado.

se tem celebrado, a aparição de cada um d'estes raios da alvorada da instrução e civilisação portugueza; transcrever o que a imprensa repetidas vezes tem narrado d'estes factos, as esperanças que d'eles tem inferido, e as eisortações e conselhos que a tal proposito continua a endereçar ás autoridades e aos particulares, aos ignorantes e aos sabios, não só pareceria imodestia suma da minha parte, se não que fôra pejar volumes para não serem lidos.

A dezaseis de Outubro d'este ano, ao cabo perfixo de tres mezes, se apresentaram a centenaes de pessoas de todas as gerarqias, e aos eiscelentissimos ministros da corôa, as provas solenes e irrefragaveis da incomparavel proficuidade do metodo novo. Ouviram-se lêr e viram-se escrever os das nossas tres aulas; alunos da escôla de lanceiros da Rainha; e creancinhas de quatro anos das salas de azilo de infancia desvalida. Foi o golpe mortal dado a dois grandes inimigos: á incredulidade ferrenha, e á má fé presumosa.

Sua Eiscelencia, o Sr. Ministro do Reino, encarregou para logo o director da escôla normal, de dar um novo curso inteiramente regular a cem alunos da casa pia.

O presidente do conselho, Marechal Duque de Sandanha, fez com que já da maior parte dos corpos do exercito, viessem officiaes inferiores habilitar-se aqui, para irem crear escolas regimentaes.

Se o curso normal, que eu annunciara, e que efectivamente dei em minha casa, tivesse sido devidamente concorrido, averia oje com a abundancia dos mestres incomparavelmente maior numero d'escólas; á mingua de quem ensine, não poucas tem deixado de se abrir.

Não cerrarei este resumo historico, sem uma observação, que póde ser de algum proveito; e que, pelo menos, fará entender o como os frutos do metodo podem ser ainda muito mais copiosos e eiscecentes do que até aqui o tem sido.

A maior parte dos mestres que pelo meu metodo tem ensinado, não tinham auido 'nele o necessario tirocinio; alguns eram até carecentes de todos os requisitos precisos para ensinar. A este dano ão de acudir as escolas normaes, logo que as aja.

As escolas dos azilos, tem um grave contra; que eu tomo a liberdade de submeter á consideração das suas ilustradas directoras: aqeles receberem-se todos os dias novas crean-

ças, avendo em cada sala uma unica mestra para leitura, faz qe o tempo, qe não é sobejo para este ensino, forçosamente se reparta por tres ou quatro classes: pelos qe aprendem as letras; pelos que leem por silabas; pelos qe já reúnem as silabas em palavras; e pelos qe entoam o periodo com a pontuação. Tendo, pois, cada aluna apenas um quarto de lição, fica evidente, que essas aulas só podem apresentar um quarto do proveito desejado e possível. Á ainda aí (é sempre com a devida reverencia qe me permito estas observações perante damas de alto juizo, de suma probidade e zelo, e qe não desejam menos do qe eu a melhor educação do povo) á, digo, nas salas de azilo, ainda outra disposição legal, qe me parece estar xamando por uma completa revogação; e vem a ser: o praso de idade, fixa, e prentoriamente marcado, tanto para a admissão, como para a despedida de alunas e alunos. Todos os dias acontece, qe uma pobre creança, a qem mais quinze dias ou um mez de azilo teriam dado a perfeição do lêr e escrever, sae xorando para ir esquecer fóra d'ali, em escólas ronceiras e incorrigiveis, ou ao desamparo, o qe lhe tinham ensinado.

As escolas militares teem igualmente um gravissimo senão; e de pior natureza, porque é incurável: os soldados, com as obrigações de seu pesado officio, são, ainda com a melhor vontade, os mais irregulares frequentadores; tres, quatro, cinco, e mais dias se passam, muitas vezes, a cada um d'eles, entre lição e lição; do que resulta, que tambem 'nestas escolas, o produto manifesto, é quatro ou cinco vezes menor do que o metodo o poderia dar.

As escolas populares noturnas e gratuitas, de que tantas á, teem tambem seus achaques essenciaes, e de reputo quasi insanaveis, ao menos por ora. Primeiro: a insubordinação e grosseria de uma classe ainda não educada. Segundo, e peor: a dependencia em que os seus alunos estão, de alheias vontades, Os paes, os amos, os mestres de officios, ou donos de fabricas, a quem todos esses estudantes vivem sujeitos, consentem na matricula com facilidade; mas a maior parte d'eles, com mais facilidade ainda se arrependem e caçam aos pobresitos, com o mais insignificante pretexto, a licença que lhes haviam dado para frequentarem.

Depois, vem os serões das oficinas; depois,

o dia da feria ; depois, um serviço imprevisto ; depois, a pusilanimidade de mãe, que teme o mau tempo ; depois, o mau humor do pae, que quer fechar mais cedo a sua porta ; depois, as sugestões de mexiriqueiros, que nunca faltam, os quaes, abusando da rudeza das familias, lhes provam, tão claramente, como dois e dois serem sete ; que o ler não enche barriga, e é uma perdição para a mocidade ; e para os adultos que o não sabem uma afronta ; depois um etcetera infinito.

Seguir-se-á, porém d'aqui, deverem-se fechar taes escolas ? Livre-nos Deus do absurdo ! Dão pouco, em comparação do que podiam dar ; mas, em comparação do nada que antes era, dão imenso. Demais, a propria illustração, que elas ão-de ir caladamente aumentando, á-de ir redundando sempre em crescimento e beneficio d'elas.

Um ponto, digno de todo o estudo, seria, compulsando-se as respectivas estatisticas, determinar qual o praso do anno mais proprio para as escolas populares, quaes os dias, e quaes em cada estação as oras, em que estes trabalhos menos contendessem, nas aldêas, com os ruraes ; nas cidades, com os officinaes. No belo relatorio, que na pagina xxxiii citei, diri-

gido á Sociedade dos Amigos das Letras e Artes pela sua comissão encarregada de lhe dar conta do estado das suas escolas, redigido pelo Sr. Luiz Filipe Leite, e assinado, conjuntamente com ele, por tres tão distintos cavalheiros, como são, os Srs. Luiz de Betencourt Ataíde, João Silverio Vas Pacheco de Castro, Francisco da Camara Sampaio, não só vem já aventada esta idéa, mas até um specimen assás curioso da sua realisação.

CAPITULO II.

O QUE É ESTE METODO.

As verdades mais obvias, são ás vezes as ultimas que se achão. Os espiritos elevados, que são, conjuntamente com as circumstancias e com o acaso, a quem se devem em geral, nas artes as invenções; nas sciencias, os descobrimentos; os espiritos sublimes, arrojam-se ás conquistas longinquas, desdenhão as pequenezes subjacentes; só se comprazem nas espheras superiores, para além do experimentado e do conhecido. O genio que pesa e mede os astros quasi impercetiveis pelos abismos do ceu, a distancias que parecião

incomensuraveis, que de vezes não deixa passar sem os perceber os elementos e sucessos da vida trivial, que em torno d'ele se revolvem.

É assim, que, ensinando-se a lêr á milhares de anos e sendo impossivel, que n'esse magisterio o acaso não tenha posto milhares de vezes intendimentos de alta plana, o modo mais simples e natural de ensinar a ler e a escrever a ninguem, que eu saiba, tinha ocorrido até ao presente. Fui eu, talvez por isso mesmo que não tinha azas d'aguia para voar, o que o descobri; é uma satisfação isto, e não uma ufanía; um bom achado, antes que um merecimento. O primeiro mestre d'aldea podia ter logrado igual fortuna.

Eis-aqui o discurso, por extremo simples, que me levou a esta, que por singela, quasi me envergonho de chamar invenção.

Toda a arte, me disse eu, teve principio, e crescimento, e é prefetivel.

O principio de qualquer arte provém sempre da natureza e da necessidade; os seus progressos, da reflexão e de necessidades novas, e de casualidades, subministradas tambem mil vezes pela natureza.

O falar que veio a tornar-se arte, foi dom

natural e providencial na sua origem. Do dom natural da fala, e do desejo também natural, que o homem sente, de comunicar as suas idéas e afetos, não só aos presentes, mas também aos distantes em lugar e tempo, nasceram os primeiros incompletos e rudíssimos elementos da arte de escrever. A impaciência contra o vago, o confuso e o insuficiente das primeiras pinturas visíveis das idéas e afetos, e logo a reflexão de engenhos observadores, passaram a escrita de desenho confuso, e quasi enigmatico, a uma representação precisa dos sons, a um retrato fiel da linguagem.

Era facil notar, pelo ouvido e pela vista, escutando o falar de outrem, ou cada um pelas sensações do proprio órgão vocal, falando, era, digo, fácilimo notar, que as palavras se compunham de diversos elementos, os quaes sendo de si pouco numerosos, se prestavam todavia a combinações inumeraveis. Todo o trabalho então, deveu ser analisar, dissecar, porque assim o digamos, a palavra falada; e estabelecer sinaes convencionaes visiveis correspondente cada um a cada elemento dos vocabulos. Eis-aí o alfabeto.

O primeiro que escreveu alfabeticamente,

de certo se preparou para o fazer, com a decomposição minuciosa e pacientissima de cada palavra, qe pertendia mandar aos olhos.

Á arte de escrever seguiu-se a do lêr. Estas duas são tão convisinhas e interlaçadas, qe não ha mal em as tomarmos por uma só.

Se pois a sucessão de tão admiraveis inventos, foi, e não podia deixar de ser; primeiro falar; depois, decompor a palavra; depois, converter os elementos da palavra decomposta em letras; a final, reverter das letras aos elementos fonicos; e dos elementos outra vez á palavra inteira e viva, claro estava, qe este, e não outro devia ser tambem o modo do ensino; porque, para quem não sabe lêr nem escrever, o aprende-lo é uma especie de segunda invenção d'estas artes milagrosas. Para aqui, como para tudo, aquelle grande e eterno aforismo de Quintiliano *observar bem a natureza e seguil-a. Naturam intueamur; hanc sequamur.*

A decomposição e a leitura auricular, qe em ultima analyse são uma e a mesma coisa; isto, qe é para o lêr e escrever o caminho de ferro, eis o em qe principalmente consiste o methodo novo; é isto pelo menos, o qe n'elle á de mais filosofico, mais eficaz, mais sem

precedente, antigo nem moderno, nacional nem estrangeiro, de que eu tenha conhecimento. Isto já alguém, como invento demasiadamente simples o quiz desdenhar; o ôvo do Colombo que lhe responda. Á fé que esses desdenhadores nunca ão-de dar azo a reprezalias!

O metodo, porém, tal como oje o ofereço, não se reduz sómento a isto; que já fôra imenso; e de que na primeira edição se não achava ainda vestigio. Contém a menomonisação por figuras e historias de todos quantos caracteres e sinaes se podem apresentar a um ledor; e quasi tudo isto tambem completamente original.

Não é tudo: a introdução do ritmo, que eu tornei inseparavel d'este ensino; a *frequencia do canto, das palmas, e das marchas*, proporcionou fazer um só omem a instrução de centenares d'eles, proscrita a decrépita fantasmagoria do chamado ensino mutuo; que será mutuo, quanto qiserem, mas que nunca á-de ser ensino. Um só mez de ensino ritmico nas nossas escólas dá mais fruto real, que dois anos, bem repicados e apitados de ensino mutuo.

O canto, os movimentos de pés e mãos,

tão aprasiveis e tão uteis á puericia ; a facilidade, a graciosidade do mestre, qe por este modo se eleva de preboste a amigo e a pae não só criam nos discipulos gosto e atenção mas até os atraem para a escóla com a mesma força com qe d'antes eram para longe d'ela repelidos.

Finalmente, as oras mesmas da recreação, tornam-se ainda, pelos varios divertimentos qe n'este livro se seguem a cada lição, uma continuação do mesmo estudo ; qe d'esta sorte se não interrompe nem brincando.

Nada mais agradavel, do qe vêr criancinhas, de quatro e de tres anos, mostrarem pena quando os trabalhos da classe se dão por findos ; irem pela rua repetindo a lição ao som de palmas ; entrarem alvoroçados por casa cantando ás suas familias as regras em verso qe lá lhes deram na escóla, e sonharem ainda com a decomposição e com a leitura auricular.

Tal é, em resumo, o novo methodo, cuja superioridade a respeito de todos os anteriores é de primeira intuição, ainda antes de experimentada.

Não terminarei esta parte, sem fazer menção de uma obra illustre, qe só agora eisa-

minei, publicada pela primeira vez em 1812 no jornal de Coimbra, e depois em 1820 avulsamente em tres volumes por seu autor o Sr. Antonio de Araujo Travassos, com o titulo de *Ensaio sobre um novo modo de ensinar a lêr*. Varias foram, segundo cuido as causas, qe se opozeram á generalisação daquelle *modo de ensinar*; a ponto, de nem eruditos averem d'elle já hoje conhecimento, ¹ Primeira causa : (e bastava esta) o ser novidade. Segunda : o volumoso as estampas, e consequentemente o caro da obra. Terceira : o não ter o autor eisposto o seu metodo (qe nos conste) a demonstrações publicas e soles. Quarta : o não estar acomodado, nem talvez ser acomodavel com facilidade ao ensino simultaneo. O autor diz qe por ali ensinara a lêr em pouco tempo ; assim é de crer ; o seu modo de ensino é, in dubitavelmente, su-

¹ Fato curiosissimo é, qe esse metodo, oje tão desluzido das memorias, parece ter sido seguido em escolas regimentaes logo depois da sua primeira publicação. Tenho presente uma broxura, de 43 paginas em 8.º, intitulada : *Vida Cristã, para exercicio de leitura corrente nas escolas militares. Lisboa ; na impressão regia, anno de 1817. Com licença.* A qual obra é escrita com a rigorosa acentuação das vogaes, proposta pelo Sr. Travassos para iniciar leitores.

perior a tudo o que antes do meu, havia geralmente.

O autor começa por ensinar as vogaes, com todos os seus valores; passa ás consoantes; as quaes para melhor dar idéa da natureza d'elas, não apresenta senão já ligadas com vogaes.

Em duas cousas consiste o essencial do seu metodo: em acentuar sempre para os principiantes as vogaes de valor ambiguo; e em lhes dar as palavras que ao-de lêr divididas em sílabas. As palavras assim acentuadas e assim divididas, são nomes de objetos visiveis; acompanhando cada palavra o desenho do respectivo objeto, como geralmente se pratica em Alemanha, e no que á tres vantagens; a saber: dar ao discipulo gosto pelo recreativo das figuras; ensinar-lhes por elas o conhecimento de muitos objetos; e nas escolas alemãs, o inicial-os com cedo no desenho; pois os fazem copiar não só a palavra mas a imagem, que para isso é facilima, de simples contornos, e nada assombreada.

Dois contras porém, e momentosos, me parece haver n'este ensino. Primeiro: que o acentuar todas as vogaes ambiguas é ensinar a lêr por uma ortografia racional, que não eisiste;

e não pelos deploraveis escriptos atuaes. Segundo: qe saber lêr as palavras trinchadas em silabas fica ainda muito áquem e muito longe de saber lêr as palavras com as silabas unidas; por outra: concluido aqele ensino, ainda se não sabe lêr, e para se chegar a saber, tem de se começar outro. Todavia, repito, qe o metodo do Sr. Travassos, se fosse eistensivel do ensino individual ao ensino de classes numerosas, eiscederia muito em prestimo ás cartilhas usuaes; qe todas se reduzem rigorosamente a isto, e sempre por esta ordem: Abcedario, (com um só valor a cada letra) Silabario (com um só valor a cada silaba) Vocabulário, (sem regra qe determine ás letras duvidosas o seu valor de posição.) As mais flamantes, acabam por teistos para se lerem. Para se lerem ao cabo de anos.

CAPITULO III.

A QEM PERTENCE O PRESENTE METODO.

A primeira coisa, qe se lia na primeira edição desta obra, era um rasgado elogio a Mr. Lemare; de quem eu tomara a idéa de mnemonisar as letras por imagens. Bastou

isso, para que alguns d'estes que não eisercem na republica literaria melhor officio que de malcins, começassem logo a mexericar, na imprensa, por meias palavras; fóra 'dela (porque era menos arriscado) á boca cheia: que o meu escrito era contrabando, roubo, tradução de Mr. Lemare (que eles nunca viram). É phenomeno moral, antes imoral, que, apezar de tão frequente ainda não acabei de comprehender: porque rasão se á-de estar sempre disposto (falo de Portugal; lá por fóra correm outros ares) a acreditar que o invento apresentado pelo visinho não é 'dele!? Suporá esta pobre gente, por sentir a sua propria cabeça êrma e estéril, que em igual latitude e longitude não podem nascer individuos 'doutra condição? Não sei; o que sei, e tenho visto é, que, para se livrarem de agradecer e gloriar a um presente e vivo e amigo deles, e que para bem e credito deles se disvéla, ão-de ter sempre a abilitade de descobrir outrem para inventor da coisa boa ou já enterrado, ou d'outra provincia, ou d'outro reino, ou d'outro seculo; quanto mais arredarem de junto a si o merecimento, tanto mais contentes ficarão a revolver-se no seu vasio os malhadeiros gloriosos. «Não é d'ele a idéa; é do tio. É do avô.

É d'um manuscrito que salvou da tenda. Pílhou-a de Mr. Fulano. Empalmou a Mister Sicrano. Eispremeu-a de uma frase confusa de Aristoteles.» Todos os mais cerebros tinham a faculdade de crear aquilo; menos o do pobre homem, porque tinha nome portuguez; cara portugueza; e, por pecados seus, vivia com eles.

Ora, comparemos de espaço, este metodo com o de Mr. Lemare, e demos a cada qual o que lhe pertence. Não é o amor proprio, que me induz ao trabalho 'desta confrontação; é o amor patrio; amor, que essa gente ruin, mesquinha, e invejosa nunca padeceu. Pouco me importava que se dissesse: *Metodo Lemare*, ou *Metodo Castilho*; importa-me muito, importa-me infinito, que um metodo precioso portuguez, se nos não roube para estrangeiros. Se Mr. Lemare, que era homem de bem, tornasse do seu sepulcro de dezoito annos a este mundo e ás letras; Mr. Lemare mesmo applaudiria, gostoso e procuraria naturalisar para a França o meu metodo; e faria 'nisso grande obra; porque, da França ele se derramaria mais facilmente por todo o mundo. Ah! vilões vilões! que assim forçais um homem a quebrar a modestia de toda a vida, e a to-

mar por suas mãos a justiça que lhe denegam!

A edição, que tenho presente, e que julgo ser a ultima, é a de 1840, publicada cinco anos depois da morte do autor na coleção que tem por titulo: — *Cours complet d'Education pour les filles etc.* É um folheto em oitavo grande; com 88 paginas. Á 'nele, depois de um prefacio, *primo*; 68 figuras, mnemonisando o feitio e nome das letras, e de certas combinações d'elas, essenciaes para a leitura franceza. *Secundo*: o alfabeto usual maiusculo e minusculo. *Tertio*: 45 contos em verso. *Quarto*: modo e meios do ensino. *Quinto*: exercicios de leitura em letra de mão. Nada mais. Eisaminemos e discorrâmos.

Aprendidas as letras na primeira e segunda parte, que deixamos indicadas, procede-se, conforme aos preceitos da quarta, á leitura dos contos da terceira. Ora, a leitura, segundo taes preceitos, não é diversa da do meu methodo; é diametralmente oposta. Eu, faço somar os valores das letras para achar a palavra; Mr. Lemare, mostra primeiro cada verso inteiriço; depois, cada palavra do verso, inteiriça; depois, cada silaba de cada palavra do verso, inteiriça; e só a final se chegará

ás letras. Isto é: segue o processo de que falei no capítulo segundo; só com a diferença de ter previamente dado o conhecimento das letras. E 'nesta parte, melhor é peor o seu metodo do que o meu? Não me toca decidil-o; digo só: que é o contrario do meu.

Passemos a outras confrontações. Mr. Lemare teve uma felicissima idéa em procurar mnemonisar por imagens e istorietas a forma e valor das letras; e essa idéa tomei-a eu d'elle; mas nada mais lhe tomei do que a idéa; porque a realisação d'ela é no meu livro diversissima; e, dil-o-ei sem reбуços ipocritas, incomparavelmente superior. Para provar a diversidade, basta a simples inspeção das estampas; e onde uma ou outra estampa pareça no meu livro semelhante á do seu, procurar-lhe na eisplicação a diversidade. A superioridade das minhas imagens, não é menos facil de demonstrar. Em primeiro logar as figuras de Mr. Lemare são em geral menos naturaes, e muito mais forçadas; em segundo logar, os nomes das suas consoantes não representam o valor d'elas tão descarnado quanto era possivel, e quanto era necessario para facilitar a combinação da articulação com o som; assim, a sua letra, *F* que é representada

por uma labareda retorcida, chama-se *feu*, o B *beu*, o V *veu*, o P *peu*, o M *meu*, o J *jeu*, o G *gueu*, o Q *queu*, etc., quer dizer: *qe*, em lugar do elemento eistreme, para se combinar com qualquer vogal, temol-o já com uma sílaba, feita pelo som *eu*. Em terceiro lugar, e esta é capitalissima, as letras de valor multiplice não têm pelas Istorieta Lemarianas mais de *qe* um unico valor; ao mesmo passo *qe* no meu metodo levam todos; do *qe* resulta: *qe* lá o estudante, depois de aprendido o alfabeto, ainda, não sabe os valores das letras, ao mesmo tempo *qe* o meu estudante, logo *qe* ao fim de cinco oras (termo medio) tem decorado o abcedario, sabe tudo quanto cada letra póde eisprimir, e com as regras em verso, *qe* depois se lhe dão a cantar, sabe, salvos os caprichos e loucuras ortograficas, eleger d'entre os valores de cada letra o *qe* a sua posição lhe designa, na ipotesi dada. Os espiritos pensadores, e sobre tudo os dos mestres costumados a ensinar a lêr, *qe* digam se não são estas, diferenças e primasias muito grandes.

O *qe* fica eispendido, sobraria, cuido eu, para provar (quando menos) *qe* o meu metodo é meu, e não de Mr. Lemare. Mas eis-

aqui outra diferença entre os dois ; outra pre-eminencia para o meu, e importantissima.

Não á em todo o volume de Mr. Lemare, e esta edição é a mais completa e já póstuma, não á uma só frase, qe, nem por longe, dê a intender, qe o seu metodo servisse jámais para ensino simultaneo ; pelo contrario Mr. Lemare vê sempre a mãe ao pé da sua filha, ou um mestre ao lado do seu alumno ; é a lição individual ; e não póde ser outra coisa ; em quanto o meu metodo se acha por tal arte desenvolvido e concertado, qe tão bem e eficazmente se póde acomodar a uma classe de seiscentos discipulos, como ao ensino singular ; 'nesta parte reivindico eu fortemente, porque se me devem, as onras de creador.

Mais : a leitura do manuscrito qe remata o livro de Mr. Lemare vem totalmente desacompanhada da necessaria carta de guia sobre a maneira de bem a ensinar ; no meu metodo, a leitura do manuscrito e a do impresso, são ensinadas quasi simultaneamente, e com uma promptidão e com uma efficacia assombrosa.

Mais : a pontuação e os outros sinaes, tão necessarios para a boa leitura, como para a leitura o são as letras, não os ensina Mr. Lemare,

e ensino-os eu 'num volver de olhos, e brincando.

Mais: a leitura da numeração, tanto em caracteres arabigos, como em romanos, também Mr. Lemare a não ensina, e ensino-a eu de improviso.

Mais: o canto, as palmas, os movimentos, tudo, tudo isto qe faz do estudo um eiserccio também para o corpo, e lhe imprime um encanto irresistivel para a puericia, assim como os divertimentos com qe nas oras vagas a lição se continua, tudo isto, assim combinado num todo armonico, é meu, e não de Mr. Lemare.

Finalmente: a leitura auricular e a decomposição, como base natural ao ensino do lêr e escrever, (sobre o escrever também nada á em Mr. Lemare e á aqi todo o necessario) a decomposição e a leitura auricular, verdadeiro feitiço para as creanças, e qe, segundo os fatos o têm provado, tão diretamente conduz, ao correto pronunciar, coisa tão rara, e tão necessaria; a decomposição e a leitura auricular, insisto, pertencem ao metodo portuguez; são a alma das nossas escólas; são o triunfo capitolino dos nossos cursos, são o qe á-de fazer com qe a nação portugueza saiba

toda ler dentro em poucos anos e se lhe quiserem dar livros bons se instrua e se melhore.

Mr. Lemare foi um grande homem; quem o duvida? Mr. Lemare fez um belo invento, quem o desconfessa? De Mr. Lemare me veio a idéa rudimental do meu metodo; sempre o pregoei; mas o meu metodo no seu vasto complexo, na sua harmonia de mnemonisação, de prazer, de vitalidade, de força attractiva, da conveniencia ao ensino singular e ao ensino simultaneo, de virtude para clarificar a pronuncia, e afeição ao ler, o meu metodo está para o de Mr. Lemare, como a náó Vasco da Gama para uma falua cacilheira; como o convento da Batalha, para uma abitação burgueza; como a numeração arabiga, para a romana; como a typografia, para a cópia; como a arvore para a semente: como para o grande, o maximo; como para o bom, o otimo.

Quando digo otimo, e quando digo maximo, não pretendo segnificar qe d'aqi para diante não aja aperfeiçoamentos possiveis; nem eu sou Hercules; nem o mundo já admite colunas de eistrema em cousa alguma; digo só qe de todos os metodos até oje provados este

é provadamente o mais proveitoso e o mais simpático. Pelo meu método daria eu sem esitar todas as minhas outras obras; e ainda os principaes poemas dos principaes poetas. Este livro, tão umilde nas formas e na apparencia, é um monumento, que só poderá destruir quem puder alçar no lugar dele outro maior; este livro, é o mais capital serviço, que a Portugal se tem feito em pontos de civilisação. Que o confessem, que o escureçam, ou que o neguem, que o aceitem ou que o refusem, não lhe mudarão a natureza. O que é, é.

Antonio Feliciano de Castilho.

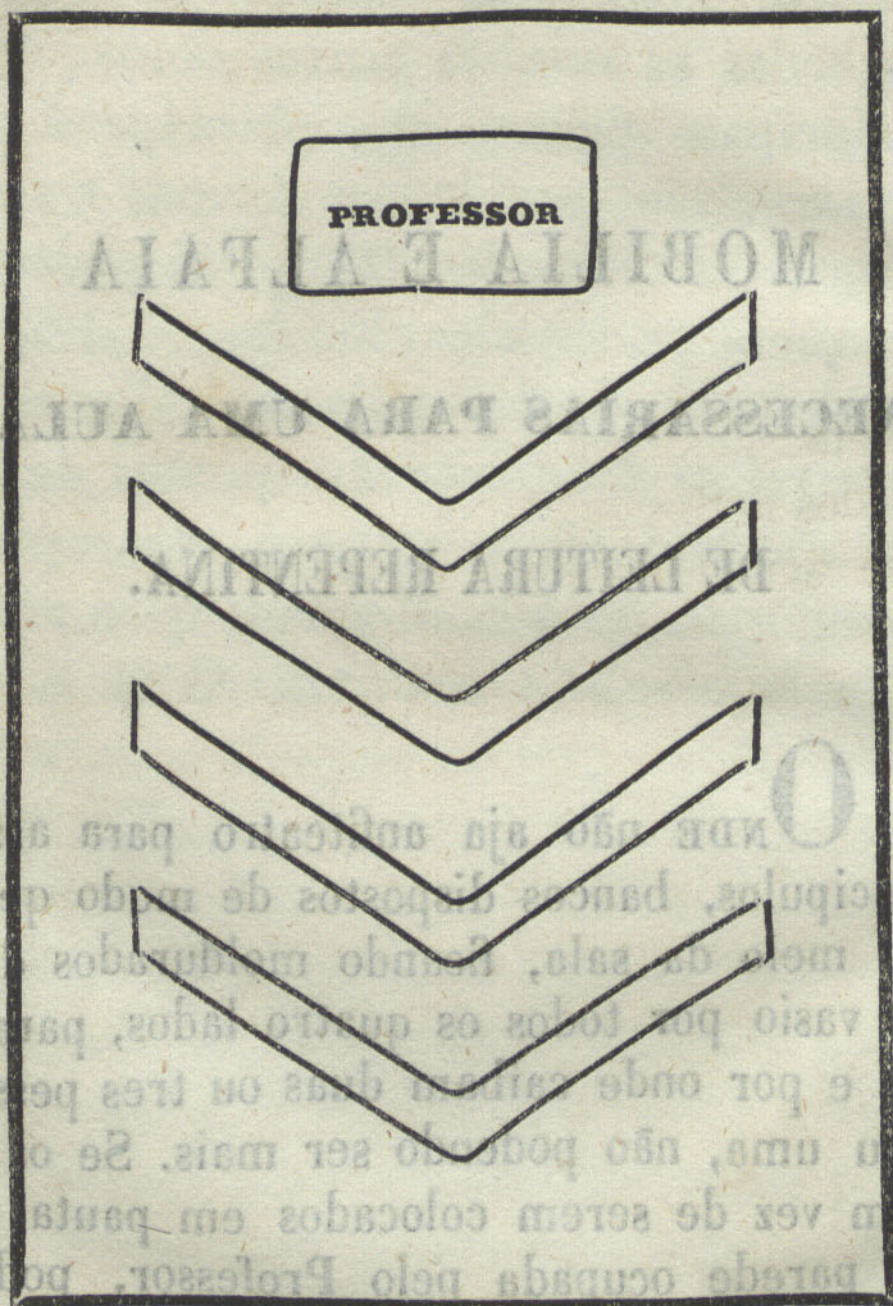
MOBILIA E ALFAIA

NECESSARIAS PARA UMA AULA

DE LEITURA REPENTINA.

1.º **O**NDE não aja anfiteatro para assentos dos discipulos, bancos dispostos de modo qe occupem o meio da sala, ficando moldurados de um espaço vasio por todos os quatro lados, para serventia, e por onde caibam duas ou tres pessoas a par; ou uma, não podendo ser mais. Se os bancos, em vez de serem colocados em pauta paralela á parede occupada pelo Professor, poderão ser dispostos na largura da casa a dois e dois, assim se arranjem, mas por modo, qe cada par de bancos forme um angulo obtuso, ou, pelo menos reto, com a abertura para a frente do Professor, e estes angulos vão entrando uns nos outros pela sala abaixo, na seguinte forma, pouco mais ou menos:





Se os angulos forem troncados no vertice, por modo qe entre os da direita, e os da esquerda, corra uma coxia para passagem, tanto melhor.

Se os bancos tiverem costas, e nas costas de cada a banco ouver uma taboa esconça para traz

em forma de carteira, e com um pequeno rebôrdado em baixo, averá a vantagem de poder cada discipulo ter o livro, ou papel da leitura comodamente poisado diante dos olhos, em vez de os estar estragando nas mãos, e a de ter ali mesmo uma meza para escrita.

2.º Um estrado no topo da sala; ou, sendo a sala demasiadamente vasta, ao meio de um dos seus lados mais compridos, colocados então os bancos em harmonia com o mesmo estrado.

3.º Sobre o estrado um assento para o Professor.

4.º Sobre o mesmo estrado e ao lado do assento, ou por traz d'ele, um engenho chamado 'nestas escolas *Mississipi da leitura*, ou *leitura continua*. Veja-se a estampa.

5.º Um quadro preto de madeira em que se possa escrever com giz, e que se monta, quando é preciso, no *Mississipi*, em maior, ou menor altura segundo convem.

6.º Giz, esponja, ou pano, e vara para apontar.

7.º Uma coleção completa dos quadros em grande da leitura repentina.

8.º Uma pequena estante, como as dos músicos, armada como quer que seja, mas em que se possam ter os quadros do alfabeto quando tem que se mostrar.

9.º Um exemplar d'este livro para o Professor, e outro, podendo ser, para cada um dos discipulos.

10.º Uma, ou mais teias de papel formadas de folhas pegadas pela eistremidade umas ás outras, sendo a largura destas teias proporcionada ao comprimento dos cilindros do *Mississipi* em que tem de ser enroladas. 'Nestas teias, que tambem poderão ser de algodão devidamente preparado para 'nele se escrever, averá, com grandes e bem visiveis caratères, frases prevenidas para a leitura, em letra redonda, e de mão, sendo os primeiros de letra redonda formados só de caratères maiusculos.

11.º Um compassador, sendo possivel obtel-o. É a maquina mostrada na estampa.

12.º Uma ardosia para cada discipulo, com a competente pena de pedra, lapis, ou gesseto.

13.º Quadros-modelos para a escrita, semelhantes aos que adiante vão 'neste livro, mas em ponto grande, como se vendem em coleção para estarem pendentes em rodá da aula.

14.º Uma caixa, qe póde ser o proprio vão do estrado, fechada á chave, para se guardar o material da escola, qe poderia levar descaminho.

15.º Sendo a escola noturna, placas de longos braços articulados, postas nos dois lados do *Mississipi*, para qe a luz se possa colocar como convier.

DISPOSIÇÃO DO PESSOAL DE UMA AULA DE LEITURA REPENTINA.

1.º O Professor ocupa o estrado, tendo de estar sempre á vista, a vigiar, e quasi sempre em ação.

2.º Os matriculados qe já começavam a ler, estão rigorosamente separados, e ocupam os bancos ultimos. Os qe não conheciam as letras, sentam-se nos primeiros. Os qe só as conheciam, ou pouco mais, formam o centro.

3.º Avendo discipulos dos dois sexos na mesma aula, completa separação dos rapazes e das meninas.

4.º Avendo substituto, ou ajudante official, ou officioso, o substituto, ou ajudante, rondará constantemente as bancadas, chamando á attenção os descuidados, coibindo os turbulentos, obrigando os mal ensinados a tomarem uma posição decente, mas tudo por gestos e sinaes, e sem voz que perturbe o andamento do estudo.

5.º No meio de cada banco, um dos discipulos escolhido pelas suas boas qualidades para vigiar os seus visinhos da direita e da esquerda, e fazel-os estar em ordem. Este cargo dos discipulos-vigias póde-se ganhar e perder segundo o merito, e desmerito do aluno.

6.º A novidade d'este metodo de ensino, a variedade e divertimento dos seus processos, o espetaculo da satisfação com qe os alunos o recebem, costumam atrair ás escolas crescido numero de visitadores. A sua presença é altamente inconveniente; distrae a cada passo a attenção dos ouvintes, e obriga o mestre a quebrar o fio da lição. e, ás vezes a parecer descortez pela imperiosa necessidade de coibir descortezias alheias.

Outro mal produz ainda esse concurso parasita, em qe ás vezes entram pessoas de espirito pouco benevolo, e é no Professor uma certa vergonha, sem bom fundamento, e entre tanto desculpavel,

que muitas vezes lhe proíbe submeter os seus alunos a provas, aliás necessárias, mas de que ele prevê, que não poderão ainda sair brilhantemente. O ensino, como todos os amores, tem também o seu pudor; deve-se-lhe respeitar. A escola é uma família no seu trato intimo; as suas portas só se deverão franquear aos que por vocação e destinação ao magisterio se qizerem vir 'nela iniciar.

A VISOS EISPERIMENTAES

AO PROFESSOR.

A afabilidade grave; uma paciencia quasi ineisgotavel; suma abnegação; vigilancia continua; severidade ineisoravel nos casos que a requererem; renunciação a todo o desejo de brilhar perante os ignorantes com termos escolhidos e pomposos; clareza massima, e suma ordem no encadear as idéas; atenção escrupulosissima a tudo o que tem de ensinar, e a tudo quanto os discipulos lhe respondem; familiaridade e umildade no estilo, nas comparações, nos eisemplos, em tudo o que se emprega com vantagem para a doutrinação; per-

zeverança para multiplicar e variar explicações sobre os pontos que logo á primeira se não comprehendem ; — eis-aqui muito raras qualidades, porém muito importantes n'um precetor por este metodo.

Considere os discipulos como filhos, pelo menos como amigos, em todo o caso como omens ; não recuse jámais uma elucidação que se lhe requeira ; provoque até o proporem-se-lhe duvidas ; louve os que o fizerem, e agradeça-lh'o, porém em termos moderados ; os elogios (é uma triste verdade demonstrada pela pratica) muitas vezes ensubерbecem, desvairam, e corrompem o elogiado. Estes e quaesquer outros premios reserve-os por tanto para os dar, com toda a possivel largueza, no fim do curso.

No remate d'este livro se achará com a competente musica o *Ino para a distribuição solene dos premios.*

Das qualidades fisicas desejaveis para um Professor das nossas escolas, as principalissimas, são um peito forte, uma voz sonora, e um ouvido subtilissimo, e uma cabeça que não cance facilmente com o estrondo, nem com a atenção continuada. A isto ajuntaremos uma pronuncia clara e distinta, um falar e um lêr devidamente pausado e acentuado. As vozes muito sumidas e como que sepulcraes ou cavernosas, as que por outro qualquer modo são naturalmente ingratas aos ouvidos de

quasi toda a gente, para logo dissipam no auditorio a virtude da atenção. Os vícios de pronuncia, a troca de certas consoantes, a adulteração de outras, o mal distinto dos sons, o comer silabas intermedias ou finaes, o mastiga-las, o balbuciar, tartamudear, e gaguejar são impedimentos gravissimos para este magisterio; — os que tiverem qualquer d'estes tristes defeitos, procurem primeiro vencer-o, e só depois de averem triunfado se apresentem.

TEMPO E MODO DAS LIÇÕES.

O tempo das lições por este metodo poderia ser por parte dos discipulos, tão longo como se qizesse; quasi tudo é aqi para eles tão variado, tão divertido, qe apenas lhe deixa desejos para a chamada recreação; mas não é assim para o mestre. O qe em trabalho se tirou a qem aprende, cresceu a qem ensina. O Professor está sempre em cena, quasi sempre em pé, gritando, palmeando, acionando, atentissimo a tudo, e para toda a parte, ao qe diz, ao qe deve dizer, ao como o deve dizer, ao qe eiseuta, ao qe ouve, ao qe deixa de ouvir, ao qe se faz, e ao qe se omite; — mais de duas horas a fio, já se lhe tornariam fadiga in-

suportavel. Duas horas pois nos cursos noturnos, duas de manhã, e duas de tarde nos diurnos, devem-se aver por espaço muito sufficiente. Os que reunissem curso diurno e noturno, poderiam dar duas oras de manhã, uma de tarde, e duas no serão.

Como o cantar é inteiramente do gosto da puericia, convem que por um canto se abra a escola, e por outro se remate; d'este modo os discipulos terão pressa em chegar, e empenho em se conservar até ao fim.

Para a abertura temos a *Invocação a Deus*, para a conclusão, o *Ino do trabalho*, e um segundo para as classes femeninas. Umas e outras letras vão com a competente musica no fim d'este artigo, bem como o *Ino da Ilustração do Eiser-cito* para as escolas regimentaes, e o *Ino dos Presos* para as das cadeias.

A lição seja sempre o mais variada possivel; logo que se presinta que algum dos eiserccios começa não digo a fatigar, mas a interessar menos, fuja-se repentinamente para outro. Lêram muito no quadro? passem a lêr auricularmente; — decompuzeram sentados? decomponham marchando; — responderam ás perguntas sobre cada letra? cantem as regras; — lêram no impresso? escrevam nas ardosias; — lêram por figuras? façam-se jeroglificos, ou desenrole-se o *Mississipi*; — leitura em côro; — leitura individual; — lei-

tura por bancos; — leitura alternada a dois cô-ros; — um paragrafo sentado, um paragrafo em pé; — numeração romana; — leitura por silabas; — numeração arabica; — leitura por cima; — escrita ditada; — escrita *ad libitum*, etc., etc.

Esta condição impreterivel da variedade, nos conduz naturalmente a um conselho importante. Mestres á qe por um eisceessivo amor á correção, fazem recommear, e repetir até á saciedade e ao tedio a mesma coisa em qe os discipulos á primeira vez não atinaram, e qe até muitas vezes, porqe um só d'eles errou, castigam toda a escola com a repetição; a eisperiencia lhes provará sempre qe fazem mal; o qe a principio era só defeituoso, á força de repizado tornou-se a final defeituosissimo, porqe ele por eiscecesso de zelo matou a atenção e a boa vontade; aí começa a aversão mutua entre mestres e discipulos, e a aversão de discipulos e mestres á lição, calamidade tão frequente, antes constante nas escolas do antigo metodo, e de qe Deus pela sua infinita misericordia defenda as nossas para todo o sempre.



ADVERTENCIA PRÉVIA À LIÇÃO PRIMEIRA.

O objeto principal d'esta lição, é animar os alunos para o estudo com a certeza da facilidade e agrado, qe por todo ele ão-de encontrar; metel-os desde o primeiro passo, na decomposição das palavras em silabas e em letras e na leitura auricular; fazer-lhes conceber praticamente a diferença qe á entre sons e articulações, isto é, entre *vogaes e consoantes*; dar-lhes a conhecer as vogaes, isto é, os sinaes com qe se representam os sons; e fazer com qe leiam desde logo algumas palavras.

O mestre procurará, antes de tudo, imbuir-se bem na doutrina da lição; fazel-a sua propria afim de a poder tornar tão clara quanto as suas faculdades lh'o permitam; evitará cuidadosamente (e isso sempre) o emprego de termos superiores á compriensão dos seus ouvintes; recorrerá, para se eisplciar a quantos eisemplos e comparações mais familiares e umildes lhe ocorrerem. A fisionomia, a voz, os modos do precétor devem ser graciosos e faceis. Quando a natureza do assunto for de riso, como na istoria da figura d'algumas letras,

os seus discipulos podem rir; até lhes deve ser consentido o comentarem, o gracejarem, o responderem todos simultaneamente, o fazerem bulha; tudo isso (não passando a eiscesso) contribue para tomarem, desde o principio, o gosto do estudo, e os predispõe para fazerem 'nele maior progresso.

Quando mostrar as letras, deverão os quadros estar colocados ao lado do mestre em logar elevado, uns por traz dos outros como no livro estão as paginas; (para um só discipulo ou dois, desnecessarios são os quadros e este livro basta).

O mestre fará sobre a imagem, qe se acha á direita de cada letra, e, por conseguinte, á esquerda do espétador, a pequena istoria eispliativa, qe logo diremos, ou outra similhante e preferivel, se lhe occorrer; advertindo, qe, quanto mais 'nessas istorias ele meter de circumstancias, de pessoas, ou coisas, bem conhecidas e familiares aos seus ouvintes, tanto mais saborosa e facilmente os instruirá.

A necessidade, qe eu tive, de resumir e concentrar cada uma destas istoriasinhas, para caberem na pagina correspondente á das figuras, me impediu adubal-as, e, mesmo esclarecel-as, como aliás conviria. Carta branca ao Professor, para ampliar, 'nesta parte, quanto podér e qizer.

O Professor terá sempre cuidado em mostrar a letra, como sombra da figura visinha, e em lhe

dar, bem distintos, todos os diversos valores, que ella póde ter.

Eisplificada assim a primeira pagina, se é pelo livro que ensina; ou primeiro Quadro, se professa diante de multidão, passará á segunda pagina, ou ao segundo Quadro, escondendo o primeiro para evitar distrações; do segundo ao terceiro com a mesma cautela, e assim por diante.

Chegado ao fim das seis vogaes, recommençará pela mesma ordem, e com o mesmo methodo, repetindo a operação quantas vezes julgar conveniente, isto é, até que os discipulos, ao verem cada Quadro, gritem prontamente, e sem esitar, o nome ou nomes da sua figura ou letra.

REGRA GERAL: 'NESTE, COMO EM TODOS OS ESTUDOS, É UMA CONDIÇÃO ESSENCIAL, PARA SE CONSEGUIR VERDADEIRO APROVEITAMENTO, NUNCA JÁ-MAIS PASSAR ADIANTE SEM SE ESTAR COMPLETA E IMPERTURBABELMENTE SENHOR DO ATRASADO.

Darei rasão de me não ter conformado na collocação das letras, com a ordem adótada em todas as cartilhas, e seguida nos dictionarios. Essa ordem, é a mais desordenada coisa, que nunca ouve. As letras vogaes, e as consoantes, vão misturadas ao acaso; as consoantes parentas, arredadas umas de outras, e entremiadas de estranhas, etc. Pareceu-me, que no classificar, e distribuir as letras em grupos, segundo as suas analogias, ou simpatias mútuas, serviria melhor ao instinto,

que todos temos, de arranjo, e facilitaria por consequencia, o aprender. Eis experiencias reiteradas me provaram que tinha razão.

Dou, pois, em primeiro lugar, as duas familias de vogaes: *a, e, i, y; o, u*. Na seguinte lição as consoantes, que não tem analogas, *m, n, l, r*. Seguem-se as analogas; a saber: *b, e p; d, e t; f, e v*. Vem apoz as unisonas, ou de identico valor, *q, k, e c*. O *c*, faz pelo seu outro valor, que é o mesmo que o do *s*, tranzição natural para o *s*; bem como o *s*, pelo seu valor de *z*, faz natural tranzição para o *z*; o *z*, pelo seu valor de *x* em final de palavra, chama para ao pé de si o *x*. Segue-se o *j*, e o *g*. Terminamos pelo *h*, por ser figura muitas vezes morta e nula.

Poder-se-á objectar a esta classificação, a necessidade, que á, de se ter de cór a ordem alfabética, recebida corrente e geral, que é a dos vocabularios. Não á dúvida, em que essa anárquica e desorientadíssima ordem, é indispensavel saber-se; mas não se segue d'aí, que a devamos aprender n'um momento, em que ela não serve senão de nos perturbar. Depois de bem sabidas as letras, que é todo o nosso empenho agora, aprenderemos, e com muita facilidade, essa convencional distribuição do *abc*; para o que, 'neste mesmo livrinho, ao diante se acharão formulas muito eficazes.

No ensino do ler por este metodo, o ritmo é uma parte essencial; o mestre que não tiver de

seu um ouvido ritmico, forceje pelo ir creando primeiro em si, e logo depois nos discipulos; sem ritmo não á modo de se conseguir o ensino simultaneo, e vai-se inevitavelmente cair na miseria das decurias, ou do chamado ensino mutuo. Ritmo chamo á coincidencia e harmonia das vozes, qe, a tempos certos e com iguaes compassos, proferem distintamente as mesmas palavras, as mesmas silabas, ou as mesmas letras. O ritmo nas nossas escolas é acompanhado pelos discipulos com uma palmada a cada palavra, silaba, ou letra, qe se profere; competindo ao mestre ir marcando com suma eisação todos estes palmeados cortes do dizer, por via de pancadas batidas com uma vara no chão, movimentos do braço, ou qualquer outro modo semelhante. Avendo um compassador, maquina qe ideei para marcar aos olhos e aos ouvidos os tempos com qualquer gráo de velocidade desejavel, a cadencia ritmica com muita mais facilidade se adquirirá e com muita mais perfeição.



LIÇÃO PRIMEIRA.

SUMARIO.

Análise e sintese das palavras; distinção dos seus elementos em sons e articulações; letras vogaes, ou sinaes visiveis em qe os sons se traduzem; ritmo.

Falamos palavras; escrevemos palavras; lemos palavras.

As palavras, qe são eispressões sensiveis de idéas, e qe as comunicam ao espirito de outrem pelos ouvidos sendo faladas e pelos olhos sendo escritas, podem ser de diversos tamanhos, sem qe a grandeza ou pequenez d'elas corresponda á grandeza, ou pequenez da coisa por elas significada; assim a palavra *candieiro*, sendo quatro vezes maior qe a palavra *sol*, eisprime um objeto milhões e milhões de vezes mais pequeno qe o *sol*; e o vocabulo *Deus* é quatro vezes mais curto

vras a uma e uma, pronunciando cada uma clara e distintamente, mas de um jato, e fazendo com que os ouvintes lh'a recambiem logo dividida em silabas, acompanhada cada silaba por cada um d'eles com uma palma; e tendo cuidado em que as palmas e as vozes coincidam perfeitamente como se fossem uma só palma e uma só voz; para o que os deverá ir guiando com uma pancada de vara no chão a cada silaba, ou com um movimento do braço, ou com outro qualquer sinal, caso não tenha na aula o compassador mecanico. Eisemplos, em perguntas e respostas:

Pergunta. Trabalho?

Resposta. Tra-ba-lho.

P. Vida?

R. Vi-da.

P. Jardineiro?

R. Jar-di-nei-ro.

P. Rei?

R. Rei.

Estes eisemplos multipliquem-se em quanto se vir que são necessarios e que não fatigam.

Apenas se notar que principia distração, e ao mesmo tempo se vir que á ainda necessidade de teimar, recorra-se a um eispediente que é dos mais apraziveis para os discipulos, e com o qual o mesmo eisercicio debaixo d'outra forma se póde continuar por algum tempo. Se o numero dos estudantes, e o espaço, e a distribuição da sala o

permitirem, formem-se a um, ou dois, ou tres de fundo de roda d'ela, ou n'um pateo, ou jardim, onde o ouver, e se o tempo o consentir, e marchando todos ao mesmo compasso, prosigam dividindo em silabas as palavras qe o mestre lhes proclamar, acompanhando todos cada silaba com um passo e uma palmada; as palavras qe á primeira vez não sairem bem, repitam-se. Este eiser-cicio, em qe tem de se armonisar tres coisas, o movimento dos pés, o das mãos, e a voz, é for-çosamente irregular e quasi tumultuario no seu principio, mas como é parte importantissima para o ritmo, convem aplicar-lhe todo o cuidado até se obter a marcha silabica perfeita; tambem para aqi póde ser de grande aussilio o compassador.

É evidente qe nem no primeiro dia, nem nos primeiros, se logra levar todas estas coisas ao mais subido ponto; não se insista por tanto por óra 'nesta primeira pratica por mais tempo do qe for razão, e passemos da divisão das palavras em silabas, á subdivisão das silabas em elementos.

Sentados silenciosos os discipulos, o mestre os convida para um eiserercicio qe lhes anuncia ser, alem de vantajoso, facil e aprazivel.

«Vistes já» lhes dirá ele, «um miseravel to-mado de vinho, caído, sem forças, nem para se mover, nem quasi para falar? reparastes como a lingua se lhe emperra? como as palavras lhe saem descozidas umas das outras, vagarosas, estiradas,

por modo, qe parece cada uma uma enfiada de diferentes partes mal unidas? Pois é esse bruto qe nos vai agora servir para 'nele fazermos a anatomia das palavras.»

Aqi o mestre não se envergonhe de proferir algumas palavras á moda dos bebados, qe segundo a eispressão vulgar, *se não podem lamber*.

Il n'est point de serpent, ni de monstre odieux,
Qui par l'art imité ne puisse plaire aux yeux.

Em arremedar para utilidade um objeto ridiculo, não á mal, nem desar; o desar para um mestre, e o mal 'numa escola, é só o não ensinar no menos tempo possivel o mais possivel, e antepor o qe adormenta, ou faz fugir, ao qe chama pela atenção e redobra o gosto.

Suponhamos qe é *navio* a primeira palavra qe lhes quer apresentar para eisemplo d'esta recitação esparralhada. Dir-lhes-á primeiro *navio*, correntemente; depois, o mesmo dividido nos cinco elementos de qe o vocabulo se compõe, tendo cuidado em não falsificar nenhum d'eles, e em os proferir a um e um com certa demora e desleixo imitativo: *n-á-v-i-u*; *Mulher*, *m-u-lh-é-r*; *Terra*, *t-é-rr-â*.

Como estes dê quantos eisemplos lhe parecer conveniente, tendo sumo tento em dar a cada elemento ou letra o seu valor purissimo, para o qe

se deverá antecipadamente enfrascar nas explicações de todos os valores das letras que se acham nas seguintes lições.

Após este eiseercicio de introdução, e em que os discipulos são meramente ouvintes, observar-lhes-á como cada silaba contem um ou mais elementos; por outra, como cada uma d'aqelas postas em que eles já sabem cortar a palavra, se pode dividir em lascas, que é o que efetivamente faz o bebado. Observar-lhes-á, que, com um pouco de atenção, é muito facil distinguir 'numa silaba quantos são os elementos de que ella consta. Por que, se a silaba acaba como começa, tem um só elemento, isto é, uma só letra. Se a silaba começando de um modo passa logo a outro, e 'nele acaba, tem dois elementos. Se o principio, o meio e o fim da silaba diversificam no ouvido, tem tres elementos ou letras. Se o principio e o fim são distintos, e no meio se podem colher dois valores também distintos, quatro elementos terá a silaba, ou quatro letras. Assim das tres silabas de *Navio*, a primeira que é *Na*, principia por um *N*, e acaba por um *á*, sem mais nada de permeio, é uma silaba de duas letras; — *vi*, está no mesmo caso; começa por *v*, e acaba logo por *i*; — a terceira silaba *o*, que se lê *ú*, pela sua posição em fim de palavra, faz um som indivisiavel, sendo o som que a começa o mesmo que a acaba, logo tem um só valor, ou uma só letra.

Nas duas silabas de *Mulher*, a primeira *Mu*, só dá ao ouvido duas diferenças, principio e fim: *M, u*; — *lher*, tres, principio, meio e fim: *lh, é, r*.

Depois de multiplicar eisemplos d'esta analyse, feita sempre com a maior eisação, passe a propôr-lhes, a uma e uma, palavras, para qe eles as dividam primeiro em silabas, e logo depois em elementos, valores, ou letras, fazendo coincidir com uma palmada a recitação de cada silaba, e a de cada letra, e com o maior cuidado em qe palmadas e vozes saiam simultaneas e unisonas de todo o côro.

Não é no primeiro, nem nos primeiros dias, repito, que estas coisas se levam a uma eisação perfeita, e tanto mais, qe, um dos segredos principaes deste ensino, é a variedade, e por isso se não pôde insistir muito a-fio em cada eiserercicio. Até aqí tem os discipulos feito a analyse, passemos á synthese.

Decomposéram palavras, componham-nas; tem andado no caminho qe leva pela escrita á leitura, entrem no qe leva pela leitura á escrita; — escrita e leitura, são por este metodo inseparaveis.

O mestre dê distinta e separadamente os elementos de uma palavra, acompanhando-os com palmas, os discipulos, com palmas tambem lhe restituam a mesma palavra por silabas, e depois por inteiro.

EISEMPLO:

MESTRE = *F, e, r; m, en; t, u?*

CÔRO DE DISCIPULOS = *Fer; men; tu: Fer-mento.*

MESTRE = *Q, á; r, á; v, é; l, á?*

CÔRO DE DISCIPULOS = *Ca; ra; ve; la: Ca-ravela.*

É isto o que nas nossas escolas se chama *leitura auricular*.

Depois d'algumas palavras lidas pelos discipulos auricularmente, passe-se á leitura auricular alternada. O mestre proponha, como acaba de fazer, os valores, elementos, ou letras, para que os discipulos lh'os devolvam juntos em silabas, e as silabas em palavras; os mesmos discipulos em ato continuo, sempre em côro e com palmas, lancem ao mestre os valores, elementos, ou letras da mesma palavra, para que ele lh'os recambie em silabas, e finalmente na integra.

EISEMPLO:

MESTRE = *R, á; p, á, ch?*

DISCIPULOS = *Rá; pás: Rapaz.*

OS MESMOS DISCIPULOS = *R, á; p, á, ch?*

MESTRE = *Rá; pás: Rapaz.*

MESTRE = Q, á; z, u?

DISCIPULOS = Cá; zu: *Caso*.

Os MESMOS DISCIPULOS = Q, á; z, u?

MESTRE = Cá; zu: *Caso*.

Feito um pouco de todos os precedentes eiser-
cícios, é tempo de observar qe dos elementos de
qe as palavras se compõem, uns são sons, e ou-
tros não. Os sons na nossa lingua são dezaseis;
nove puros, e sete nasalados; isto é, como qe pro-
feridos em parte pelo nariz. Os nove puros são:
á, á, é, é, e, (com o valor qe tem na primeira
silaba de *meditar*) i, ó, ó, u; os nasalados são
an, ão, en, (como na primeira silaba de *entra*) em
(como em *bem*) in, on, un.

Observe-se mais o como os nove sons puros (de
qe os nasalados não são senão variedades) con-
siderados em relação ao ouvido parecem formar
duas escalas — 1.^a á, á, é, é, e, i — 2.^a ó, ó, u;
mas em relação á boca de qem os profere pa-
recem constituir uma só escala, proferindo-se o á
abrindo-se a boca o mais possivel; e indo-a pro-
gressivamente fechando pelos outros sons até o u,
em qe já quasi de todo está cerrada.¹

¹ É possível com esforço pronunciar os nove sons, sem que
na bôca se deixe notar esta progressiva diminuição de abertura,
mas o natural, é o que no texto se observa, que todos podem
verificar, e que o Mestre deve fazer verificar pelos seus ou-
vintes.

Os sons saem da garganta já formados, o que é facil de reconhecer pondo sobre ella a mão para lhe experimentar o tremor que acompanha cada som. Não assim os outros valores. O *F*, o *M*, o *X*, o *L*, o *N*, o mesmo *R*. etc., são modificações que os sons recebem pelas varias posições que ao passar d'eles tomam a lingua, os beiços e em geral as partes do instrumento vocal que ficam para cima da garganta. Os sons poderiam todos ser proferidos sem lingua, sem dentes, e quasi sem labios; os outros valores que figuram nas palavras dependem essencialmente de todas estas peçass sobrepostas ao instrumento. Os sons teêm por tanto uma eistencia real e independente, em quanto os outros elementos da palavra não passam de modificações aos mesmo sons, o que fez dar aos sons o nome de vogaes; e aos outros elementos o de consoantes, articulações, ou intonações. Eu chamaria aos sons *elementos substantivos*, e aos outros valores *elementos adjectivos* das palavras, denominação que teria de mais a vantagem de acender anticipada uma pequena luz para os estudos da gramatica.

Passemos a mostrar os sinaes com que se representam aos olhos sons, que por sua natureza eram exclusivamente destinados aos ouvidos.

O mestre colocará os seis quadros das vogaes uns por traz dos outros, e irá explicando cada um detidamente fazendo sobre a imagem que se acha

à direita de cada letra, e, por conseguinte á esquerda do espétador, a pequena historia explicativa, qe logo diremos, ou outra similhante e preferivel, se lhe ocorer; advertindo, qe, quanto mais 'nessas historias ele meter de circumstancias, de pessoas, ou coisas, bem conhecidas e familiares aos seus ouvintes, tanto mais saborosa e facilmente os instruirá.



A Este periguiçoso passa os dias a bocejar. O som, qe faz, abrindo a boca, é, umas vezes, mais, outras, menos claro. Ora diz *Á*, com o valor do primeiro *Á* de *Ave*; ora, *Á* com o valor do primeiro *A* de *Anna*. *Á* direita está a sombra d'ele, e, como ao omem costumam chamar, por zombaria, o senhor *Á* ou *Á*, o mesmo nome de *Á* ou *Á*, dão á sombra.

a

O rapazinho, é madraço, assim como o senhor seu pai; encosta-se ás arvores, segundo ali se vê, e faz abrindo a boca os mesmos sons qe o pai; por isso lhe chamam o *á* ou *á* pequeno. *Á* sua sombra qe está á direita chama-se igualmente *á* ou *á* pequeno; como á primeira *Á* ou *Á* grande.

E

Pobre padeiro! Estava gente do forno, abriu a porta, e constipou-se. Está com uma tosse, qe mete dó; tosse de cinco modos; ora dando o som de *Â*¹ como bem se póde observar na segunda letra de *lei* qe se lê *lái*; ora o de *Ê* como a primeira letra de *égua*; ora o de *Ê* como a primeira de *êle*; já de *E* quasi mudo como a ultima de *feli-cidade*; já de *I* como a primeira silaba de *edificar*² qe se lê *idificar*. Os visinhos já lhe não chamam senão o senhor *Â*, *Ê*, *Ê*, *E*, *I*, com os valores já designados e o mesmo á sua sombra.

e

O pequeno é seu filho, constipou-se na mesma ocasião, e tosse como ele; dão-lhe os mesmos cinco nomes, e do mesmo modo pronunciados, *â*, *é*, *é*, *e*, ou *i* pequeno, e a mesma designação de *â*, *é*, *é*, *e*, ou *i* pequeno á sua sombra.

¹/₂ } Vidè notas pag. 40.



E



e

Aqilo é um demente, qe nem falar sabe. Vive contentinho, e anda sempre a dizer: *i, i, i!* Chamam-lhe por isso o senhor *I* grande, e á sua sombra *I* grande.

i

O rapazinho, qe é seu filho, atira ao ar uma bola, mas todas as vezes qe ela vem para lhe cair na cabeça, assusta-se, e grita *i!* chamam-lhe *i* pequeno, e o mesmo á sua sombra.



I

Não é assim logo á primeira vista e está ali
um arte. Pois é verdade, é um arte grego;
levantando as pernas para o ar e diz: Cha-
mam-lhe o sephor i grego, e á sua somaria i grego,
ou, simplesmente i.



i

Este é outro arlequin grego, seu ho de, faz o
mesmo. Chamam-lhe i grego pedeno á sua som-
ria i grego pedeno, ou i pedeno.

Y

Não conhecem logo á primeira vista qe está ali um arleqim? Pois é verdade, é um arleqim grego; alevanta as pernas para o ar e diz: *i, i, i!* Chamam-lhe o senhor *i* grego, e á sua sombra *i* grego, ou, simplesmente *i*.

y

Este é outro arleqim grego, seu filho qe, faz o mesmo. Chamam-lhe *i* grego pequeno, e á sua sombra *i* grego pequeno, ou *i* pequeno.

O



Y



Y

O

Com este arco brincam os rapazes, lançando-o a correr, de uma parte para a outra; quando o vêem rodar, fazem grande algazarra; uns berram: Ó, Ó, Ó! como a primeira sílaba de óra; outros ó, ó, ó! como a primeira sílaba de óvo; outros u, ¹ u, u! como a primeira sílaba de uva; entre a rapaziada chama-se pois ao arco ó, ó, ou u, e o mesmo á sua sombra.

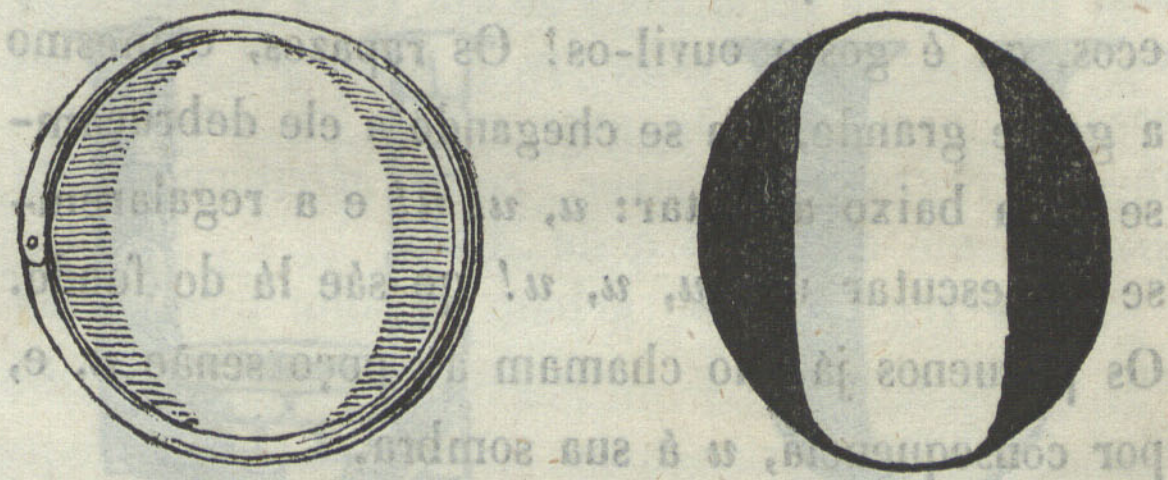
O

Outro arco mais pequeno, com qe os mesmos rapazes fazem o mesmo jogo, e dão os mesmos apupos. Chamam-lhe ó, ó, ou u pequeno, como ao outro chamam ó, ó, ou u grande.

¹ Vidè nota pag. 41.

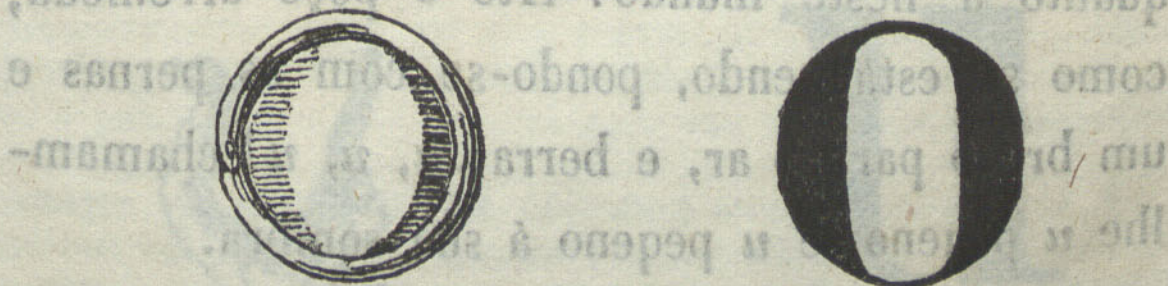
U

Formidável poço é este! Faz lá em baixo uns



U

O gatinho tem a mania de arremedar tudo quanto é neste mundo! Até o poço arremeda,



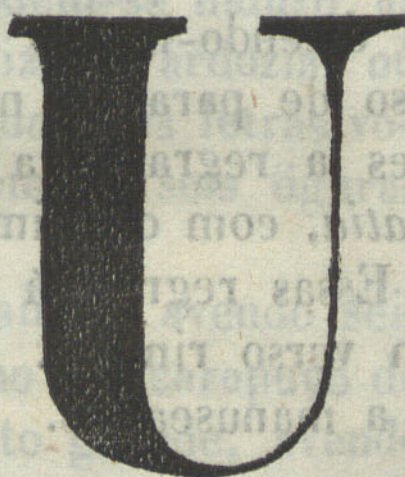
U

Formidavel poço é este! Faz lá em baixo uns ecos, qe é gosto ouvil-os! Os rapazes, e mesmo a gente grande, em se chegando a ele debruçam-se para baixo a gritar: *u, u, u!* e a regalarem-se de escutar um *u, u, u!* qe sáe lá do fundo. Os pequenos já não chamam ao poço senão *u*, e, por consequencia, *u* á sua sombra.

U

O gaiatinho tem a mania de arremedar tudo quanto á 'neste mundo! Até o poço arremeda, como se está vendo, pondo-se com as pernas e um braço para o ar, e berra: *u, u, u!* chamam-lhe *u* pequeno, e *u* pequeno á sua sombra.

Temos conhecidas as seis letras vogaes ou sub-
stantivas, com as se representam todos os nove
sons puros da lingua portugueza. Ahi o mestre
escreva com giz no quadro preto de deve estar no
topo da aula, e laca ler as seguintes palavras: Ah,
aia, uia, ei, eu, ia, io. Nas letras, duvido-
sas, isto e, de leem mais de um valor ajuda-os a



Os nomes de A, dado no A, isto se acha na primeira edi-
ção; pois no texto original, foi o mesmo antigo, e os nomes de
leão e Silva, talento eminentemente observador, e cujos traba-
lhos nestas materias de linguagem, são muito valiosos. Com
efeito, o e antes do A, segundo a pronuncia da capital, e de
muitas outras partes do reino, e quasi sempre, talvez sempre,
a de A. No Alentejo, e noutras provincias, difere. Os campo-
nezes dos arredores de Lisboa, pronunciam-no como e, e supri-
mido o e; dizem, portanto, em lugar de quistiza, e nos mui-



Temos conhecidas as seis letras vogaes ou substantivas, com qe se representam todos os nove sons puros da lingua portugueza. Aqi o mestre escreva com giz no quadro preto qe deve estar no topo da aula, e faça ler as seguintes palavras: *Aí, aía, aiai, eí, uí, eu, ia, eia*. Nas letras, duvidosas, isto é, qe teêm mais de um valor ajudal-os-á ou dizendo-lhes o valor qe a letra ali tem, no caso de para ele não aver regra, ou ensinando-lhes a regra se a ouver, como acontece, *verbi gratia*, com o ultimo *a* de *Aia*.

Essas regras lá se acham adiante formuladas em verso rimado. É conveniente começar desde já a manuseal-as.

¹ O valor de *á*, dado ao *E*, não se acha na primeira edição; qem m'o fez notar, foi o meu amigo sr. Eduardo Napoleão e Silva, talento eminentemente observador, e cujos trabalhos 'nestas materias de lingoagem, são muí valiosos. Com efeito, o *e* antes do *i*, segundo a pronuncia da capital, e de muitas outras partes do reino, é quasi sempre, talvez sempre, a de *ái*. No Alemtejo, e 'noutras provincias, difere. Os camponeses dos arredores de Lisboa, pronunciam-no como *é*, e suprimem o *i*; dizem *mantéga*, em logar de *manteiga*, e nós *manláiga*.

São minudencias, mas 'numa boa prosodia não se podem desprezar.

² Á pessoas de muita illustração mas proluchas, qe negam ao *E* o valor de *I*. Entretanto, no pronunciar de quasi todos *Pedro e Antonio* é *Pedru i Antoniu*, *egual igual*, *egreja igreja*, se ha differença, qe eu não faço nem jamais percebi fazer-se, deve ser minima, e de minimos nem os prelores curam, nem os proprios matematicos fazem caso.

DIVERTIMENTOS.

Para as óras de recreação, tanto em collegios, como em casas particulares, podem-se induzir as crianças ou a copiarem com giz em ardozia, ou com lapis em papel as fórmãs das seis letras vogaes, ou mesmo a arremedarem as seis figuras de qe as letras são sombras.

Um bom passatempo seria ainda, avendo seis crianças, pintar-se a cada um no seu carapuço de papel uma das vogaes em ponto grande, avendo doze as grandes e pequenas; e sendo mais repetirem-se, e fazer com que elles nos seus jogos se chamassem pelos nomes das suas letras.

1 Também a respeito d'este terceiro valor do O á ouvidos eiscessivamente delicados, qe o negam; dizem qe o ultimo som de *peru*, não é o mesmo qe o ultimo de *pero*; concedo-lhes qe a palavra *pero* e a palavra *peru* são tão diversas como os seus significados; mas a sua differença não está no som final; está em duas outras cousas; está na diversidade de som da primeira silaba, e na diversidade de duração das duas silabas; em *pero* é pausada a primeira e fugitiva a segunda; em *peru*, pelo contrario, é fugitiva a primeira e a segunda pausada; demoro-me mais no *ru* de *peru*, menos no *ru* de *pero*; mas realmente, o *u* de *pero* e o *u* de *peru*, profiro-os do mesmo modo.

LIÇÃO SEGUNDA.

SUMARIO.

Recorda-se a primeira — Mostram-se as consoantes que não têm analogas, m, n, l, r.

O principio desta lição deve ser: 1.º decomposição de palavras em sílabas; 2.º decomposição de palavras em elementos; 3.º leitura auricular; 4.º leitura auricular alternada; tudo com a maior eisação; tudo ritmicamente; tudo, segundo o recomendado na lição primeira.

Eisplique-se novamente a diferença das letras substantivas, e adjectivas. Tornem-se a mostrar os seis quadros da vespera, corrigindo alguma inei-zação que ainda possa aparecer ao repetirem os valores das suas figuras; porque, nunca me cançarei de o repetir, no ensino de qualquer ciencia, ou de qualquer arte, em que á forçosamente dedução e encadeação logica de idéas, não se deve jámais

dar por sabido o que ainda o não está completamente. 'Nisto, como nos edificios materiaes, é preciso deixar assentar, ligar, e consolidar bem os alicerces, antes de começar a parede; e a cada fiada de parede, qe se levanta, dar-lhe igualmente o tempo de sazoar, antes de a carregar com outra. Této ou abobada qe sobre paredes taes se não estribe, tem de desabar, e onde se contava com um palacio, achar-se-ão ruinas. Por se não atender a um ponto tão capital, e tão evidente, é qe vemos todos os dias, depois de longos cursos de estudos, ciencia nula, ou, o qe pior é, confusão, incoerencia, misto de luz e trevas, impossibilidade de vir jámais a saber.

Apresentem-se, com as mesmas clausulas, qe já ficaram notadas a respeito desses seis quadros, os quatro seguintes *m*, *n*, *l*, *r* com as historias qe se seguem.



M

É uma vara de medir, feita de regoazinhas; pertencia a um logista muito tartamudo; quando ele queria pedir a medida aos caixeiros, dizia-lhes: «dá-me cá essa me... me... me... medida»; os caixeiros ouvindo o *me* diziam-lhe «aqui tem a *m.*» O logista era de feição, e passou a chamar á medida *m.* O mesmo nome se dá á sua sombra, pronunciando-o como a primeira sílaba de *medida*, mas ainda mais surdamente.

m

Na mesma loja avia outra medida mais pequena de fita; para a distinguir já se vê, qe se lhe avia de chamar *m* pequeno, como a outra *m* grande.

N

Fora madraço era este omem! Em vez de ir
para o trabalho, arimava-se com o beldão a um
M M

m

O filho tomou a manha do pai; era servente
de pedreiros, mas tambem se ficava a preguizar,
m m

N

Forte madraço era este omem! Em vez de ir para o trabalho, arrimava-se com o bordão a um pilar, e assim ficava todo o dia; quando os outros trabalhadores lhe diziam: «anda d'aí bruto... vem para a obra», abanava as orelhos, e tão preguiçoso era, qe nem lhes chegava a dizer: não vou; respondia *ne, ne*, por isso lhe chamavam o senhor *n*, e á sua sombra *n*, pronunciado como a primeira sílaba de *negar*, e ainda mais surdamente.

n

O filho tomou a manha do pai; era servente de pedreiros, mas também se ficava a preguiçar, como ali o estão vendo; e aos outros serventes, qe o desafiavam para os ajudar, dava ele o mesmo troco: *ne, ne*; chamavam-lhe o *n* pequeno, assim como á sua sombra, para o distinguir do pai, qe era o *n* grande.

L



N

I



n

L

Forte madraço era este omem! Em vez de ir
 Aí está um ledor tão afincado, qe de manhã
 até á noite, não faz senão ler; os visinhos quando
 passam, indo para o trabalho, ou recolhendo-se,
 e vendo-o sempre na mesma postura, dizem-lhe,
 a modo de chacota: *lé*; ficou-lhe o nome de *l*,
 mas pronunciando ainda mais surdamente do qe
 a primeira silaba de *legado*. Á sua sombra tam-
 bem chamamos *l* pronunciado do mesmo modo.

I

O filho tomou a mania do pai; era servente
 de pedreiros, mas tambem se ficava a preguiçar,
 como o pai. O filho do senhor *l* tomou o costume do pai,
 e chamavam-lhe então o *l* pequeno; e á sua som-
 bra *l* pequeno para a distinguir da sombra do pai,
 qe era o *l* grande.

R

Viva o senhor Castelhano com o seu pandeiro!
Toca, pe é um regalo! Quando estrega com mais
força o bado pelo do instrumento, faz um
som mais lo trémulo, de poderíamos
pelo som da teira silaba da palavra
e quando p nos forca, tira um son
trémulo, e fisco, parecido á segun
da silaba do. Os rapazes de não m o
nos do ta Colhano, cha m-lhe
seu renunciado
de a primeira silaba de vestimen
to; e como na segunda silaba da palavra are-
nos, e anda mais surdamente do de esta silaba.
A sua sombra tem os mesmos dois nomes, ad com
a diferença de não levar senhor, e de se lhe ajun-
tar a classula de grande, para a distinguir do de



L



T

L

O rap... é também Espanhol, do do entro.
e toca o... ele; dão-lhe os mesmos nomes, e os
mesmos...

R

Viva o senhor Castelhana com o seu pandeiro! Toca, qe é um regalo! Quando esfrega com mais força o dedo pela pele do instrumento, faz um som mais forte e trémulo, qe poderíamos designar pelo som da primeira silaba da palavra *regimento*; e quando põe menos força, tira um som menos trémulo, e mais fraco, parecido á segunda silaba da palavra *arenoso*. Os rapazes qe não sabem o nome do tal Castelhana, chamam-lhe umas vezes senhor *rr*, mas pronunciado mais surdamente do qe a primeira silaba de *regimento*; outras o senhor *r*, como na segunda silaba da palavra *arenoso*, e ainda mais surdamente do qe esta silaba. A sua sombra tem os mesmos dois nomes, só com a differença de não levar senhor, e de se lhe ajuntar a clausula de grande, para a distinguir do qe se segue.

r

O rapazinho é tambem Espanhol, filho do outro, e toca como ele; dão-lhe os mesmos nomes, e os mesmos á sua sombra.



R



r

Retirados os dez quadros já sabidos, compo-
nham-se com as suas dez letras, ora em carater
maiusculo, ora em minuscuro, palavras faceis, es-
critas com giz no quadro preto, mas uma só de
cada vez para evitar distrações. O professor, com
uma vara comprida na mão vá apontando cada
letra da palavra, e fazendo com qe no proprio mo-
mento em qe ele a indica, o côro dos ouvintes a
nomeie unisono, e acompanhando-se de uma pal-
mada. Se a letra qe mostra fôr das qe tem mais
de um valor, procure nas regras em verso a regra
qe tem por cima a mesma letra; faça por enten-
del-a bem para si; eisplique-a com clareza e par-
cimonia de palavras; recite-a teistualmente até qe
os ouvintes a decorem, e faça-a cantar com a
toada do *pirolito*, ou se na terra se não usar esta
moda, substitua-a pela mais popular qe aí haja,
uma vez qe os versos se ajustem á sua medida.
Avendo mais de uma popular, prefira a mais li-
geira.

Voltando á letra duvidosa, aplique-lhe o qe a
regra diz, caso na regra, ou na sua eisplanação
se encontre coisa qe lhe determine o valor na ipo-
tese dada; aliás, diga ele mesmo o valor com qe
a letra ali entra. Lida a palavra por letras, vaga-
rosasamente como sempre ao principio acontece,
faça-a relêr segunda, terceira, quarta vez, e quan-
tas vir qe são necessarias para o fazerem com fa-
cilidade. Conseguído isto, aponte com a vara, em

logar das letras a uma e uma, as silabas a uma e uma; e a final, a palavra por inteiro.

Eis-aqui um pequeno rol de palavras para este eiseercicio; o mestre poderá lembrar-se de outras muitas.

No ensino individual feito por este livro eis-cusado é copial-as com giz; póde o aluno lel-as aqui mesmo; seguindo-se com ele nesta parte, como em tudo, o qe se tem dito, e o mais qe se ouver de dizer a respeito de uma classe numerosa.

Mano, Mana, Amo, Ama, Amei,
Amai, Amar, Maria, Moiro, Roma,
Ruma, Rima, Arma, Remo, Ramo,
Nora, Reino, Ruina, Loiro, Leria,
Leiria, Lume, Lama, Alma, Mula,
Mil, Mel, Mala, Nome, Mono, Lino,
Loro, Emilia, Amelia, Mola, Moela,
Rolo, Ralo, Raro, Roer, Manoel,
Lameiro, Menor, Leonor, Menino,
Menina, Amarelo, Mar, Ramela,
Rei, Reima, Maroma, Muro, Rumo,
Memoria, Mamar, Ermo, Arruma,
Arrumar, Arrumei, Arrumaria, Ro-
maria, Romeiro, Leme, Limo, Miolo,

Mioleira, Ano, Anil, Anel, Anual, Manual, Mimo, Momo, Mina, Marmelo, Marmeleiro, Rama, Mama, Lula, Lila, Anular, Moreia, Moral, Imoral, Armar, Armario, Amor, Ilario, Leira, Lira, Ela, Ele, Reu, Reino, Reinár, Reinol, Arruinar, Nilo, Rima, Melo, Molina, Moliana, Meia, Melena, Meio, Arrieiro, Rol, Rola, Amimar, Ramiro, Amainar, Lona, Amolar, Nanar, Irmanar, Oiro, Oror.

E com isto termina a segunda lição.

DIVERTIMENTOS.

Façam-se com as 10 letras os mesmos passatempos já indicados com este mesmo titulo de *Divertimentos* no fim da primeira lição.



LIÇÃO TERCEIRA.

SUMARIO.

Repetição de eiserccicios. Mostram-se as consoantes qe tem analogas, a saber: b e p, d e t, f e v.

Repetidos todos os eiserccicios das duas lições antecedentes, e recordados os dez quadros já conhecidos, mostrem-se e eispliquem-se os seguintes:

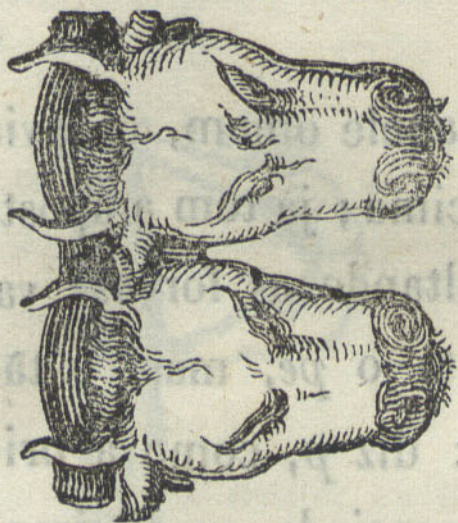


B

Os bois d'esta canga, aperriados com o trabalho, soltam gemidos, qe sôam como a primeira sílaba de *beber*. O carreiro chama á junta o seu *b*. Á sombra chamemos também *b*, pronunciado do mesmo modo, isto é, com o menor som possível.

b

Outra canga com um só boi. Este, pela mesma razão solta eguaes berros, e tem, por tanto, o mesmo nome. Á sua sombra chama-se o *b* pequeno, em contraposição á precedente, qe se chama o *B* grande.



B



b

P

Por aquele mastro apostou aquele omem, qe avia de trepar, e sentar-se lá em cima; já tem a aposta quasi ganha, mas vão-lhe saltando as forças; vai escorregar; grita qe lhe falta o *pé*, mas, é tão atrapalhado, qe nem diz *pé*: diz *p*, como a primeira silaba de *pedir*, pronunciada surdissimamente. Á sombra chamam o *P* grande, pronunciado, como dito fica.

p

O filho faz o mesmo qe o pai; a ele, e á sua sombra, chamam *p* pegeno.

P

P

D

Este soldado entrou um dia no arsenal, e viu um escudo; perguntou, de qe servia; eisplicaram-lhe ser uma arma defensiva para aparar os golpes; gostou da idéa; cobriu-se com o escudo, e começou para os companheiros: *dé, dé* para aí; ficaram-lhe chamando o *Dé*. Com o tempo foi-se-lhe o nome corrompendo até ficar surdissimo, isto é, ao principio soava como a primeira silaba de *dedo*, e depois ficou sempre soando como a primeira silaba de *dever*, ou antes como o final de *David*. O mesmo nome se dá á sua sombra.

d

Este filho do soldado, qe andava na escola, e tinha assistido ao caso do pai, achou-lhe graça; pelo qe, pegando ás vezes 'num condiscipulo mais peqeno, entrava a dizer qe lhe dessem, para aparar as pancadas 'naquele seu escudo vivo, e gritava todo entusiasmado *dé, dé*; pelo qe os outros lhe chamavam o *d* peqeno, e o mesmo á sua sombra, pronunciando como a primeira de *dever*, ou mais propriamente como o fim de *David*.

T



D



d

T

O carpinteiro dono d'este martelo, tinha a mania de muito poupado no falar; todas as palavras lhe pareciam compridas de mais; condemnava-as como desperdicio de tempo, e substituia-lhes outras mais curtas e eispressivas, lá da sua invenção. Como um martelo quando bate faz *T, T, T*, chamava-lhe o *T*, pronunciado mais surdamente qe a primeira silaba de *temor*. Á sua sombra dêmos pois o nome de *T* grande, para o distinguir de outro martelo, tambem seu, qe vamos vêr.

t

A este chamava o senhor mestre carpinteiro o *t* pegeno. Á sua sombra chamemos *t* pegeno, pronunciado, bem entendido, como acima.

F



T

f



t

F

Aquele omem está eisperimentando a pistola ; a armazinha é de tal casta, qe nunca descarrega ; arde a escorva, e faz *F*, como um gato a bufar. De toda a parte lhe gritam *F*, isto com som ainda menor do qe tem a primeira silaba de *Feliz*; o seu nome é pois o senhor *F*, assim pronunciado surdissimamente, e o da sua sombra *F*, pronunciado do mesmo modo.

f

O gaiatinho cassoava o senhor *f*, e o senhor *f* pregou-lhe uma tunda. D'aí por diante o gaiato, quando o via, pegava na seringa em ar de pistola, esguichava, para qe fosse a agoa qe lhe fizesse *f*; os gaiatos do bairro ficaram-lhe chamando o *f* pequeno, á sua sombra *f* pequeno tambem, para o distinguir do *F* grande.



F



f

V

Com esta bomba se regam jardins; a agoa qe dela sáe, sôa V, ainda com menos som do qe a primeira sílaba de velar. O jardineiro chama á bomba V; V chamaremos á sua sombra.

V

Outra bomba para o mesmo uso, porém mais pequena; chama-lhe o dono o v pequeno: v pequeno se nomêa também a sua sombra, pronunciado como acima.

Com as 16 letras ja sabidas, formam o mestre
no quadro pela primeira vez, de 16 a 17
e 18, e assim se vai formando o mestre
antecedente, isto e, como se vai na 16.
tando primeiro as letras, depois as silabas, e final
mente as palavras. Acerca das regras de valor
das letras, sempre a mesma se segue.



Palma, Pelloiro, Parda, Pata, Pata,
Peta, Pelcuro, Petrus, Pote, Apito,
Pilha, Porta, Potal, Portaria, Ra-
pina, Rayal, Favens, Rome, Abana-
dor, Abano, Abano, Abano, Doi-
divina, Parvo, Atoleimado, Bolonio,
Palerma, Tolo, Doide, Brato, Bro-



ma, Barro, Lopa, Pata, Patola,
Abono, Maroto, Vado, Marola,
Orate, rolio, Pato, Polio, A po-
linario, Pulo, Pala, Verio, For-
ma, Mola, Molo, Mado, Mula, Na-
vio, Novelo, Atepelas, Papelada,
Rolada, Fumo, Fumar, Vime, Pa-

Com as 16 letras já sabidas, formará o mestre no quadro preto muitas palavras, qe fará ler pelo côro ritmicamente e com palmas, como as da lição antecedente, isto é, com a vara na mão apontando primeiro as letras, depois as sílabas, a final o vocabulo inteiro. Ácerca das letras de valor duvidoso recorrerá sempre á respectiva regra, segundo o advertido na precedente lição.

Para lhe pouparmos o trabalho da procura, aqui lhe damos um rol de termos.

Pata, Peloiro, Patada, Patarata, Peta, Peteiro, Peteira, Pote, Apito, Pilula, Porta, Portal, Portaria, Rapina, Faval, Faveira, Fome, Abanador, Abano, Abanar, Abanado, Doividiana, Parvo, Atoleimado, Bolonio, Palerma, Tolo, Doido, Bruto, Broma, Burro, Lorpa, Pateta, Patola, Aboleimado, Maroto, Vadio, Mariola, Orate, Pirolito, Pato, Poleiro, Apolinario, Pulo, Pala, Verruma, Forma, Mofa, Mofo, Muafo, Muafa, Navio, Novelo, Arrepelar, Papelada, Rolada, Fumo, Fumar, Vime, Pa-

vio, Paiva, Povo, Polvo, Bolo, Finorio, Maruso, Furor, Furia, Fueiro, Vario, Variado, Forte, Furto, Dedo, Ladra, Ladrar, Tutano, Ternura, Pedra, Padre, Pedro, Funil, Podre, Formato, Viana, Naípe, Lobato, Saibo, Umilde, Baronato, Baronía, Metodo, Rapadura, Rebolo, Rabola, Poeta, Petimetre, Pelado, Lamina, Taful, Namorador, Derriado, Bonitote, Deputado, Falador, Demorado, Diplomatico, Funileiro, Bonina, Defumado, Perfumado, Lavadito, Luveiro, Alfaiate, Barbeiro, Ferreiro, Breu.



DIVERTIMENTOS.

Com as 16 letras já sabidas podem-se ampliar os eiserccicios já lembrados com este mesmo titulo de *Divertimentos* no fim das lições precedentes.



LIÇÃO QUARTA.

SUMARIO.

Repetição das precedentes. Ajuntam-se as consoantes unisonas, ou de identico valor, q, k, c; ç, s, z e x; j e g.

Recordadas as 16 letras precedentes, mostrem-se e eispliquem-se por igual modo as seguintes.



Q

Instrumento para os surdos; facilita-lhes o ouvir; este pertencia a um môco muito curioso, que em pescando alguém a falar, logo o fincava ao ouvido, perguntando: *Qe* diz? *Qe* é lá? *Qe*?... O criado dele já não chamava á busina senão o *q* do patrão, pronunciando este *q* ainda mais surdamente que a primeira sílaba de *qerer*. Á sua sombra chama-se *q*, pronunciado, já se sabe, do mesmo modo.

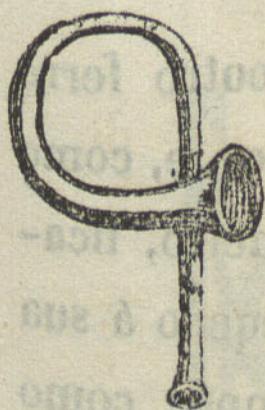
q

Outra busina ácustica do mesmo dono, mas de diverso feitio e tamanho; a esta chamava o criado o *q* pequeno, para a diferenciar do *q* grande. A sua sombra fica sendo o *q* pequeno.

K



K

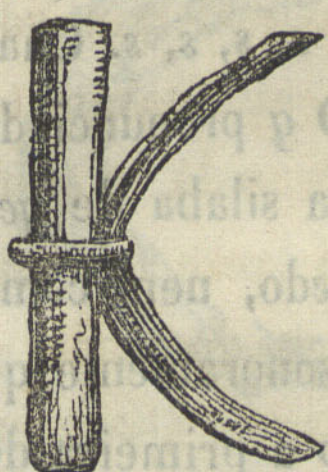


K

Isto é um ferro qe se achou na terra, andando-se a cavar, ficaram todos muito admirados, sem lhe entenderem o feitio, nem poderem adivinhar para qe serviria, por isso perguntavam todos, mostrando-o: *Qe* é isto? Diga lá o *qe* é? *Qe*?... Ora, como ninguem sabia, respondiam a rir: é um *q*; por isso lhe ficaram chamando *q*. O mesmo nome tem a sombra do ferro, pronunciando-se ainda menos sonoramente qe a primeira sílaba de *Qerer*.

k

Continuando a cavar deram com outro ferro pegeno, qe igualmente fez sismar a todos, e, como tinham rido com o nome dado ao primeiro, ficaram-lhe chamando o *q* pegeno; e *q* pegeno á sua sombra, já se sabe, pronunciando sempre como dito fica.



C

Vedes um tartamudo muito comprimenteiro. Encontra alguém, curva-se todo; umas vezes, quer dizer: *Criado, meu senhor*; e fica meia ora *q, q, q*; outras vezes: *Senhor fulano*; e fica *s, s, s, s*. Chamam-lhe então o senhor *q* ou *s*. O *q* pronunciado menos sonoramente que a primeira sílaba de *querer*; e não como a primeira de *qedo*, nem como a primeira de *qero*, e o *s* menos sonoramente que a primeira de *serieiro*, e não como a primeira de *céra*, ou a primeira de *cedro*.

C

O filho do comprimenteiro em tudo se parece com o pai; nas cortezias, no gaguejar, e nas palavras com *qe* saúda; pelo *qe* lhe dão os mesmos dois nomes, como se fossem apelidos de família; e á sua sombra o de *q* ou *s* pequeno; já se sabe, pronunciando sempre surdamente, como já advertimos a respeito do pai.

C

O comprimenteiro grande foi uma vez ao Paço
com grandes laços de fita nos seus braços e
lhes fez a honra de os tratar por brades e
então tratava os personagens, abastados do
seu nome familiar, vindo do senhor; tudo o
qual o Senhor não se sabe, á sua moda
muito pelo Paço se lhe dá o se-
nhor. A sua sombra, de lá mostra a fita a res-
tos, chamamos, pois, sempre a; pronunciando como
apela sendo o silvo de faz dem chama por pessoas
de está longe.



C

Com a do sapato dos seus
xinho das coisas, para não deixar de
coisa alguma o macaco de seu pai, quem não
diz senão a; — Senhor e Senhora, pelo do
chamam a pessoas, proferido como acima.



C₃

O comprimenteiro grande foi uma vez ao Paço com grandes laços de fita nos sapatos, desatou-se-lhe um, ficando a arrastar por baixo do pé. Com o então tratava com personagens, abstinha-se do termo familiar *Criado do senhor*; tudo era: *Senhor e Senhora*, já se sabe, á sua moda de tartamudo; pelo qe no Paço só lhe chamavam o senhor s. Á sua sombra, qe lá mostra a fita a rastos, chamamos, pois, sempre s; pronunciando como aqele sóido ou silvo qe faz qem chama por pessoa qe está longe.

Ç₃

Com a fita do sapato desatada o nosso rapazinho das corteziias, para não deixar de ser em coisa alguma o macaco de seu pai, tambem não diz senão s, s — *Senhor e Senhora*, pelo qe lhe chamam s pequeno, proferido como acima.

2



2



S

Esta serpente, segundo está, mais ou menos assanhada, dá quatro castas de sons diferentes: ç surdo, como silvo de quem chama; z surdo, como a primeira de Zenobia; j surdo como a primeira sílaba de *gemer*, ou ainda mais surdo; e x surdo como faz quem se admira. À sua sombra chamam ç, z, ¹ j, e x grande para se não confundir com a outra, qe aí vem agora.

S

Uma cobrinha com os mesmos quatro sons. A sua sombra ç, z, j, e x pequeno.

¹ Quem duvidasse do terceiro valor qe dâmos ao S, pedir-lhe-íamos qe refletisse na pronúnciação das palavras *asma*, *asna*, *osga*, *Islamismo*, *Israel*, e outras.



Z

Terrível coisa é o corisco, ou raio, qe estaes vendo! Quando corre pelo ar faz: *Z* ou *Ch*; o *Z* pronunciado, não como a segunda silaba de azedo, mas ainda menos sonoro qe a segunda de aze-dume, e o *Ch* como o qe faz qem se admira. Ao seu reflexso chamamos *z* ou *ch*.

Z

É uma cega-rega, d'estas com qe as creanças se divertem. Quando a fazem girar com muita força faz *z, z, z*, e com menos força faz, *ch, ch, ch*. O rapaz, dono d'esta, chama-lhe o seu *z*, ou *ch*; chamemos á sua sombra o *z*, ou *ch* pequeno, pronunciados como o *z*, ou *ch* grande.

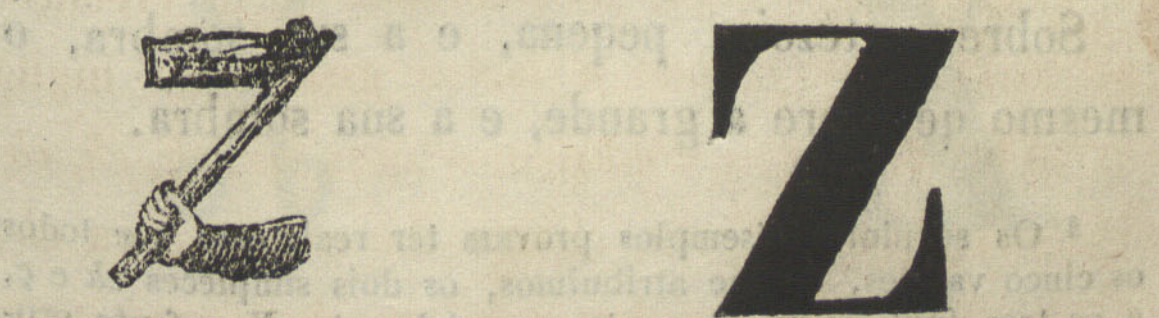
X

A lexoria, segundo o de se corta, e o estado



quando se amola no rebolo, faz is. A sua sempre
deu os mesmos caso nome, e, de, is, e is.

X



nao se chama; pratica; pratica; pratica;
este se chama; este, este

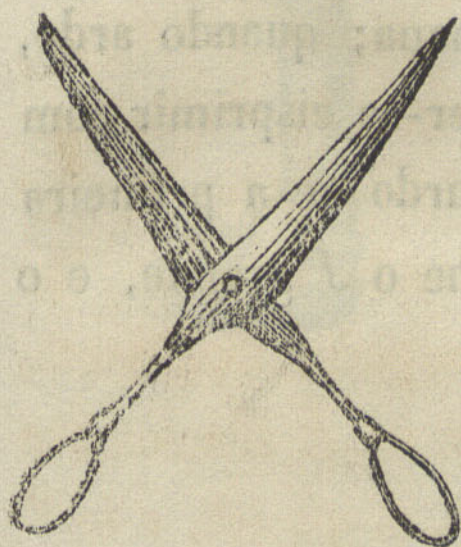
X

A tezoira, segundo o qe se corta, e o estado d'ela, dá sons diferentes; cortando cabelo faz *ch* como faz quem se admira; cortando em seda, faz *ç* com o soido de quem chama; ás vezes, cortando tambem em seda, mas tendo bocas, faz *qç* como quem açula um cão. Quando o eicho lhe emperra, faz um rangido como *ich*; finalmente, quando se amola no rebolo, faz *iz*. Á sua sombra dão os mesmos cinco nomes, *ch*, *ç*, *qç*, *ich*, e *iz*.¹

X

Sobre a tezoira pequena, e a sua sombra, o mesmo qe sobre a grande, e a sua sombra.

¹ Os seguintes eisemplos provam ter realmente o *x* todos os cinco valores, qe lhe attribuimos, os dois simples *ch* e *ç*, e os tres duplices ou compostos, *qç*, *ich*, e *iz*. Xenofonte pronuncia-se Chenofonte; proximo, procimo; convexo, conveqço; sexto, seichto; exordio, eizordio.



X



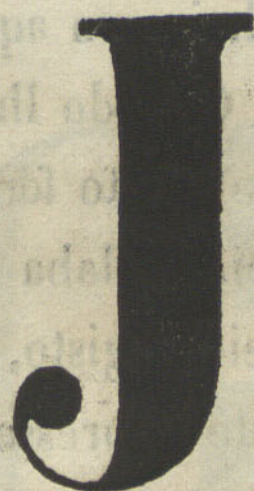
X

J

Conheceis esta peça de foguetaria? É o que chamam pistola, ou lanterna romana; quando arde, faz uma zoadá, qe parece poder-se eisprimir com o som de *Ge* surdo, e mais surdo qe a primeira sílaba de *General*; chamam-lhe o *J* grande, e o mesmo á sua sombra.

j

Aí está uma egual peça de foguetaria a arder, e a fazer a zoadá, qe já dissemos; de vez em quando dispára uma lagrima, ou lua muito clara; chamam-lhe o *ge* pequeno; porque, como já se queimou em grande parte, por força ha de ter menos qe a outra. A sua sombra é *j* pequeno.



G

Olhai para aquelle repucho, debaixo daqela arvore! Quando lhe abrem o registo todo faz um estrondo muito forte e aspero, similhante ao som da primeira silaba de *Guerrear*; quando lhe abrem só meio registo, sae a agoa fazendo um som, qe se póde eispessar pela primeira silaba de *Gemer*, pronunciada surdamente. As creanças, qe não sabem o nome do repucho, chamam-lhe *Gue* ou *J*; e o mesmo nome se dá á sua sombra.

g

Esta plantinha, quando o vento corre por ela, faz os mesmos dois soídos que o repucho: *gue* se o vento é rijo, *j* se fraco; á sua sombra chamam *gue* ou *j* pequeno, como á do repucho *gue* ou *j* grande, tudo surdissimamente proferido.



G



S

Segue-se escrever no quadro preto, quaesquer palavras portuguezas, evitando só aquelas em que entrem os sons nasalados *am an* e *ão, em en, im in, ym yn, om on, um un*, e bem assim as articulações compostas *ch, nh, lh, e ph*, ou mesmo só o *h*.

Entendido está que para as letras de mais de um valor, se deve recorrer ás regras em verso, todas as vezes que por elas se lhes possa determinar que valor têm na palavra em que apparecem.

Segue-se uma serie de palavras, que no ensino individual se farão ler por este mesmo livro, e que no ensino simultaneo de uma classe se irão copiando a uma e uma no quadro preto.

Quilate, Kagado, Kalendario, Querido, Quina, Quiteria, Aqui, Porque, Capuz, Taco Pataco, Careta, Cacete, Ceba, Cacino, Caçoada, Coçar, Madraço, Santo, Senhora, Senhor, Raspa, Mestre, Triste, Gosma, Fiska, Casa, Coisa, Coisas, Soisa, Soisas, Cesar, Zaragatoa, Zunir, Jornada, Geito, Gema, Joelho, Janota, Geba, Gibada, Gabadas, Jejuar, Cáju, Xarope, Exemplo, Perplexo, Sexto,

Fino, Xarroco, Xá, Xina, Saxonio, Armas, Peixe, Armamento, Ralaço, Arâme, Rabanetes, Pêcegos, Peras, Uvas, Giga, Damascos, Figos, Cravos, Palmito, Capela, Rapariga, Garôto, Gatuno, Giria, Girasol, Xineiro, Salsa, Salsada, Salva, Salvador, Salvar, Sal, Saleiro, Gago, Gerigôto, Verde, Verdura, Sinêta, Xicara, Garatuja, Coruja, Pequeno, Pequenos, Pequenitos, Picaria, Sopas, Cereja, Solda, Soldo, Soldado, Soldada, Soldadesca, Firmeza.

DIVERTIMENTOS.

Os mesmos divertimentos das lições precedentes.



LIÇÃO QUINTA.



SUMARIO.

Recordação das precedentes. Sons nasalados.

Percorridos a um e um todos os quadros das letras aprendidas, e ditos pelos discipulos á vista de cada quadro, e por quatro vezes em côro unisono e com palmas o valor ou valores da letra, eisplique-se-lhes o mais claramente qe se possa o seguinte:

Já observámos qe os sons puros e simplics da lingua portugueza eram nove; (recorde-se o qe fica a pagina 25) cinco destes nove sons, a saber á, é, i, ó, e u podem ser lançados por modo qe

em vez de saírem diretamente da garganta pelos beíços fóra, na passagem da garganta aos beíços subam ao alto da cavidade da boca, e ali formem uma especie de retenimento, ou éco, parecendo fazer um certo esforço para saírem pelo nariz. Pondo-se a mão sobre a cabeça é facilimo reconhecer pelo tato a diferença qe vai dos sons, a qe chamamos nasalados, aos qe chamamos puros e simples; porqe os nasalados são acompanhados de um tremor muito mais forte em toda a cabeça, cujos ossos então vibram como a caixa de um instrumento musico quando se toca.

Os sete sons nasalados são: *An*, *Ão*, *En* (como na primeira silaba de *Entra*), *Em* (como *Tem*), *In*, *On*, *Un*.

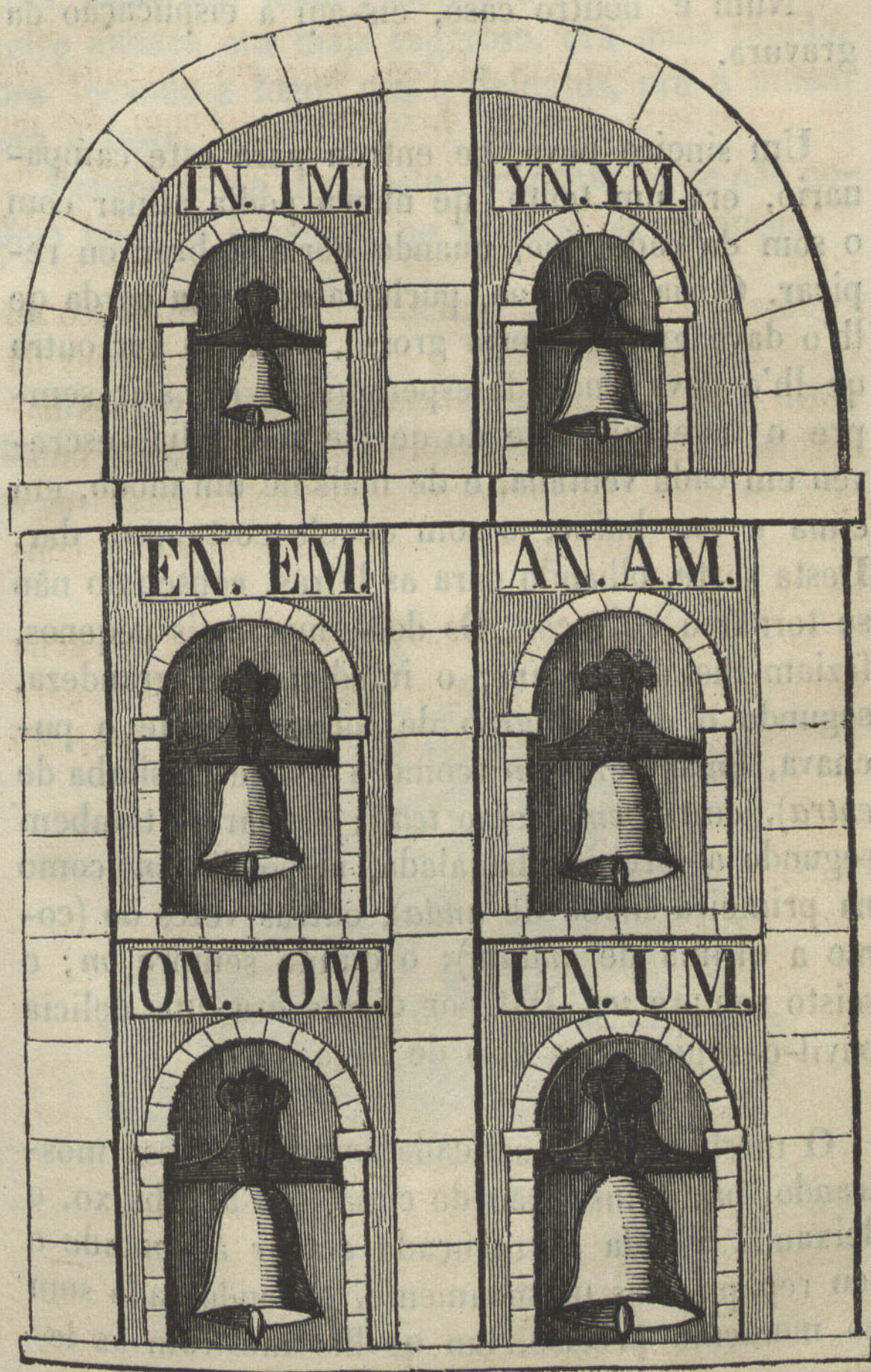
Faça-se eisperimentar pelos discipulos a verdade do qe fica dito, mandando-lhes repetir com as mãos apertadas na cabeça os seguintes eisemplos. Em cada par de palavras qe vamos propôr figurará primeiro a palavra de som puro ou simples com a sua vogal em italico, e depois a mesma vogal nasalada em caratéres italicos tambem. *Ama*, *anda*. *Fôrma*, *formão*. *Este*, *entra*. *Vé*, *Vem*. *Ilha*, *indez*. *Mono*, *monte*. *Mudo*, *mundo*. Podem-se-lhes dar como estes mais eisemplos. O eisercicio é util e divertido.

Os sons simples ou puros, já vimos qe se re-

presentavam cada um com um sinal; os sons nas-
salados representam-se com mais de um sinal. O
primeiro com *Am* ou *An*, o segundo com *Am* ou
Ão, o terceiro com *En* ou *Em*, o quarto com *Em*,
o quinto com *In* ou *Im*, com *Yn* ou *Ym*, o sexto
com *On* ou *Om*, o sétimo com *Un* ou *Um*.

Como porém isto em teoria seca, de pouco ou
nada lhes podia servir, e uma das dificuldades da
leitura, mais ruins de vencer, é ler as vogaes na-
saladas, como bem devem ter reconhecido os mes-
tres no antigo metodo, diligencieei desvanecel-a, e
com o seguinte quadro mui facilmente o con-
segui.

O campanario, qe ele representa, lá se acha
tambem em ponto grande entre os quadros para
as escolas; para o ensino individual basta este do
livro.



'Num e 'noutro caso, eis-aqi a eisplicação da gravura.

Um sineiro novo, qe entrou para este campario, era um tonto, qe nunca podia atinar com o som de cada sino, quando qeria dobrar ou repicar. Qeria som fino, puchava por uma corda qe lh'o dava grosso; qeria grosso, puchava por outra qe lh'o dava fino; desesperado de lhe sair sempre o toque diferente do qe ele pretendia, escreveu em cada ventana, e de mais de um modo, em cima e em baixo, o som qe ele costumava dar. Desta sorte, olhando para as letras, conseguiu não se tornar a equivocar. Os dois sinos mais peqenos, faziam-lhe ambos *im*; o immediato em grandeza, segundo o diverso gráo de força com qe o puchava, umas vezes *en* (como a primeira silaba de *entra*), outras *em* (como *tem*); o quarto, tambem segundo a força da badalada, respondia *an* (como na primeira silaba de *anda*), outras vezes *ão* (como a ultima de *andam*); o quinto sempre *on*; o seisto sempre *un*. Daí por diante era uma delicia ouvil-o repicar nos dias de festa.

O mestre aponte salteadamente os sinos, mostrando, ora a inscrição de cima, ora a debaixo, e deixando a toda a creançada entoar á vontade o seu repique, mas unisonamente, e dando cada som no momento preciso, em qe lhe mostram as le-

tras. Para sair mais gracioso o eiserercicio, o ponteiro andará ora mais vagaroso, ora mais rapido, ora tocando a fogo, ora a defuntos, ora á missa, ora a festa.

Perdoem-me mais este escandalo os qe não podem levar á paciencia qe se riam as creanças.

Á ainda para representar o segundo som nasalado do quarto sino, além do am qe lá se vio, o ão.



ÃO

Os rapazes do jogo do arco, faziam-no rodar contra o madraço grande, e ao mesmo tempo lhe arremeçavam de longe o proprio páu, com qe bati-
tiam no arco (lá lhe vai ele passando por cima da cabeça); o sujeito tinha medo, e com razão, e por isso para os intimidar, ladrava como um cão qe os qeria ingulir, *ão, ão.*

ão

O mesmo qe acontecia ao senhor A grande succedia ao a pequeno, o qual 'nesses apertos tambem fazia: *ão.* Portanto, qem vê *ã o*, conhecendo ser a sombra d'aquilo, logo diz: *ão.*

Is podemos portanto ler palavras em de figu-
rem vogaes nasalladas; eis um rol delas, de, se-
gundo o de jantares vezes fca-dito, se irão co-
piando para o quadro preto, se o ensino for em
escola.



Ão



ão



Já podemos portanto ler palavras em que figurem vogaes nasaladas; eis um rol delas, que, segundo o que já tantas vezes fica dito, se irão copiando para o quadro preto, se o ensino fôr em escola.

Manto, Mente, Minto, Monte, Mundo, Ninfa, Tampa, Tempo, Limpo, Lombo, Zabumba, Mandam, Mandão, Medem, Parabem, Conto, Canto, Cinto, Cento, Vento, Unto, Defunto, Presunto, Ranço, Ganço, Pança, Tença, Desavença, Sonso, Esconço, Onça, Geringonça, Aldonça, Caconça, Afonso, Ginja, Pinga, Leão, Pão, Mão, Cão, João, Simão, Maranhão, Tubarão, Trempe, Trompa, Tromba, Trunfo, Triunfo, Tantarantana, Ranacataplane corre atrás da ratazana, Rãocataplão corre atrás do canzarrão.



DIVERTIMENTOS.

Os divertimentos desta lição podem ser além dos imitados das precedentes, o contraprovar o reconhecimento da diferença dos sons puros, aos nasalados, pelo apalpar da cabeça; e o de repi- carem diante do campanario. Querendo, podem até colocar-se seis em cima de bancos com os braços abertos, a arremedar sinos, com os competentes rotulos em tiras de papel na cabeça e no peito, e respondendo com o devido som, quando lhes fôr tocando o condiscipulo qe fizer de sineiro.



LICÃO SEISTA.

SUMARIO.

Recordação das precedentes — Articulações compostas.

Tinhamos dividido os elementos das palavras em sons e articulações — vogaes e consoantes, ou letras substantivas e adjetivas. Tinhamos mostrado todos os seis caratêres vogaes *a, e, i, y, o, u*; e todos os desanove caratêres consoantes *m, n, l, r, b, p, d, t, f, v, q, k, c, ç, s, z, x, j, g*; acabâmos de ver na lição passada os sons nasalados que se representam cada um por duas letras: *an, ão, en, em, im, on, un*. Resta-nos ver as articulações compostas, ou elementos consoantes, que igualmente se representam cada um com dois sinaes juntos. Estas são: *ch, lh, nh, e ph*. E como o *h* seja em todos eles um elemento obrigado, do

h falaremos em primeiro lugar; advertindo que não é letra; que muitas vezes é mesmo nada quanto ao valor, e algumas um mero sinal, que nos adverte de que a letra que está antes dele é uma consoante de valor diferente do que teria se ele aí se não achasse. Entendido está, que esta eisplicação por ora é só para o mestre.



H

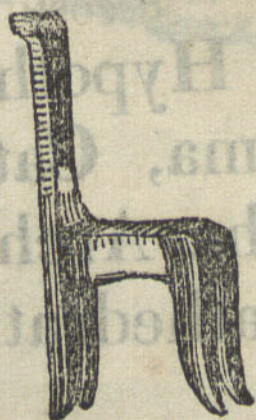
A este guerreiro turco, com a sua lança na mão, chamam, lá os da sua terra, um *Agá*, e é um grande omem para os seus, mas para nós não val quasi nada; chamamos-lhe o *Agá* grande, e á sua sombra o mesmo, ainda qe, tambem d'ela quasi nunca fazemos caso.

h

Ali está a cadeira de espaldar, e com almofada fofa, em qe o senhor *Agá* grande se costuma sentar; para qe ninguem mais se sente 'nela, dão-lhe o nome do dono; chamam-lhe o *agá* pequeno; ora, se nós do dono não fazemos muito caso, como o aviamos de fazer da sua cadeira? Á sombra d'ela chamamos igualmente *agá* pequeno, e tambem lhe não costumamos dar valor.



H



h

Aqi o mestre ensinará e fará cantar a regra em verso relativa ao *H*; depois do qe lhes fará ler no quadro preto as palavras:

Homem, Hoje, Hontem, Homenagem, Historia, Heitor, Helena, Hamburgo, Holanda, Haver, Haveres.

Advertirá depois qe mesmo em meio de palavra o *h* se intromete muitas vezes, sem ter lá nada qe cheirar; e parece qe de proposito para fazer tropeçar e cair a quem não estudou nem poude estudar linguas mortas, qe é a quasi totalidade de uma nação, e fazer, por consequencia, cometer na escrita cardumes de pecados sem a mais pequena sombra de imputação.

Eisemplos qe se farão ler aos discipulos:

Chronica, Charidade, Hypothese, Thema, Christão, Chrisma, Cathalogo, Cherubim, Patriarcha, Archanjo, Chilo, Sisthema, Cathedratico, Chronista, Achilles,
e as mais qe lhe ocorrerem.

Á casos porém, ajuntará ele, em qe o *H* na escrita vem com alguma intenção.

Esses casos reduzem-se a quatro especies, para as quaes servem os quadros das paginas 109, 111, 113 e 115.



CH

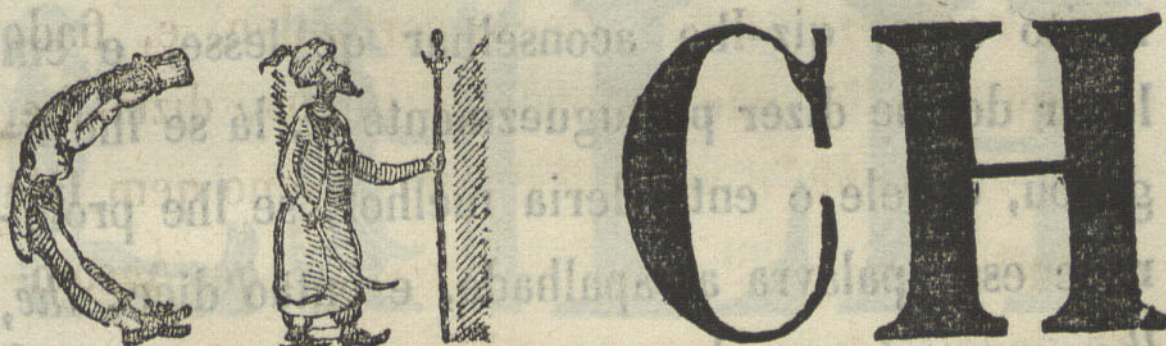
O velho tartamudo das cortezias quando encontrava o general turco, fingia cortejar-o, e, fiado em qe ele lhe não entendia a lingua, dizia-lhe, (mas só quando o via pelas costas) como quem fala ás bestas: *x*, *x*, e algumas vezes, *qe*, *qe*. Á sombra daquelas duas figuras podemos chamar *x* ou *qe*.

ch

O filho do comprimenteiro não se atrevia a zombar assim do *Agá*, mas, quando entrou na sala aonde estava a cadeira d'ele, fingindo vel-o ali sentado, entrou a cortejar-a com a mesma palavra *x*, *x*, e *qe*, *qe*. Á sombra d'aquela sena podemos chamar *x*, ou *qe*.

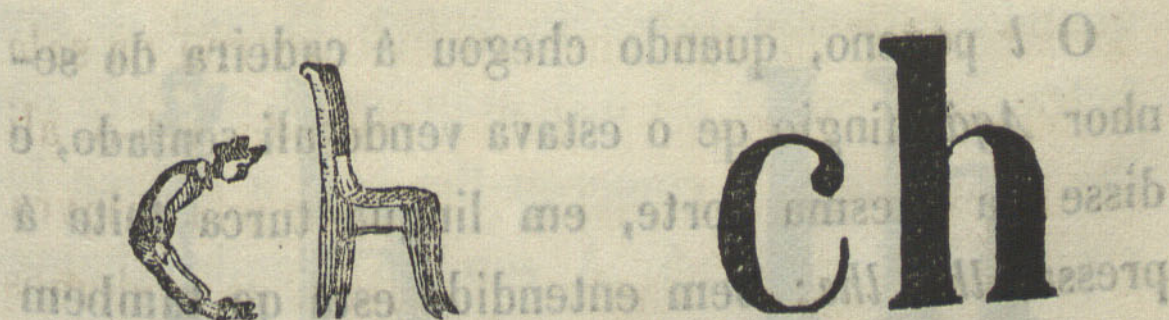
LI

Ao pé do grande ledor parou uma vez o senhor
Agd, e poz-se muito atento a olhar para o de elle
laxia. O ledor, de não sabia lingua turca, e eis



mas ja quando o turco se ia retirando. A
sombra d'esta cena chamamos lhe, pronunciado
nao como a terceira silaba de ramalhete, mas sim
como a quarta de entramalhete.

h



a sombra desta comedia chamamos lhe.

LH

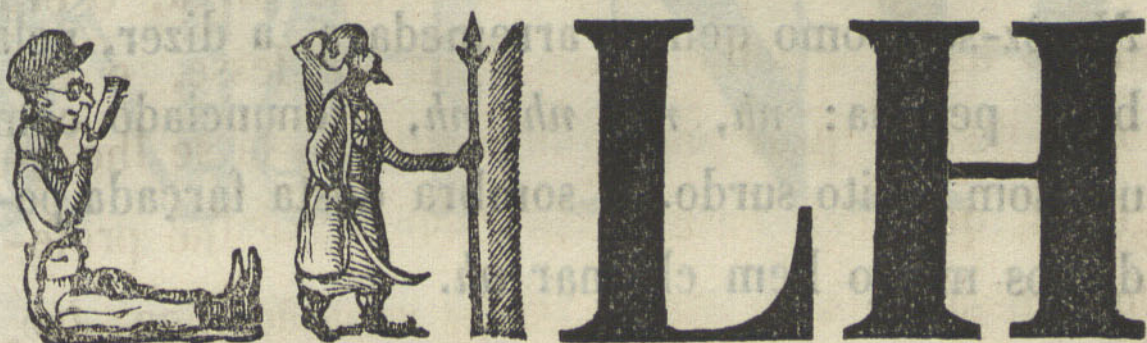
Ao pé do grande ledor parou uma vez o senhor *Agá*, e poz-se muito atento a olhar para o qe ele fazia. O ledor, qe não sabia lingua turca, e era muito asno, qiz-lhe aconselhar qe lesse, e em logar de lhe dizer portuguezmente *le*, lá se lhe figurou, qe ele o entenderia melhor, se lhe proferisse essa palavra atrapalhada, e então dice: *lhe*, *lhe*, mas já quando o turco se ía retirando. Á sombra d'esta cena chamamos *lhe*, pronunciado não como a terceira silaba de *ramalhete*, mas sim como a quarta de *enramalhetar*.

lh

O *l* pequeno, quando chegou á cadeira do senhor *Agá*, fingio qe o estava vendo ali sentado, e disse da mesma sorte, em lingua turca feita á pressa, *lhe*, *lhe*; bem entendido está qe tambem á sombra desta comedia chamamos *lhe*.

NH

O mandado do V estava na sua paria, quando chegou o general ou Agé turco, e lhe falou lá pela sua lingua o de per de lossac. O nosso amigo



nh

O n pequeno, de tinha ouvido ao pai combat assim do senhor Agé, um dia, de este andava pas- siando, e de tinha mandado por a sua cadeira no campo, mesmo ao pé dele, para ali se repositar, quando estivesse cansado, fingio, lá com os seus



NH

O madraço do *N* estava na sua panria, quando chegou o general ou *Agá* turco, e lhe falou lá pela sua lingua o qe qer qe fosse. O nosso amigo *N* pôz-se, como qem o arremedava, a dizer, pela boca pegena: *nh, nh, nh, nh*, pronunciado com um som muito surdo. Á sombra desta farçada podemos muito bem chamar *nh*.

nh

O *n* pegeno, qe tinha ouvido ao pai zombar assim do senhor *Agá*, um dia, qe este andava passando, e qe tinha mandado pôr a sua cadeira no campo, mesmo ao pé dele, para ali se repotriar, quando estivesse cansado, fingio, lá com os seus botões, qe estava ali o figurão (qe se estivera não lhe dizia nada), e começou-lhe com a mesma leria: *nh, nh, nh, nh*. Á sombra d'aquilo chamamos *nh*.

PH



HN

ph



hn

PH

O omem trepado na arvore, isto é, o nosso *P* grande, estava na sua aflição, quando o senhor *Agá* se chegou a ele com a sua lança, ameaçando-o qe o furava, se não descesse; o omem poz-se a bufar para ele como um gato: *f, f, f*. Á sombra de todo esse passo chamamos *f*, pronunciado como a primeira silaba de *feliz*, e mais surdamente ainda.

ph

O *p* pequeno achou muitissima graça áqela ratice, e vendo qe os criados do senhor *Agá* tinham vindo pôr ao pé da sua arvore a cadeira d'ele, recordando-se do caso, começou a bufar: *f, f, f*. Em nós vendo, pois, ao pé do *p* pequeno, o *h* pequeno, logo nos lembramos do *f*, pronunciado tambem como acima.

Dadi ávante já o mestre pôde escrever quan-
tas palavras lhe lembrarem. Vamos-lhe sugerir
algumas para exemplificar os valores dos quatro
quadros precedentes.

Filho, Linda, Philosophia, Phisi-
ca, Chapen, Colher, Mulher, Ca-



H

e as mais que lhe occorem.

EXERCÍCIOS

DIVERTIMENTOS.

Os quatro quadros ultimamente mostrados, con-
têm oito senas, de todas podem ser representadas
pelos rapas e nas oras de recteção. Em cada um



ph

Daqui ávante já o mestre póde escrever quantas palavras lhe lembrarem. Vamos-lhe sugerir algumas para eisemplificar os valores dos quatro quadros precedentes.

Filho, Linha, Philosophia, Phisica, Chapeu, Colher, Mulher, Canhoto, Pinho, Cheiro, Alhada, Tenho, Tinha, Calhariz, Chicharo, Charroco, Bilha, Talharim, Amphibio,
e as mais que lhe ocorrerem.

DIVERTIMENTOS.

Os quatro quadros ultimamente mostrados, contêm oito senas, qe todas podem ser representadas pelos rapazes nas oras de recreação. Um com uma cana ou páo na mão fará de *H* grande; uma cadeira, de *h* pequeno. Qualqer arremedará um *L*, o *N*, o *C*, e mesmo o *P*.



LIÇÃO SETIMA.

SUMARIO.

Recordação dos atrasados. Leitura sem letras.

As letras são para os nossos discipulos meras sombras de objetos conhecidos. Na istoria desses objetos está essencialmente a razão do nome ou valor das letras; convem portanto, qe as figuras se cravem tão profundamente na memoria, qe nunca mais se possam desvanecer. Assim, os qe uma vez ouverem aprendido por este metodo, ficarão para toda a vida, em estado de por 'ele ensinar. Nesta lição vamos propôr um eiserercicio, qe se deverá repetir um pouco todos os dias, como

nós nas nossas escolas com grande vantagem o temos feito; um eiseercizio pelo qual a figura e a sua sombra, ou por outra, o objeto e a letra se vem a tornar para o espirito uma só e a mesma coisa.

É ainda a leitura auricular, só com a diferença de qe, em lugar de se proporem os valores, ou letras, se propõe as figuras a qe as letras se referem.

Para isto é necessario concordar previamente em qe a cada figura se dará sempre o mesmo nome, e qe este nome será uma só palavra. Eis aqui a obra já pronta.

Ao A, qe é o preguiçoso encostado á arvore, chamaremos — *Arvore*.

E — *Padeiro*.

I — *Pateta*.

Y — *Arlequim*.

O — *Arco*.

U — *Poço*.

M — *Medida*.

N — que é o mandrião arrimado como bordão ao pilar: *Bordão*.

L — *Ledor*.

R — *Pandeiro*.

B — *Bois*.

P — qe é o omem trepado ao mastro: *Mastro*.

D — *Escudo*.

T — *Martelo*.

F — qe é o velho da pistola: *Escorva*.

V — *Bomba.*

Q — *Trombeta.*

K — *Ferro.*

C — *Cumprimenteiro.*

Ç — *Cortezão.*

S — *Cobra.*

Z — *Raio.*

X — *Tezoira.*

J — *Pistola.*

G — *Repucho.*

H — *Turco.*

Eisemplo deste modo de fazer a leitura auri-
cular :

Pergunta: Medida, Arvore, Pandeiro, Pateta,
Arvore?

Resposta: Ma-ri-a — *Maria.*

Pergunta: Comprimenteiro, Arvore, Pandeiro,
Arvore, Bomba, Padeiro, Ledor, Arvore?

Resposta: Ca-ra-ve-la — *Caravela.*

Multiplique os eisemplos.



DIVERTIMENTOS.

Os discipulos poderão recrear-se nas oras vagas fazendo alguns em pantomima, ou representação muda, a escrita de palavras para serem lidas pelos de fora. Para isto, muitas letras só dependem do corpo humano para serem representadas; um arco de pipa ou barril, dará o *o*, e o *d*; um páo ou cana servirá ora para a arvore do *a*, ora para a canga do *b*, ora para arma do *f*, ora para a lança do *h*, ora para o bordão do *n*, ora, com um pequeno arremedo convencional, para o mastro do *p*, ora, tomado pelo meio, para o *t*; quaesquer pedaços de vime ou junco (os rapazes são ferteis em idéas) póde servir para o *ferro*, o *repucço*, a *pistola*, a *trombeta*, a *medida*, a *cobra*, a *bomba*, e o *raio*, e mesmo por uma convenção entre eles, um gesto bastará muitas vezes para eisprimir uma figura mais difficil de imitar. Destas adivinhações pantomimicas podem fazer jogos de prendas, se lhes aprouver, muito certos de qe uma prenda ganharão eles deste modo facilmente, qe é a do ler.

PREAMBULO À LIÇÃO OITAVA.

Se cada sinal escrito tivesse um só e determinado valor, nada seria mais facil do que o ler; se cada elemento da palavra falada, só se podesse representar por um sinal escrito, nada seria mais facil do que o escrever; em dois ou tres dias se deveriam aprender. Acontece porém o contrario, e é essa uma grande desgraça, e desgraça, que tanto mais vergonhosa se á-de ir tornando, quanto mais for crescendo a filosofia humanitaria e social.

Quanto ao ler, a necessidade que temos de entender o que até agora se tem escrito por um modo oposto ao bom senso, e só com o empenho de ostentar com traços de pena erudição, que muitas vezes se não possue, constrange-nos a aprender todas essas insensatezes, condecoradas com o titulo pomposo e falso de *ortografia*; quanto porém ao escrever, nenhuma rasão séria, nenhum motivo sequer bem especioso nos póde obrigar a concor-

remos para a prolongação desta mentira flagrante, deste enigma perpetuo, destas disputas interminaveis entre o *Jota* e o *I romano*, entre o *Efe* e o *Pé Agá* entre o *Zé* e o *Êsse*.

Em duas unicas rasões tenho visto fundar-se os adversarios d'uma ortografia simples e rigorosa, da ortografia verdadeira, da qe um dia tem infalivelmente de vir a triunfar; a primeira, são as etimologias; a segunda, o não terem nações mais adiantadas ousado ainda esta revolução. A segunda, nada prova; todas as coisas tem um principio, todo o principio, á-de aparecer em alguma parte, e para ser berço de novidades, não é condição essencial ter o nome de França ou de Inglaterra. Portuguez e bem Portuguez, era Vasco da Gama, mas ensinou ao Mundo que se podia dobrar o Cabo-Tormentorio. E como? Dobrando-o.

Os eisemplos para aqui viriam aos cardumes.

A razão das etimologias, pouco mais peza. Simplificada regularmente a escrita, vão-se, é verdade, diante dos olhos alguns fragmentos, algum pó qe atestavam qe a nossa lingua proviera d'outra, ou outras anteriores. O *Elle* parece-se mais á vista com o *Ille* latino do qe *Ele*; quem o duvida? Mas essa questão só póde ser para os olhos, e para os olhos só dos qe sabem latim; e falando mais ao certo, para os olhos, eisclusivamente dos qe sabendo muito latim, dão importancia real a coisas

d'essas. Quer dizer, que o comodo e o bem, e um grande bem, de quatro milhões de omens, valem menos que o deleite, ou o capricho de quatro ou talvez duas duzias de eruditos, que se regalam até com o cheiro do latim. Falemos sério; ; Esses atravancos de letras dobradas, esses impecilhos de *Agás* sem valor, essas consoantes, de que nenhum caso se faz na leitura, terão ao menos por si a futil coartada de serem indispensaveis para se reconhecer a stirpe nobiliaria dos vocabulos? certamente não. ; Pois quantos vocabulos não tem a nossa lingua, que para um etimologo de lei (o Povo não n'ó é, não n'ó foi, não n'ó á-de ser nunca, não n'ó póde, não n'ó quer, não n'ó deve ser), são reconhecidos como deriva los do latim, apesar de terem perdido quasi inteira, e ás vezes inteiramente a identidade de caratères? Desconhece ele, o etimologo de lei, o latim *Plano*, no portuguez *Chão*? o latim *Pluvia*, no portuguez *Chuva*? o latim *Puteo*, no portuguez *Poço*? Em suma, o latim *Homine*, no portuguez *omem* e *femea*, que ambos de lá vem? O primeiro como filho, o segundo como neto, pois provém tão ao certo de *faemina* como o *faemina* de *homine*. Não reduzio *Court de Gébelin* a um codigo, as leis dessas maravilhosas transformações das palavras, não só de idioma para idioma, mas até no mesmo idioma, de logar para logar, e de idade para idade?

Depois, a significação mesma de um vocabulo

não bastaria para descobrir a sua procedencia a quem devéras pretendesse conhecê-la, sendo bem versado na lingua mãe? Mas, insistirá alguém, como se differencará *cela* de *sela*? Pelo sentido. Assim como o ouvido, recebendo do mesmíssimo modo estes dois vocabulos, não induz a alma a engano sobre a insignificação d'elles, também os olhos vendo-os identicos, não ão-de por isso fazer com qe a intelligencia deixe de ser intelligencia. Se quando eu oiço qe o frade saíu da sela, sei logo qe a sela de qe saíu não foi feita por um correeiro, mas por pedreiros e carpinteiros; se quando me dizem qe o cavalleiro foi derrubado da sela, alcanço perfeitamente qe o derrubaram do seu assento em cima d'um cavalo, e não do cubiculo de nenhum religioso, apesar de qe 'num e 'noutro dizer, o meu timpano foi afétado do mesmíssimo modo; porqe razão se quer imaginar qe da identidade da escritura viria perplecidade? Não são os olhos os qe vêem, nem os ouvidos os qe ouvem; é o espirito, qe, ora por olhos, ora por ouvidos, recebe a representação das idéas de outro espirito.

A primeira, e mais natural eispressão da idéa, é a palavra falada; a segunda, a palavra escrita; a idéa, faz-se palavra falada; a palavra falada faz-se palavra escrita. Se entre a idéa, e a palavra falada, apenas eisiste, na maior parte dos casos, uma correspondencia feitiça e arbitraria, é

porque a palavra falada, é um sinal, e não póde ser um retrato.

Entre a palavra falada, porém, e a palavra escrita, deve-se eisigir, qe ája a mais perfeita e minuciosa correspondencia; qe a segunda seja um retrato, um espelhamento, um daguerreotipo da primeira; quem ouvir um vocabulo, deve saber logo escrevel-o; quem o vir, deve saber logo proferil-o; um traço mais qe os valores articulados, é o mesmo qe 'numa *vera effigies* uma impigem, um dente supranumerario, um segundo nariz, ou um terceiro olho, pintado a ocultas do dono por um rapaz travesso. Tão absurda coisa, é, (e todos a receberiam ás gargalhadas, se o costume, nos não tivesse 'nesta parte pervertido) como se tomando uma carta, nos obrigassem a ler 'nela, mais do qe lá vinha.

Concedamos por um momento qe no chegar com o macimo rigor a palavra escrita á palavra falada, se perdiam no portuguez muitos vestigios de latinidade. Suponhamos qe se perdiam todos, pergunto ainda, val o passado mais qe o futuro, mais qe futuro e presente? ão-de sacrificar-se bens materiaes, moraes, e intellectuaes, destinos altissimos e vastissimos, qe se compreendem no saber, a ociosas reminiscencias d'alguns esfolheadores, como eu, de livros velhos? ¿Qe valemos nós os poucos omens de letras, e todos os nossos gostos, em comparação do genero humano, e toda

a sua felicidade? ; Não é a propria natureza que nos dá o eisemplo de destruir o inutil, e nocivo para novas creações? ; Ocupa-se o omem feito com os brinquedos da sua infancia? ; Serão mais respeitaveis e sagrados os titulos que tem para a sua intruza conservação na nossa escritura, as letras superfluas, que os que tinham os frades aos seus averes, e os que tem os morgados ás suas administrações? ; E quando se disse que o interesse comum eisigia a abolição dos conventos, os frades não desapareceram? ; E a ora da eistinção dos morgados não está batendo?

Que Roma nos tiranizasse, quando as suas aguias voavam com o raio nas garras pelos céos de todo o mundo, entendia-se. Não o entendia Viriáto, mas entendia-o o destino. Que Roma, depois que todo o mundo lhe passou por cima, depois de morta, desmembrada, com as mãos decepadas, e pregadas na sua tribuna silenciosa, como as do seu Cicerro, com a grande cabeça truncada como a d'ele, com a propria lingua arrancada, como a d'ele tambem, queira ainda tiranizar-nos oje, e fazer passar até os fins dos seculos, as nossas gerações por baixo das forcas caudinas d'um fantasma.... eis o que, se descendentes de Viriáto o entendem, não o entende a razão: e espero que nem o destino o á-de entender. Quando Temistocles, que sentia amor de patria, e sabia lançar vistas largas para o futuro, quiz munir com muralhas a sua *Atenas*

do porto Pireu até ao mar, qe fez? o seu elegante biografo qe nol-o diga; já qe tanto se qer a Romanos, de romana boca nos venha a lição.

Se foi grande na guerra Temistocles, escreve Cornelio Nepote, não foi menor na paz; pois servindo-se os Atenienses do porto Phalarêo, qe nem era grande, nem bom, por conselho de Temistocles se veio a constituir o triplice porto de Pireu, e a rodear-se de muralhas, por modo qe em magnificencia ombreava com a propria cidade, e em utilidade ainda a vencia. Foi tambem ele qem restituiu os muros dos Atenienses com gravissimo perigo de sua pessoa. Porque os Lacedemonios, valendo-se do azo qe lhes davam as eiscursões dos barbaros, para dizerem, qe não devia para fora do Peloponeso aver cidade alguma, porque, sendo esses uns logares fortificados, os inimigos d'eles se podiam senhorear, intentaram em estorvar os Atenienses na sua edificação. Uma era a verdadeira mira, outra a representação com qe a disfarçavam. Tamanha era a gloria qe os Atenienses tinham conseguido por todos os povos com aquelas duas vitorias, Maratonia e Salaminia, qe bem entendiam os Lacedemonios, qe ainda aviam de ter qe ver com eles ácerca do principado, e por isso pertendiam vel-os o mais atenuados qe ser podesse. Assim como ouviram, qe se andava trabalhando em levantar muros, mandaram a Atenas embaixada a pôr embargos em tal obra. Os Ate-

nienses, em quanto presentes foram os enviados, abstiveram-se do trabalho, e lhes responderam, qe para decisão d'aquele ponto, lá mandariam seus embaixadores. Tomou Temistocles a si a enviatura, e partio só primeiro. Aos seus colegas na embaixada intimou, qe se não pozessem a caminho antes de verem a muralha assaz crescida; qe entretanto fossem todos trabalhando 'nela, tanto os *servos* como os *livres*, e qe para isso *não perdoassem a logar algum, qer fosse sagrado, qer profano, qer particular, qer publico*; e qe os materiaes, qe mais de feição parecessem para o intento, os fossem tomar donde qer qe os achassem. Do qe resultou qe os muros dos Atenienses se vieram a final a compaginar de *capelas e sepulcros*.

Assim fazem os Temistocles quando se trata da salvação; é necessario muro, pois aja muro, corra por onde correr, e arraze-se o qe se arrazar, venherem-se os tumulos e as casas da oração; mas se fôr mister, venham as pedras dos templos defender os devotos, venham os marmores dos antepassados proteger os vivos.

A revolução ortografica, requerida pelo senso comum em favor do lêr e escrever, isto é, em favor de tudo, não á-de ser feita nem por governos, nem por academias, nem por conselhos superiores, nem por autoridade alguma. As razões são trinta, e todas obvias. Á-de começar de baixo, pelos mais necessitados d'instrução, pelos mais nu-

merosos, pelo povo. Os escritores amigos de si, dos seus filhos e d'ele, ão-de-se-lhe agregar; ás autoridades ficará o adoptarem a obra depois de feita, e irrevogavel.

Não deixarei sem resposta uma sombra de objecção, qe neste momento me acaba de pôr um amigo, reconhecendo aliás as vantagens da proposta. ¿Que estranheza, diz ele, não deve causar á vista esse escrever novo, tão avêssó ao nosso costume, e pratica de toda a vida? Muita, a principio, lhe respondo eu, depois menos, a final nenhuma.

Se do eisistir se pudesse argumentar para o dever eisistir, não se avia de desbravar terra para sementeiras, nem fundar cidades, nem em cidades fundadas eispropriar e demolir casebres para alargar ruas, praças e passeios. ¿Qual é das povoações grandes do nosso Portugal, a qe uestes ultimos anos não tem visto desaparecer muitas das suas velharías para saude, para comodidade, e para prazer? Os sitios assim melhorados estranham-se, mas é para bem.

Meus amigos, são necessarios caminhos de ferro para a instrução, e os caminhos de ferro não entendem tergiversações, correm direitos ao seu fim derrote-se o que se derrotar no seu tranzito, desfaçam-se oiteiros, atulhem-se vales, esgotem-se pântanos, desviem-se rios, remôvam-se penedos, talem-se fazendas, demulam-se palacios, furem-se

montanhas, mas progrida, mas võe o commercio, a sociabilidade, a civilização.

Ora se tudo oje cede no mundo á suprema lei da maxima comunicação do genero humano, quem soffreria qe uns tristes *dois pés*, e qe um pifio *agá*, qe nem chega a ser letra, se continuassem a apresentar como estorvo diante dos passos da razão humana?

Quando todas estas ponderações, qe me parecem gravissimas, se fossem quebrar na impassibilidade do indifferentismo publico, e nas resistencias ferrenhas do ramerrão, restar-me-ia ainda um ultimo requerimento, com o qual antes me deixaria qeimar vivo, do qe desampara-lo, — e era o escreverem-se pelo menos, conforme ao uzo do falar as obras qe por sua natureza são principalmente dirigidas á instrução do povo; — qe não olhem para elas muito embora os literatos, recozidos na calda latina, qe se arripiariam de encarar com uma pagina de escrita completamente legivel; antes isso, do qe arripiar-se o pobre operario, qe nem á missa ouvio nunca latim, vendo a doutrina de qe necessita, sumida, como amoras de silva, por entre uma espessura cerrada de letras superfluas, importunas, verdadeiras parodias, verdadeiros escarneos do falar.

Para qe 'num relancear d'olhos se possa avaliar toda a gravidade da materia, qe á primeira vista, e aos poucos atentos, pareceria frivola, 'nesta

lição se encontram os diversos sinaes com que a escrita representa identicos elementos fónicos da palavra; e os diversos valores fónicos, que alternativamente se dão a muitas letras.

LIÇÃO OITAVA.

SUMARIO.

Recordação d'atraxados. Elementos da palavra, que se representam por mais d'um sinal. Sinaes que respondem a diversos valores.

Corridos rapidamente todos os pontos mais substanciaes das anteriores lições, o professor dirá, que á nas palavras faladas certos elementos, que se podem representar na escrita por mais de um modo; assim como, que á certas letras, que se podem proferir com diversos valores. Desde logo dividirá a lição 'nestas duas partes.

**Elementos da palavra, que se representam
por mais de um sinal.**

1.º O primeiro som do *A* representa-se de quatro modos:

com *a*, como em *Alamo*;

com *á*, como em *Amará*;

com *ah*, como em *Ah!*

com *ha*, como em *Harpa*.

2.º O segundo valor do *A* representa-se de cinco modos:

com *a*, como em *Amor*;

com *á*, como em *Safâra*;

com *ha*, como em *Haver*;

com o primeiro valor do *e*, como em *Lei*;

com *he*, como em *Heitor*.

3.º O segundo valor do *E*, como o da palavra *Fé*, representa-se de tres modos:

com *e*, como em *Peço*;

com *é*, como em *José*;

com *he*, como em *Helice*.

4.º O terceiro valor do *E* como na palavra *Beco*, representa-se de tres modos:

com *e*, como em *Dedo*;

com *é*, como em *Azêdo*;

com *he*, como em *Hermo*.

5.º O som do *I* como em *Ilha*, de seis modos se representa :

com o quinto valor do *e*, como em *Egreja*;

com *he*, como em *Heroe*;

com *i*, como em *Vide*;

com *hi*, como em *Cahir*;

com *y*, como em *Nynfa*;

com *hy*, como em *Hyno*.

6.º O primeiro valor do *O* como o de *Pó*, de cinco modos se representa:

com *o*, como em *Obra*;

com *ó*, como em *Dó*;

com *oh*, como em *Oh*!

com *ho*, como em *Homem*.

7.º O segundo valor do *O*, como o de *Mona*, representa-se de tres modos:

com *o*, como em *Perdigoto*;

com *ó*, como em *Lôgro*;

com *ho*, como em *Horacio*.

8.º O terceiro valor do *O*, como em *Pedro*, de quatro modos se representa:

com *o*, como em *Filho*;

como *ho*, como em *Homiziar*;

com *u*, como em *Judas*;

com *hu*, como em *Humano*.

9.º O som *an*, como o da palavra *Tampa*, de cinco modos se representa:

com *am*, como em *Campa*;

com *an*, como em *Tange*;

com *han*, como em *Hanseatico*;

com *ã*, como em *Irmã*;

com *âa*, como em *Maçãa*.

10.º O som *ão* como em *Pão*, de tres modos se representa:

com *ão*, como em *Amarão*;

com *hão*, como em *Hão*;

com *am*, como em *Amaram*.

11.º O som *en*, como o de *tempo*, de tres modos se representa:

com *em*, como em *Empa*;

com *en*, como em *Entra*;

com *hen*, como em *Hendecassilabo*.

12.º O som *ain*, como o de *bem*, representa-se de tres modos:

com *em*, como em *Alem*;

com *hem*, como a interjeição *Hem*;

com *âe* como em *Mãe*.

13.º O som *in*, como o de *fim*, de seis modos se representa:

com *im*, como em *Jardim*;

com *him*, como em *Himpar*;

com *in*, como em *Tinto*;

com *ym*, como em *Sympatia*;

como *yn*, como em *Nynfa*;

com *e* como em *Cães*.

N.B. Das ultimas clausulas dos n.ºs 12.º e 13.º, se vê qe o som *ain* das palavras *Mãe*, *Cães*, *Guimarães*, *Capitães*, etc., etc., se decompõe 'nestes

dois *am*, *im*. E deve-se tambem concluir, qe o som *em* da palavra *Bem*, é igual ao *ain* da palavra *Mãe*; e consequentemente qualquer destes dois é igual a *an*, *in*, pronunciadas rapidamente; o qe todos podem aferir por uma analyse refletida.

14.º O som *on*, como o da palavra *Bom*, de cinco modos se representa:

com *om*, como em *Tom*;

com *hom*, como em *Hombro*;

com *on*, como em *Monte*;

com *hon*, como em *Hontem*;

com *õ*, como em *Feijões*.

N.B. Ainda a corroborar o qe dicemos da ultima clausula do n.º 13.º, vem a ultima deste n.º 14.º — A silaba *ões*, decompõe-se 'nestes dois sons; *om*, *ins*, rapidamente proferidos, onde o *e* conserva visivelmente o som de *in*.

15.º O som *un*, como o da palavra *Atum*, de cinco modos se representa:

com *um*, como em *Zabumba*;

com *un*, como em *Mundo*;

com *hum*, como em *Hum*;

com *hun*, como em *Hungaro*;

com *u*, como em *Muito*.

16.º A articulação *m*, de tres modos se representa:

com *m*, como em *Maria*;

com *mm*, como em *Gemma*.

com *gm*, como em *Augmentar*.

17.º A articulação *n*, de cinco modos se representa:

com *n*, como em *Navio*;

com *nn*, como em *Penna*;

com *gn*, como em *Assignante*;

com *nh*, como em *Anhelito*;

com *mn*, como em *Damno*.

18.º A articulação *l*, de dois modos se representa:

com *l*, como em *Leme*;

com *ll*, como em *Falla*.

19.º A articulação *r*, com o seu primeiro valor, como o da palavra *Roto*, de tres modos se representa:

com *r*, como em *Rato*;

com *rr*, como em *Carro*;

com *rh*, como em *Rhetorica*.

20.º A articulação *b*, de dois modos de representa:

com *b*, como em *Bicho*;

com *bb*, como em *Abbade*.

21.º A articulação *p*, de dois modos se representa:

com *p*, como em *Pote*;

com *pp*, como em *Apparecer*.

22.º A articulação *d*, de dois modos se representa:

com *d*, como em *Dama*;

com *dd*, como em *Additar*.

23.º A articulação *t*, representa-se de seis modos:

com *t*, como em *Tempo*;
 com *tt*, como em *Attonito*;
 com *ct*, como em *Acto*;
 com *th*, como em *Theatro*;
 com *pt*, como em *Prompto*;
 com *pht*, como em *Phtisica*.

24.º A articulação *f*, de tres modos se representa:

com *f*, como em *Fome*;
 com *ff*, como em *Affeto*;
 com *ph*, como em *Phosphoro*.

25.º A articulação *q*, de seis modos se representa:

com *q*, como em *Quanto*;
 com *qu*, como em *Quente*;
 com *k*, como em *Kalendario*;
 com *c* como em *Calo*;
 com *cc*, como em *Accomodar*;
 com *ch*, como em *Charidade*.

26.º A articulação *ç*, de oito modos se representa:

com *ps*, como em *Psalmo*;
 com *c*, como em *Celha*;
 com *cc*, como em *Diccionario*;
 com *ç*, como em *Coração*;
 com *s*, como em *Santo*;
 com *ss*, como em *Doutissimo*;

com *sc*, como em *Scena*;

com *x*, como em *Proximo*.

27.º O primeiro valor da articulação *z*, de dois modos, pelo menos, se representa:

com *z*, como em *Zanga*;

com *s*, como em *Rosa*.

N.B. Póde-se ainda ajuntar, qe a letra *x* tem muitas vezes um valor misto de *i* e *z*, como na palavra *Exemplo*, qe se lê como se se escrevesse *e-i-z-emplo*.

28.º A articulação *ch*, de quatro modos se representa:

com *ch*, como em *Chama*;

com *x*, como em *Xá*;

com *s*, como em *Casas*;

com *z*, como em *Rapaz*.

29.º A articulação *j*, de dois modos, pelo menos, se representa:

com *j*, como em *Joelho*;

com *g*, como em *Genio*.

N.B. O *s* antes das consoantes *b*, *d*, *g*, *l*, *m*, *n*, *r*, *v*, parece-nos ter o valor de *j*; eisemplos: *Lisboa* — *Desdizer* — *Desgraça* — *Islamismo* — *Asma* — *Asna* — *Israelita* — *Esvair*.

30.º O *g*, de tres modos se representa:

com *g*, como em *Galo*;

com *gg*, como em *Aggravo*;

com *gu*, como em *Guerra*.

PASME-SE!

Trinta e tres elementos unicos, de qe se compõe todas as palavras da lingua portugueza, tem para ser representados CENTO E QUINZE sinaes escritos. Quer dizer: qe tem cada elemento fónico, termo medio, tres representações e meia; segundo a ortografia erudita, é necessario saber em cada ipotese qual das tres representações e meia vale; coisa, em qe os proprios eruditos não concordam, e qe d'eles para baixo ninguem sabe.

É pois essa chamada ortografia, uma lei absurda; e, sobre absurda, tiranica, desumana no ultimo ponto; — absurda, porqe supõe sabido, o qe o não é; — tiranica, porqe não é ditada pela razão, qe seria a unica legisladora competente; — desumana, não só porqe impece a toda a cultura intellectual, mas porqe condena a passar por ignorantes, e a ser escarnecidos, todos ageles, qe não consumiram o melhor da vida em taes futilidades; isto é, a maioria da nação, qe por necessidade prefere, e deve preferir, a futilidades de *éfes* e *érres* a sua lavoira, as suas oficinas, o seu commercio, e até os seus divertimentos, e o seu dormir.

Mas para completarmos este quadro, lastimoso sudario da lingua portugueza escrita,¹ vejamos os diversos valores fónicos, qe se podem dar a cada letra.

¹ Em muitas das outras, ainda vai peor.

**Sinaes escritos, a que respondem
diversos valores.**

- N.º 1. O *A* tem dois valores.
- N.º 2. O *E* tem cinco valores.
- N.º 3. O *O* tem tres valores.
- N.º 4. O *U* ora tem valor, ora não.
- N.º 5. O *AM* tem dois valores.
- N.º 7. O *EM* tem dois valores.
- N.º 7. O *R* tem dois valores.
- N.º 8. O *C* tem dois valores.
- N.º 9. O *S* tem quatro valores.
- N.º 10. O *Z* tem dois valores.
- N.º 11. O *X* tem cinco valores.
- N.º 12. O *G* tem dois valores.
- N.º 13. O *H*, muitas vezes não tem valor; muitas outras, posposto ás consoantes *C*, *L*, *N*, e *P* transforma o valor d'elas 'noutro diferente.

— Acrescente-se a isto, qe já não seria pouco para desorientar e afugentar principiantes de leitura, qe as consoantes *B*, *C*, *D*, *F*, *G*, *L*, *M*, *N*, *P*, *T*, qe a alcunhada ortografia manda muitas vezes duplicar, nem por isso tem mais valor, quando sor-dem ás parelhas, do qe estando solitarias.



OBSERVAÇÃO SOBRE A LIÇÃO PRECEDENTE

B

AMOSTRA DE UMA ESCRITA

TÃO FACIL DE FAZER COMO DE LER.

É impossível ter lido esta lição oitava, e não confessar, qe os desejos manifestados no preambulo a ela, são realmente mui atendiveis.

Uma coisa boa tinha, á falta de todas as outras, o ensino mutuo; e vinha a ser, aqele eterno aforismo de gente arranjada — *Um lugar para cada coisa, cada coisa no seu lugar.* — O contrario, o diametralmente oposto, é o qe faz a pseudo-ortografia. As letras são os logares, em qe se depositam, por assim dizer, visiveis, os sons, de qe se compõe a linguagem; o bom senso diria, como o ensino mutuo — um lugar para cada som, um som para cada lugar; — e qe fez a eru-

dição, 'nisto inimiga capital do bom senso? Poz tres logares e meio para cada som, e não sei quantos sons para cada logar. O resultado foi, o que não podia deixar de ser; o ler desembaraçado, tornou-se uma prenda rara; o escrever certo, um merito relevante. O patrimonio de todos, encabeçou-se em morgado de meia duzia de doutores; e os proprios doutores perderam 'nisso, como as turbas; pois, se os seus estudos lhes davam talvez com que brilhar, o seu brilho não podia ser percebido por uma população, a quem se não tinha permitido que abrisse os olhos. Sobrecarreguem-se embora de dificuldades as artes de luxo; mas de dificuldades se dispam, quanto possivel fôr, os ensinios de primeira, de impreterivel necessidade. Que é o ler? Um caminho, e nada mais; o caminho do saber; por outra, o caminho unico para tudo o que é bom. Dois modos se nos oferecem para andarmos este caminho; um, a passo rasgado e directamente; o outro, com passo de dança, e escolhendo com as pontinhas dos pés a pedrinha d'este, ou d'aquele feitio, e não progredindo sem a ter bem reconhecido. E quem dirá que o primeiro modo, que é o natural, não é tambem o mais sensato, ou o unico sensato?

Se os nossos escritores, cujos nomes fazem pezo na balança do publico juizo, se a imprensa periodica, se os mestres de primeiras letras, ouzassem, 'num momento de filosofia audacissima, aquilo em

que eu por minha parte os acompanharia com alacridade, o ler e escrever, talvez em oito dias, e brincando, se aprendesse.

Antes porém de apresentar a minha proposta de simplificação ortografica eistrema, direi: que, a não se atreverem a seguirl-a tal qual, bom seria que ao menos (beneficio ainda mui grande) se animassem da meia ousadia, que tiveram os visinhos Castelhanos na reformação da sua ortografia. A que sigo no presente livro, se a perfilhassem, já fora um avanço consideravel.

Como porém, no meu entender, especar e remendar o que merece completa reedificação, quando essa reedificação completa se póde fazer, é um acanhamento de animo, e uma fraqueza no querer, que mal se póde justificar, eis-aqi sem mais vé-nias a proposta, á qual, ou a alguma de igual força, infalivelmente se á-de chegar, em se tendo acabado estes ultimos restos de preconceitos hereditarios, que ainda oje assombram e dominam a terra.



Caratères para uma escrita simplicíssima, e em cuja leitura todas as equivações se tornam impossíveis.

SONS.

A para o primeiro valor.

A para o segundo valor.

Ã para o som de *an*.

Ê para o segundo valor d'esta letra.

Ê para o terceiro.

E para o quarto.

Ê para o som de *en*, como em *tempo*.

I

Î para o valor de *in*.

Ó para o primeiro valor desta letra.

Ô para o segundo.

Õ para o som de *on*.

U

Û para o som de *un*.

ARTICULAÇÕES.

M

N

L

- R** para o primeiro valor desta letra.
R para o segundo valor.
B
P
D
T
F
V
Q
S para o primeiro valor d'esta letra.
Z para o primeiro valor d'esta letra.
J
G para o valor aspero d'esta letra.
L para o valor *lh*.
Ñ para o valor *nh*.

Arredem os olhos do seguinte specimen, os nervosos, os latinos, os ramerraneiros, os autores qe tiverem impresso muito, os medrosos de epigramas, os defensores da ignorancia publica, os escrivães e os contadores das linhas dos processos, qe tremeriam de ver cada quatro paginas reduzidas a tres, mas leiam-n'o, pezem-n'o a sangue frio, e por mais de uma vez, façam duas ou tres tentativas de imitação, até afazerem a mão, e

familiarisarem os olhos, os qe abaicho de Deus amam o genero umano mais qe todas as coisas; os qe detestam o monopolio da luz, como o pessimo e o mais indesculpavel de todos os monopolios; os qe dão ao tempo o seu devido valor, qe é infinito; e os qe não desprezam o bom conselho só porqe ele vem de boca desautorizada.

Leâmos pelo alfabeto qe deichamos proposto as duas primeiras oitavas dos Luziadas; advertindo, qe vão escritas para ser lidas com a pronuncia da gente culta de Lisboa. A diversidade de pronuncias, de qe fazem objecção á minha proposta ortografica, é um dos mais possantes argumentos em favor d'ela; porqe de a adotarem e seguirem, resultará, com o andar do tempo, o uniformar-se toda a nação portugueza no falar, como no escrever; coisa qe por nenhum outro modo se lograria.

Az ármaz, i ux varõiz asinaládux,
 Qe da ôsidêtal práia Luzitana
 Pur márex nũqa dâtex navegádux
 Pasárâu ida álai da Taprubana;
 Qe ai periguz i geraz exfursádux,
 Maix du qe permitia a fôrsa umana,
 Être jête remóta idifiqárâu
 Nôvu ráinu, qe tâtu sublimárâu.

I tãbãi ax memóriax gluriózax
 D'aqêlex raix, qe fôrâu dilatâdu
 Qu' a fé u îpériu, i ax téřax visiózax
 D'África, i d'Ázia âdárâu devaxtâdu;
 I aqêlex, qe pur óbrax valurózax
 Se vâu dax laix da mórte libertâdu,
 Câtâdu expaľarai pur tôda a pártē,
 Se â tátu me ajudár ijéñu i árte.

Qem tiver chegado aqí pela primeira vez, por mais cordato e sizudo qe seja, tenho por certo, qe á-de ter rido; como porém o riso esteja muito longe de ser argumento, e rara será a coisa de tomo, qe o não eiscitasse quando pela primeira vez a alvitram, torno a pedir aos omens d'alma e coração, qe reflitam na proposta; qe se lembrem, de qe a eistranheza, a cada vez qe isto releiam, se lhes vai diminuindo; qe esta ortografia, não só é mais simples e eisata, e livre de duvidas, mas ensina a pronunciar a nossa lingua tanto aos estrangeiros, qe não é pequena vantagem, como aos da nossa terra, qe é vantagem grandissima.



DIVERTIMENTOS.

Como o que ultimamente lembrei, se refere a uma ortografia ainda não adotada, e todo o nosso ponto 'neste livro é ensinar a ler o que se tem escrito, e se escreve, com a infinita complicação usual, para familiarisarmos com ela, quanto possível for, os nossos estudantes, podemos dar-lhes para as horas de recreação um baralho de letras, em que haja dois, ou tres eismplares de cada adjetiva, tres ou quatro de cada substantiva, para que eles façam um jogo de prendas do seguinte modo: repartido o baralho entre dois parceiros, põe o primeiro na meza a primeira carta; o que obriga o segundo a dizer instantaneamente todos os valores da letra; se o não fez, e o outro o corrigio, perdeu um tento, e a vez de jogar, que torna ao primeiro; e assim todas as vezes, que se demore, ou erre; se porém acertou, lança tambem uma carta, cuja letra o parceiro é obrigado a nomear com todos os seus valores; assim como a dizer, se a precedente se lhe póde ligar; e que valor somam as duas assim ligadas; se o não fez, pagou um

tento, e lança o parceiro terceira carta, e assim por diante. Eisemplo :

João, lançando a carta F.
Como se chama?

PEDRO.

F. (*Apresentando a carta R*) como se chama?

João.

R. (*Mostrando as duas juntas*) Que dizem ?

PEDRO.

FR. (*Mostrando a carta S*) Como se chama?

João.

Ç, Z, J, CH. E as antecedentes com esta ?

PEDRO.

Não póde ser.

E assim por diante.



ADVERTENCIA PRÉVIA Á LIÇÃO NONA.

Antes qe entremos á leitura, importa sobremaneira, qe o mestre registre bem na memoria (na propria memoria) os preceitos qe vamos dar, reduzidos a versos rimados. Com estes preceitos irá ele acudindo a cada uma das dificuldades, qe na leitura se forem apresentando, e tratará primeiro de os eisplicar com a maior clareza, e, logo depois, de os fazer decorar teistualmente; pois entendidos e sabidos eles, todas as duvidas se desvanecem. Não lhe aconselho, pois seria tedioso, e talvez nocivo, qe transmita todas estas regras pela sua ordem, seguidas, e de empreitada; não; o melhor arbitrio é ir apresentando cada uma de per si, só no caso em qe ela se torne necessaria para a leitura de uma palavra, com qe os alunos não atinaram por não poderem.

Assim como versos e rimas ajudam a memoria, assim a ajuda o canto; qe de mais concorre para o prazer; sejam pois estas regras em verso can-

tadas, idéa concebida e realisada a primeira vez pelo meu amigo e distinto sabio o Sr. Adrião Pereira Forjaz nas salas d'Asilo d'Infancia desvalida em Coimbra, e já oje seguida geralmente com muito proveito em todo o reino e provincias ultramarinas nas escolas de leitura por este método.

A musica com qe na maior parte das terras cantam estes versos é a popularissima toada do Pirolito.

'Naquelas partes em qe aja outra mais popular e aceita, e qe acerte igualmente nos metros, nenhuma inconveniencia averá em qe a prefiram.



LICÃO NONA.

DIVISÃO DAS LETRAS EM VOGAES E CONSOANTES.

À seis vogaes; dize-as tu.

São: *a, e, i, y, o, u.*

Qualquer letra, afóra as seis,

Consoante a chamareis.

EISPLICAÇÃO.

A da regra supra já fica dada com o possível desenvolvimento a pag. 25.

REGRA PRIMEIRA.

A a

A no fim tem pouca força.

Que o digam *roseira* e *corça*.

EISPLICAÇÃO.

Vimos qe o *A* ou *a* podia ter um de dois sons: mais aberto como a primeira silaba de *ave*; menos aberto como a primeira de *ama*. O *A* ou *a* no fim de palavra é sempre menos aberto, conforme ensina a regra, e para se tornar mais aberto, ou sonoro, necessita de levar por cima um acento d'este modo: *Á* ou *á*. Para ajudar a memoria do discipulo, póde-se-lhe dizer: qe quando carrega com aqele trambolho parece que dá um grito. *Á* ou *á*; e *ÃA* ou *ãa* no fim da palavra diz *an*, como *maçãa* ou *maçã*, qe se lê *maçan*; *lãa* ou *lã*, qe se lê *lan* etc. Para nos não esquecermos disto, suponhamos qe estando a conversar um senhor *A* com outro senhor *A*, veio a cair por cima d'eles uma coisa, e qe eles não sabendo o qe era, perguntaram, ao mesmo tempo *han!*

REGRA SEGUNDA.

E e

O *E* no fim mui pouco se ouve:

Qe o digam *cidade* e *couve*.

EISPLICAÇÃO.

O *E* ou *e* no fim das palavras é mudo, isto é, tem o quarto dos cinco valores, qe dicemos se

davam a esta letra; póde comtudo acontecer que o *E* ou *e*, mesmo no fim da palavra, tenha um som muito aberto, isto é, que tenha o segundo d'aqueles cinco valores, mas para isso é necessario que leve em cima um acento d'este modo *Ê* ou *é*. É coisa que não póde esquecer; em tendo aquele carregamento em cima de si berra mais forte.

REGRA TERCEIRA.

O O

O no fim da voz é mudo;
Diz *u*, como em *Pedro* e *estudo*.

EXPLICAÇÃO.

Aprendemos já que o *O* ou *o* tinha tres valores diversos; quando o *O* ou *o* se acha em fim de palavra o seu valor é o mais surdo, isto é, sôa como *u*, eiscto quando tem em cima acento agudo que então com o tal ajojo berra forte, e toma o seu primeiro valor, como em *cipó*, *dó*, *pó* etc.

Algumas pessoas letradas me tem dito, que o *o* no fim das palavras lhes não sôa como *u*; confesso que por mais atenção que ponha no ouvido não sei differencar *gato* de *gatu*. Mas concedendo mesmo, que ája alguma sombra de differença, como

essa é imponderavel deve ser desprezada. Os proprios mathematicos, os omens da eisação por eiscelencia, não desprezam nos seus calculos os infinitamente pegenos?

REGRA QUARTA.

U u

Pelo *u* mil vezes passo

Sem dar sinal de *q* e *o* *vi*

Entre *g*, *e*, ou *q*, *e*;

Entre *g*, *i*, ou *q*, *i*.

EISPLICAÇÃO.

A regra é *q*e *gue* se lê *ge*, *gui* *gi*, mas com o valor aspero do *g*, assim como *que* *qe*, *qui* *qi*; á todavia eisceções em *q*e o *u* assim intalado se lê: como *aguentar*, *frequentar*, *sanguineo*, *inquinar*.

REGRA QUINTA.

ACENTOS.

Á, é, í, ó, ú, vozeam

Quando acima o páu lhes vem;

Mas vão quasi caladinhas,

Quando carapuça tem.

EISPLICAÇÃO.

Rigorosamente não usamos senão de duas especies de acentos para modificar as vogaes: acento agudo, qe é uma astea inclinada deste modo / ; e acento circumflexo, qe são duas asteas divergindo para a parte de baixo, deste modo ^ . Quanto a acento grave, com circumflecso se costuma suprir. A vogal com acento agudo lança o maior som qe póde, como já 'noutros logares observámos; eisemplos: chá, café, florído, flóri lo, mingúa; com o acento circumflecso, pore, abranda quasi todo o seu valor; eisemplo: amârao, temêram, fôra, mingúa.

REGRA SEISTA.

M m, N n

M ou *N*, se a vogal segue
E em fim de sílaba está,
An, *ão*, *en*, *em*, *in*, *on*, *um*,
Como os sinos soará.

EISPLICAÇÃO.

Veja-se a do Campanario a paginas 94 e 95.

REGRA SETIMA.

R r

O *R* no principio é forte

Fortes são dois *RR* tambem

Em meio ou fim de palavra

O *R* pouca força tem.

*Depois da L. ou
Força igual ao R.*

EISPLICAÇÃO.

No principio da palavra o *R* tem o seu valor forte e fortissimo, como em *Reino*; no fim de palavra tem sempre o seu valor brando, como em *amor*; no meio da palavra quasi sempre valor brando, quer se siga vogal, como em *ara*, quer consoante, como em *carta*; á eisceções, eisemplo: *onra*, e *carne* tem um *r* no meio e com valor forte. Finalmente em se achando *RR* 'numa palavra, os dois soam como um só, mas forte como em *terra*.

REGRA OITAVA.

C c, G g.

O *Que Ç* é sempre *Q*

Eisceto com *e* ou *i*;

O *Gue J* é sempre *Gue*

Só com *e*, *jé*; com *i*, *ji*.

EISPLICAÇÃO.

O *C* tem dois valores, um aspero, e um suave; aspero iqivalente a *Q*; suave iqivalente a *Ç*. O *G* tem igualmente valor aspero, e valor suave; aspero, como no principio de *Gato*; suave como no principio de *Gemeo*. Repare-se agora bem: d'entre as vogaes á tres qe parecem mais imperiosas no seu soar qe são *a*, *o*, *u*, e duas qe parecem mais umildes e benignas, qe são *e*, *i*; com as altanadas tanto o *c* como o *g* falam desabridamente *ca*, *co*, *cu*, *ga*, *go*, *gu*; com as brandas tambem eles se abrandam e umanisam *çe*, *çi*, *je*, *ji*. Decore-se a seguinte formula, e recite-se com intoação: *Ca*, *co*, *cu*; *çe*, *çi*; *ga*, *go*, *gu*; *je* *ji*.

REGRA NONA.

S S

*A cobra em principio é doce,
Duas juntas doces são,
Entre vogaes z parece
Diz ch no fim da dição.*

EISFLICAÇÃO.

Vimos na lição quarta qe o *S* tinha quatro valores; em principio de palavra tem o de *c* como em

sabor; em fim de palavra o de *ch* como em *folhas*; em fim de sílaba quasi sempre o de *ch* como em *casta*; ás vezes porém, em fim de sílaba o de *j* como em *asma*; dois juntos tem o valor doce como *santissimo*; entre vogaes sôa como *z*, embora a segunda vogal seja no principio d'outra palavra, como em *As armas e os varões assinalados*, que se lê *az armaz e ux varôez assinaladox*.

Faça-se notar aos discipulos que o *S* no fim de palavra indica, por via de regra, numero plural; *arvore*, *arvores*; *tronco*, *troncos*; *vinha*, *vinhas*, *ect.*; para que isto lhes não esqueça diga-se-lhes, que a cobra, de que o *S* é sombra, cortada em pedaços, em todos eles conserva vida e movimento por muito tempo, pelo que 'num só corpo parece ter muitas vidas, e por isso com o seu todo nos suscita a idéa de pluralidade; por tanto a palavra acabada em *S* ou cobra tem o cunho de plural.

REGRA DECIMA.

Z z

Z no fim como é que faz?

Faz um *ch* muito capaz.

EXPLICAÇÃO.

O *Z* no fim da palavra tem o mesmissimo valor do *S* no fim da palavra, como em *Moniz*, ra-

paz, Bolonhez, atroz: qe se lêem como se se escrevessem Monís, rapás, Bolonhés, atrós.

REGRA UNDECIMA.

B, c, d, f, g, l, m,
N, p, t, são letras taes,
 Que ou singelas ou dobradas,
 Não valem menos nem mais.

EISPLICAÇÃO.

Qualquer das consoantes apontadas 'nesta regra não tem mais valor por se achar duplicada ou repetida; eisemplo: abbade, accumular, addição, affronta, agravo, alleluia, ammoniaco, anel, appetite, attenção; lêem-se como se se escrevessem: *abade, acumular, adição, affronta, agravo, aleluia, amoniaco, anel, appetite, atenção.*

REGRA DUODECIMA.

H h

O *H* qe a palavra enceta,
 Não falla, é como um pateta.

EISPLICAÇÃO.

O *H* em principio de palavra não se lê; é como se lá não estivesse; homem lê-se como se se

escrevesse *omem*, historia como *istoria* etc. E podemos ainda acrescentar, qe até mesmo em meio de palavra, deixa muitas vezes o *H* de ter valor: pois *chronica* pronuncia-se *cronica* etc.

DEMONSTRAÇÃO DO USO DAS DOZE REGRAS PRECEDENTES.

É evidente qe o mestre antes de abrir o curso se deve ter inteirado de toda a doutrina deste livro. O qe lhe vamos dar aqui, por ser o lugar em qe mais propriamente cabia, já ele o deve ter praticado com os discipulos quando os fez ler os catálogos de palavras, a saber: no fim da lição primeira a pag. 40; no fim da lição segunda a pag. 53; no fim da lição terceira a pag. 68; no fim da lição quarta a pag. 90; no fim da lição quinta a pag. 116. Nas palavras qe para eisemplo vamos catalogar, achará por cima de cada letra variavel um algarismo; o algarismo é o mesmo com qe ficou numerada a regra qe, nos versos ou na eispliação lhe deve dar, com qe determine qual dos varios valores a letra deve ter 'naquele lugar. Este eisercicio, a primeira vez costuma ser em-

baraçoso, mas continuando-se 'nele, para logo se torna eispeditissimo.

8 91 7 1 9 6 3 9 4 6
Casa — Marta — Santos — Quintal

8 75 79 2 12 6
Jacaré — Universidade — Homem

10 11
Thomaz — Ella.



LICÃO DECIMA.

SUMARIO.

Recordação de atrazados. — Leitura de logogrifos. — Vencem-se as difficuldades que opõe á leitura certas combinações de letras. — Leitura de palavras com sucessiva subtração de letras.

Corridas rapidamente as letras do alfabeto, as vogaes nasaladas, e as articulações compostas, e cantadas as regras de todas as letras variaveis, escrevam-se no quadro preto a uma e uma palavras, cujas silabas, ou tomadas cada uma de per si, ou diversamente combinadas, possam dar novas palavras, *verbi gratia*: da palavra *Cachopa*; tomando-se a primeira e a segunda silaba, faz-se *cacho*; a segunda e a terceira *chopa*; a segunda e a pri-

meira *choca*; a terceira e a primeira *paca*, animal da America, a primeira e a terceira *capa*; a primeira, a terceira e a segunda *capacho*; a terceira repetida *papa*, a segunda repetida *chocho*.

Pouco importa que nas palavras formadas pelas diversas combinações logogrificas, a ortografia seja ás vezes violada. O que por ora se aprende, e só se póde aprender, e só importa, é a leitura.

Catálogo de palavras logogrificas, postas já do modo como no quadro preto se devem escrever.

1 2 3

Pi-a-no.

Um e dois? *Pia*. Um e tres? *Pino*. Dois e tres? *Ano*. Tres e dois? *Noa*. Um, um e tres? *Pipino*. Tres e tres? *Nono*. Tres? *Nu*. Tres com acento agudo? *Nó*. Dois? *A*. Dois com acento agudo? *Á*.

1 2 3 4

Li-mo-na-da.

Um? *Li*. Dois com acento agudo? *Mó*. Tres? *Na*. Quatro? *Dá*. Quatro com acento agudo? *Dá*. Dois e dois? *Momo*. Tres e tres? *Nana*. Quatro e quatro? *Dada*. Um e dois? *Limo*. Dois e tres? *Mona*. Tres e quatro? *Nada*. Um e tres? *Lina*. Um e quatro? *Lida*. Dois, tres e quatro? *Monada*. Quatro e tres? *Dana*. Dois e quatro? *Moda*. Um, quatro e quatro? *Lidada*.

1 2 3 4 5 6 7
Ma-te-ri-a-li-da-de.

Sete? *De*. Sete com acento circumflecso? *Dé*.
Seis? *Da*. Seis com acento agudo? *Dá*. Cinco? *Li*.
Quatro? *A*. Quatro com acento agudo? *Á*. Tres?
Ri. Dois? *Te*. Dois repetido com acento agudo? *Té-
té*, nome que os meninos dão ao ovo. Seis e seis?
Dada. Um e dois? *Mate*. Dois e um? *Tema*. Tres
e um? *Rima*. Quatro e um? *Ama*. Cinco e um?
Lima. Seis e um? *Dama*. Sete e um? *Dé-ma*.
Sete e cinco? *Dé-te*. Um, dois, tres e quatro?
Materia. Quatro, um, tres, e quatro? *Amaria*.
Tres, um e seis? *Rimada*. Tres e quatro? *Ria*.
Tres e sete? *Ride*. Tres, tres e quatro? *Riria*.
Quatro, tres e quatro? *Aria*. Semelhantemente se
opére nos termos seguintes e nos mais que ocor-
rerem.

1 2 3 1 2 3 4 1 2 3 1
Pi-ra-ta, Pa-ta-ra-ta, Ma-ca-co, Sol-
2 3 1 2 3 1 2 3 4 5 1
da-do, Ca-ra-ça, As-su-ca-ra-da, Ca-
2 3 4 1 2 3 4 1 2 3 4
ma-ra-da, Ca-ma-ro-te, Pa-ta-cu-a-
5 1 2 3 4 1 2 3 4 1
da, Bu-la-chei-ra, Bur-ra-chei-ra, Pa-
2 3 4 1 2 3 4 1 2 3 4 1
la-ci-o, Ca-ra-me-lo, Por-ta-ri-a, Fa-

^{2 3 1 2 3 4 1 2 3 4}
 zen-da, Mo-ci-da-de, La-men-ta-do,
^{1 2 3 4 1 2 3 4 1 2 3 4}
 De-li-ri-o, Pre-ci-o-so, Al-ge-ma-do,
^{1 2 3 1 2 3 4 5 6 1}
 Sa-gra-do, Des-mo-ra-li-sa-do, Ve-
^{2 3 4 1 2 3 4 5 6 1}
 re-a-dor, Re-pen-ti-na-men-te, Ca-
^{2 3 4 5 1 2 3 4 1 2 3}
 pa-ci-da-de, A-pa-ra-dor, De-pra-va-
^{4 1 2 3 1 2 3 4 5 1 2}
 do, Re-pa-ro, Com-mis-sa-ri-o, I-so-
^{3 4 1 2 3 4 1 2 3 4 1}
 la-do, Ca-na-ri-o, Sa-ra-ma-go, Ca-
^{2 3 4 1 2 3 1 2 3 1}
 ça-ro-la, La-gar-ta, Bo-la-cha, Mos-
^{2 2 4 2 3 4 1 2 3 1 2}
 qi-to, Lin-go-a-do, Ar-ca-no, Co-to-
^{3 4 1 2 3 4 1 2 3 1 2}
 ve-lo, Ar-ca-di-o, Ga-lo-cha, Ser-ra-
^{3 1 2 3 1 2 3 4 1 2}
 dor, Pe-ro-la, Ca-ra-pe-ta, Co-me-
^{3 4 1 2 3 4 1 2 3 1}
 di-a, Ca-lha-mas-so, Ca-la-do, Es-
^{2 3 4 5 1 2 4 1 2 3}
 cu-la-pi-o, Mas-ca-ra, Sal-va-dor.

Outro elsercicio, qe não menos desembaraça os principiantes.

Escrita qualquer palavra e lida, apaga-se a primeira letra; fazem-se ler as qe ficam, depois a immediata e fazem-se ler as qe restam, e assim; até á ultima letra, embora o qe se lê muitas vezes não dê sentido. Se as letras qe ficaram se não podem ler pela supressão da precedente, os discipulos devem dizer isso mesmo. Eisemplo: *Turneira, urneira, neira, eira, ira, ra, a*. Póde-se tambem para variar fazer alguma vez a subtração, do fim para o principio. Eisemplo: *Clerigo; Clerig* não póde ser, *Cleri, Cler, Cle; Cl* não póde ser *C*, não póde ser. Finalmente se póde fazer a subtração das letras salteadamente. *Vidro, Viro, Vido; Vrdo* não póde ser. Todo o nosso segredo é variar o mais possivel, sem nunca sair do proposito do ensino, nem lhe violar a unidade.

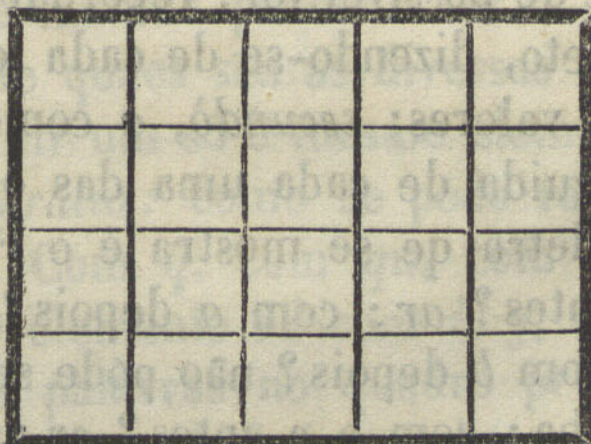
Á certas combinações de letras custosas de atinar aos principiantes; logo qe uma d'essas combinações appareça e se reconheça tal, pára-se 'nela, eisplica-se, escrevem-se e fazem-se ler muitas palavras em qe ela figure. Supunhamos qe a palavra qe na pedra se mostrava era *feijões*, e qe tiveram custo em atinar com a segunda silaba; diz-se-lhes qe aquelas tres ultimas letras valem *ões*, e dão-se-lhes a ler, *verbi gratia*, as seguintes pa-

lavras: *Piões, Manjaricões, Leões, Tubarões, Mandriões, Ladrões, Ações, Lições, etc.* Proceda-se analogicamente com a terminação *ães*: *Cães, Pães, Capitães, Escrivães, etc.*; com a terminação *eis*: *Reis, Furrieis, Coroneis, Capiteis, etc.*; com a terminação em *aes*: *Generaes, Nacionaes, Paes, Filiaes, etc.*; com a terminação em *ão*: *Bordão, Furão, Mechilhão, Trovão, etc.*; e o mesmo com a terminação *am*: *Amam, Ouviam, Disseram, Cantariam.* O mesmo com a terminação *em*: *Fizessem, Dizem, Bailem, Briguem.* O mesmo com a combinação *ns*: *Construção, Instituir, Monstro, Transtorno.* O mesmo com *u* sem valor depois do *g* ou *q*: *Guerra, Guincho, Agueda, Guitarra, Quente, Quinta, Querido, Quina.* E assim por diante. Superfluo é advertir que este proveitoso exercício não é só para esta lição; entendido está que a cada novo encalhe de dificuldade se deve tornar a ele.



DIVERTIMENTOS.

Uma caixa dividida em compartimentos, tem em cada compartimento um pequeno objeto do gosto das creanças; um, um rebuçado, outro uma amendoa, outro uma castanha, um assobio, um anel, seja o qe fôr; cada compartimento tem sua tampa de papel, onde está escrito, primeiro em maiusculo, depois em minusculo o nome do objeto.



O rapaz qe, primeiro qe os outros lê este papel, levanta-o e leva o premio; o qe mais papéis levantou, mais premios leva; o qe não levantou nenhum, fica sem nada.

Para não mandar fazer caixas, em cima de qualquer meza se podem os objetos dispôr com um papel por cima a cobril-os.

ADVERTENCIA SOBRE AS LIÇÕES PRECEDENTES.

Até aqui aprendemos as formas e os valores das letras, e as regras com que muitos d'esses valores se determinam na leitura. Como isto na arte que tratamos seja a base essencial, convem assentá-la, consolida-la perfeitamente, o que só pelo exercício se pôde obter. Por espaço de alguns dias pois, uma semana pelo menos, deve a lição consistir no que se segue, tudo, já se sabe, o mais ritmicamente que possível fôr: recordação dos quadros do alfabeto, dizendo-se de cada letra, *primò*, todos os seus valores; *secundò*, o como se lê precedida ou seguida de cada uma das outras, *verbi gratia*, se a letra que se mostra é o *r*, pergunta-se: com *a* antes? *ar*; com *a* depois? *ra*; com *b* antes? *br*; com *b* depois? não pôde ser, salvo em diferente sílaba; com o *c* antes? *cr*; e assim até ao fim do alfabeto. Como porém este processo seja dilatadíssimo, pois supõe mil e cincoenta e duas perguntas, e mil e cincoenta e duas respostas, pede o bom juízo que para poupar tempo e tédio, só se faça em cada dia certo numero d'estas perguntas. *Tercio*: sobre as letras de valor variado, mas que tem regra para o determinar, perguntar pela regra e mandal-a cantar.

Mostrar os sons nasalados, e perguntar por cada um d'ageles sons nasalados, precedido ou seguido de cada uma das consoantes, *verbi gratia*, *ão*: com o *p* antes? *pão*; com o *p* depois? não póde ser. *In* com *s* antes? *sin*; com *s* depois? *ins*.

Mostrar as articulações compostas, perguntando o qe faz cada uma d'elas seguida de cada uma das vogaes. *Verbi gratia*, *ch*: com *a* do primeiro valor adiante? *chá*; com *o* do terceiro valor? *chu*; com *e* do terceiro valor? *ché*.

Decomposição de palavras em silabas, decomposição de palavras em letras. Leitura auricular, e leitura auricular alternada; alguma vez tambem com palmas e marcha podendo ser.

Inquerito de quaes são as diversas adjetivas qe podem eisprimir um só e mesmo elemento de palavra, *verbi gratia*: como se póde representar o elemento *q*? Com *q*, com *qu*, com *k*, com *ch*, com um *c*. O elemento *i*? com *i*, *y*, *e*, etc.

Leitura de palavras no quadro preto, sempre por silabas. Leitura de palavras logogrificas. Leitura de palavras por cima.

Logo qe passados dias se reconheça qe os alumnos estão certissimos da letra redonda, vai-se-lhes insensivelmente adulterando ora um, ora outro caracter nas palavras qe se lhes dão a ler, por modo qe, de redondo vá descaindo para de mão, até qe a final seja já tudo francamente manuscrito.

LICÃO DECIMA PRIMEIRA.

SUMARIO.

Recordações. — Eisposição e formulação mnemonica da ordem alfabetica.

Recorde-se toda a serie dos vinte e seis quadros alfabeticos, cantando-se as regras nos lugares competentes, e entre-se logo na materia nova d'este dia.

Para ensinar as letras desviámo-nos da ordem seguida em todas as cartilhas de A B C, e fizemol-o assim para proceder racionalmente. Começámos pelas seis vogaes ou substantivas A, E, I, Y, O, U; passámos ás consoantes ou adjectivas; estas dividimol-as em tres grupos segundo as suas naturezas; primeiro grupo, M, N, L, R; segundo grupo B, P, D, T, F, V; terceiro grupo, Q, K, C, Ç, S, Z, X, J, G; foi depois de tudo o H, sinal qe não é propriamente letra.

É necessario todavia saber-se de cór a estonteada colocação em qe todo o mundo conserva o

abecedario, pois por ela se regem os dicionaristas, e todos os qe usam de letras em vez de algarismos na ordenação de séries. O professor copie para o quadro preto o abecedario seguinte, e faça-o ler pelo modo qe vai individuado entre os parentheses.

ORDEM ALFABETICA.

ALFABETO COM O MODO DE NOMEAR CADA LETRA.

A (com o primeiro valor)	N
B	O (com o primeiro valor)
C (Q, ç)	P
D	Q (Q latino)
E (com o segundo valor)	R (com o primeiro valor)
F	S (ç, z)
G (Gue)	T
H (Agá)	U
I	V
J	X (Ch)
K (Q grego)	Y (I grego)
L	Z
M	

Formula em oito versos, na qual cada palavra principia por uma das letras do alfabeto, postas por sua ordem.

Alberto Braz Catita
 Deu-me Esta Forte Guita;
 Helena Insiste Já,
 Kyrios Lhe Mandará.
 Não Olho, Para Quem
 Ronhas Sordidas Tem,
 Uma Vilã Xineira!...
 Yapu! ¹ Zabaneira! ²

Formula em sós quatro versos, encerrando igualmente a serie alfabetica.

EISPLICAÇÃO PRÉVIA.

Finge-se qe fala com o seu jokey (ou criado de coche) um ratão, qe está para representar n'uma comedia, em qe entram o principe grego Ypsilante, e o filosofo, tambem grego, Zenão. O jokey depois de ter imbutido ao amo, para o animar, uma dóze de vinho, qe o poz em braza, geria-lhe fazer beber mais meio copo, e lhe ins-

¹ Ave como a Pêga.

² Termo injurioso.

tava para qe deitasse abaixo aquele pé. O amo escusava-se com dizer, qe isso para ele seria lume, e qe já se achava envergonhado do estado em qe se sentia lá por dentro; qe por consequencia, fosse pregar igual peça ás outras duas figuras da comedia.

A BACO DOU EU FIGA!

HAI JOKEY! LUME NÃO,

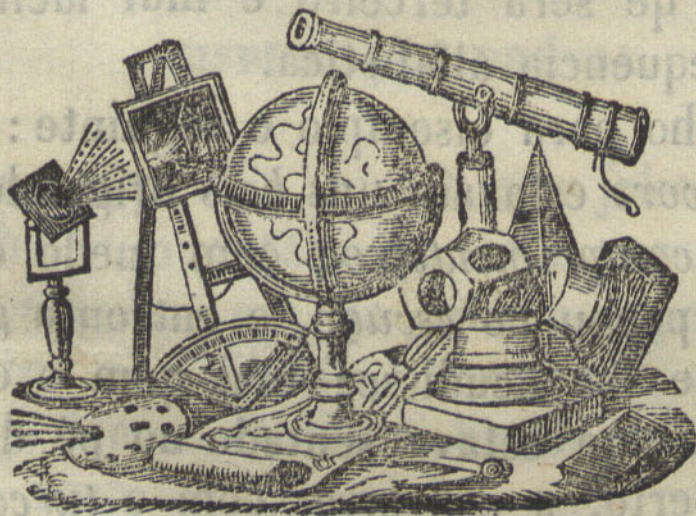
O PÉ, QE RESTOU, VEXE

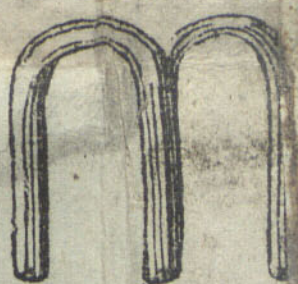
YPSILANTE E ZENÃO.

Mais adiante se acha o alfabeto minusculo figurado. Cada discipulo lá arranjará mentalmente para si uma istoria, embora eistravagante, na qual essas vinte e cinco imagens se encadêem por sua ordem, o qe será terceiro e mui facil modo de reter a sequencia alfabetica.

Proponho para eisemplo o seguinte: á sombra d'uma *arvore* estavam uns *bois* brigando, quando, passou o *comprimenteiro*; com medo de alguma marrada, pegou no *escudo*, e entrou a gritar pelo *padeiro* qe lhe acudisse; mas qem o ouvio foi o da *escorva*, qe estava sentado ao pé d'um *repucho*, ali perto, a conversar com o *turco* e com o *pateta*; levantam-se logo todos tres; armam-se um, com *pistola*, outro com um *ferro*; o *ledor*, qe não estava longe, agarra n'uma *medida*, 'num bor-

dão, e 'num arco, sobe a um *mastro*, entra a tocar *trombeta* para chamar mais gente; acode o do *pandeiro*, saltando como uma *cobra*, e trazendo na mão um *martelo*; o velho, mais assustado ainda com o socorro, qe com o primeiro perigo, foge, fora de si, e cae dentro n'um *poço*; este, é esgotado a toda a pressa com uma *bomba*, para qe o pobre velho se não afogue; tiram-no, e não o podendo despir com a brevidade necessaria para o enchugarem, cortam-lhe o fato com uma *tesoira*; o figurão vendo-se salvo, seqinho e nu, poz-se a dar saltos como um *arlequin*. Vae senão quando, turva-se o dia, rebenta uma tempestade, vem um *raio*, e mata tudo.





DIVERTIMENTOS.

Representem os rapazinhos, nas oras de recreação, a fatal tragedia acontecida ao *Comprimenteiro* por causa do seu encontro com os *Bois*.

SENA PRIMEIRA — Á sombra d'uma *Arvore*, *Bois*, e *Comprimenteiro*.

SENA SEGUNDA — Num jardim, o da *Escorva*, o *Turco*, o *Pateta*, e o *Ledor*.

SENA TERCEIRA — Os ditos e o do *Pandeiro*.

SENA QUARTA — Todos os precedentes e o *Comprimenteiro*.

Desfeixo: ouve-se o *Z* do *Raio*, e cai tudo.

Podem tambem representar o caso do qe estava para entrar na comedia; aí as personagens são quatro, tres qe não falam, o *Jokey*, o *Ypsilante*, e o *Zenão*; e uma qe fala, qe é o amo do *Jokey*, fazendo papel de embriagado.



LICÃO DECIMA SEGUNDA.

SUMARIO.

Recordação. — Varios alfabetos impressos, mostrados uns pelos outros.

Recorde-se a ordem alfabetica aprendida na lição antecedente, qe ritmicamente se poderá recitar em versos do seguinte modo:

Á, B, C Ç, D, É, F,
Gue, Agá, I, J, K grego, L,
M, N, O, P, Q, R, S, T,
U, V, X, Y grego, Z.

Para qe estes versos se contem certos, e com eisação, o que para alguem não seria facil, atendendo a qe é necessario fazer 'neles certas absorções para os reduzir á medida, aqui os poremos escritos por outro modo, qe não deixará duvida alguma; os numeros indicam as silabas:

¹ ² ³ ⁴ ⁵ ⁶ ⁷
 À, Be, Qe, Ce, De, Ê, Fe,

¹ ² ³ ⁴ ⁵ ⁶ ⁷
 Gá, Gai, Je, Ke *gre go*, Le,

¹ ² ³ ⁴ ⁵ ⁶ ⁷
 Me, N'o, Pe, Qe, Re, Se, Te,

¹ ² ³ ⁴ ⁵ ⁶ ⁷
 U, Ve, Che, Y *gre go*, Ze.

Sabem ler qualquer palavra escrita com caracter redondo usual; como porém, nos livros se encontram às vezes empregados outros alfabetos, convem fazer com elles conhecimento. O mestre, se poder copiará d'aqui para o quadro preto esses diversos alfabetos, ou se a sua aptidão em escrita não dêr para tanto, poderá tel-os mandado fazer com antecedencia em grandes folhas de papel, qe irã nesta ocasião apresentando. O *mississipi* póde já ter estes abecedarios.



Estudo de diversos abecedarios.

A B C D E F G H I J K L M

A B C D E F G H I J K L M

A B C D E F G H I J K L M

A B C D E F G H I J K L M

A B C D E F G H I J K L M

A B C D E F G H I J K L M

A B C D E F G H I J K L M

A B C D E F G H I J K L M

A B C D E F G H I J K L M

A B C D E F G H I J K L M

a b c d e f g h i j k l m

a b c d e f g h i j k l m

a b c d e f g h i j k l m

a b c d e f g h i j k l m

a b c d e f g h i j k l m

explicados pelo alfabeto romano.

[illegible]

DIVERTIMENTOS.

DIABRETE ALFABETICO.

Tenham-se cincoenta cartões ou cem, ou cento e cincoenta, ou duzentos, ou os qe se qizerem, comtanto qe se possam distribuir todos em montes de cincoenta, e escreva-se em cada vinte e cinco cartões um dos alfabetos de qe demos amos- tra; sendo cem os cartões, teremos 'neles quatro alfabetos de diverso caráter; sendo cento e cin- coenta, seis alfabetos, e assim por diante. Pinte- se finalmente 'num cartão do mesmo tamanho, em logar de letra um diabrete. Sentem-se de roda d'uma meza os discipulos, e por entre eles al- guem qe saiba ler; baralhem-se os cartões, vão- se dando a um e um a todos os circunstantes. Cada um descarte-se de todos os pares de letras identicas qe lhe vierem á mão, *verbi gratia*: dois *rr*, dois *aa*, quatro *ssss*; tendo cuidado em nunca deitar fora letra impar. O primeiro da di- reita de qem deu cartas, offereça os seus cartões incobertamente ao seu visinho da direita, para qe este saque um sem ver a letra; se a letra qe sa- cou irmana com uma das qe tinha, deita fóra esse par, e oferece o seu jogo ao seu visinho da di- reita, para este do mesmo modo tirar uma carta;

este faz outro tanto; e assim se vai correndo a roda, uma, duas, e quantas vezes fôr necessario para se fazerem todos os descartes. A pessoa em cuja mão fica a final o diabrete é a qe perde. Este jogo, qe é uma imitação do diabrete usual, diverte muito.



LICÃO DECIMA TERCEIRA.

SUMARIO.

Recordação de atrazados. — Pontuação, e diversos sinaes, qe na escrita se empregam para aclarar o sentido, e determinar as infleções.

Depois de feita alguma leitura auricular alternada, e alguma leitura ocular, cantadas as regras, e repetida a formula qe mnemonisa a ordem alfabetica, entramos em materia nova.

Sabemos ler palavras, mas os periodos escritos, apresentam-nos, além de letras, outros sinaes, qe ainda não conhecemos; estes sinaes são:

, . ; : ? ! ... () , , ' - *

Nenhum destes sinaes significa som ou articulação, qe o leitor haja de proferir, pois não são letras, mas valem unicamente: uns, para qe no ler se façam certas paradas, mais ou menos demoradas; outros, para qe se dê á voz certa intoação; e outros, para desfazer algumas dúvidas da leitura.

Para bem se distinguirem as figuras, e valores d'estes sinaes, vamos seguir na eisplicação de cada um d'eles o mesmo metodo, qe levámos no ensinar as letras.



Um caracol com a cabeça cortada! Quando se nos apresenta no caminho, olhamos para ele pela eisquisitisse, mas só fazemos uma levissima detença; como é muito insignificante, chamamos-lhe *virgula*. Proferimos a palavra qe fica antes com voz mais fininha; o aguçado da *virgula* o faz lembrar.

Eis aqui uma bala de artilheria! Quando ela vem disparada contra a frente de uma coluna de gente, é decisiva, acabou tudo; assim quando vemos a sua imagem á direita de uma linha de figuras ou letras, intendemos qe tudo quanto essas letras diziam, ali finalizou e parou redondamente. Chamamos pois á sombra da bala *ponto final*. A palavra qe antes d'ele está, dizemol-a com voz mais grossa.

Quando na frente da nossa coluna avistamos o caracol, e o ar vem do ar vem, já lá está, cair em cima dele, parâmetros um a reparar na comedia esta nossa delenda. A para da para de se viscento o caracol. A para da para e do caracol parâmetros ponto e virgula. A para- tra de fica antes, e em de parâmetros, proferimol-a quasi sempre com voz mais grossa.

Duas balas de um arbeduin atira alternativa- mente ao ar, sem nunca as deixar cair no chão. Chegando-se qualquer onde se está fazendo este exercício, para o seu pedaço para não apertar com elas para e para para nunca é parada de para e de para para inimiga. Chamam-lhe para pontos. É paragem maior de a do ponto e virgula, porém menor de a do ponto. A palavra de precede os dois pontos diz-se com voz mais grossa.

•
;

Quando na frente da nossa coluna avistamos o caracol, e vemos qe do ar vem uma bala, já fria, cair em cima d'ele, parâmos um pouco a reparar na comedia. Esta nossa detença é mais longa do qe se vissemos só o caracol. Á sombra da bala e do caracol chamamos *ponto e virgula*. A palavra qe fica antes, e em qe parâmos, proferimol-a quasi sempre com voz mais grossa.

•
•

Duas balas qe um arlequim atira alternativamente ao ar, sem nunca as deixar cair no chão. Chegando-se qualquer onde se está fazendo este eiseercicio, pára o seu pedaço para não apanhar com elas na cabeça, e para vêr; mas nunca é parada qe se compare á qe produz a bala inimiga. Chamam-lhe *dois pontos*. É paragem maior qe a do ponto e virgula, porém menor qe a do ponto. A palavra qe precede os dois pontos diz-se com voz mais grossa.

Entre jere... do Egipto
uma copia... de um
soube aliar-lhe com a significac...
perguntassem...
um ratto: ...
obrigar a ge...
vezes de nos... a sua imagem...
a vez, na palavra... de fica antes, tom de per-
gouta.



Estes princ...
se antigamente...
causa admirac...
sendo revirado...
tamos com a...
tom de quem se admira, e chamamos-lhe ponto
de admiracao.



?

Entre jeroglíficos do Egyto achou-se um assim: uma cobra em cima de uma esfera! Ninguém soube atinar-lhe com a significação; e como todos perguntassem, e ninguém respondesse, eisclamou um ratão: «aquilo inventou-se de proposito para obrigar a gente a perguntar.» Portanto, todas as vezes qe nós virmos a sua imagem, avemos de dar á voz, na palavra qe fica antes, o tom de pergunta.

!

Estes brincos de derrubar as orelhas usaram-se antigamente; mas oje, quando se avista algum, cauza admiração pelo descostume, e mais ainda sendo revirado. Quando vemos a sua imagem imitamos com a fala, na palavra qe está antes, o tom de qem se admira, e chamamos-lhe *ponto de admiração*.

...

Balas de mospeteria, de assem em descarga ser-
rada, do meio de uma emboscada, e atravessam
xunido pela frente da nossa coluna! Involunta-
riamente formos alto, e emudecemos a súbitas,
conhecendo-nos na sala de ficção embargados
do medo. A este exame de balas chamamos por
isso reticência ou pontinhos. A palavra de está
antes prole e com voz truncada e quasi sem-
pre mais li...



Ali estão dois páos tortos arvorados em distan-
cia um do outro. Um páo de famílias muito des-
confiado, achando-se no meio de um arrayal de
romaria, entre muita gente estranha, lembrou-se
de por aquelas estacas a primão, e armar uma
barraca, para os seus, mais a si; e pro-
hibi-lhes o acesso para fora. Nova átila
estar entre eles. Quando na hora da encontra-
mos, entre muitas palavras, alguma assim enclau-
suradas, lêmos como um apartar dizeiros po-
estão entre... A voz co... e tags pala-
vras se dizem, costuma ser mais grossa.





Balas de mosqeteria, qe saem em descarga serrada, do meio de uma emboscada, e atravessam zunindo pela frente da nossa coluna! Involuntariamente fazemos alto, e emudecemos a súbitas, conhecendo-se-nos na fala qe ficámos embargados do medo. A este enxame de balas, chamamos por isso *reticencia* ou *pontinhos*. A palavra qe está antes profere-se com voz truncada e quasi sempre mais fina.



Ali estão dois páos tortos arvorados em distancia um do outro. Um pae de familias muito desconfiado, achando-se no meio de um arrayal de romaria, entre muita gente estranha, lembrou-se de pôr aquelas estacas a prumo, e armar uma barraca, para ter os seus, mais sobre si; e prohibiu-lhes o falarem para fóra. Chamava áqilo estar *entre parentes*. Quando na leitura encontramos, entre muitas palavras, algumas assim enclausuradas, lêmol-as como um áparte, e dizemos qe estão entre *parentesis*. A voz com qe taes palavras se dizem, costuma ser mais grossa.

the Aspas, ou virgulas dobradas.
 valem dois caracões, valem até quatro. Chamam-
 sideração; de por isso se não pôde dizer, de não
 guando, são palavras de outrem, e de alguma con-
 se acha escrito, desde o primeiro par até ao se-
 racões (nesta posição) significam de tudo quanto
 antes de uma palavra, e lá adiante outro par de ca-
 Em apparencia um par de caracões, assim «



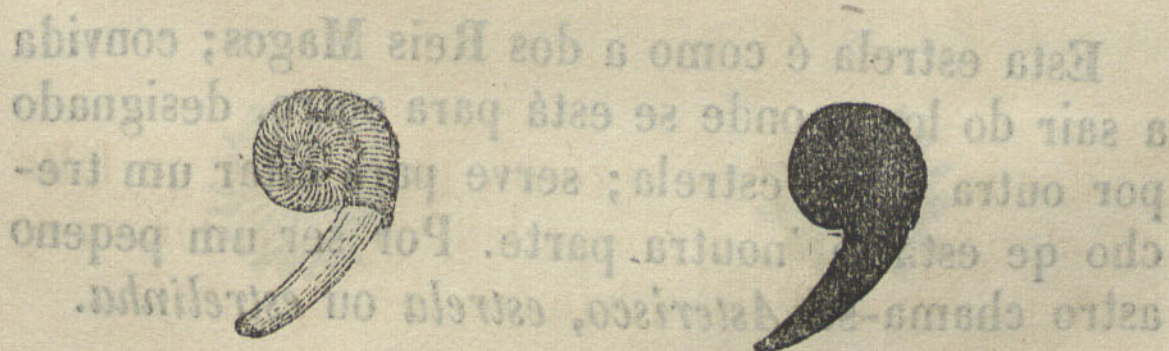
ficar no lugar d'ela. Chamam-lhe Apóstrofe.
 ali alguma coisa; o amigo lambe-a, deixou-se
 Em todo este caracol, (se se) de lalla

»

Em aparecendo um par de caracões (assim «) antes de uma palavra, e lá adiante outro par de caracões ('nesta posição ») significam qe tudo quanto se acha escrito, desde o primeiro par até ao segundo, são palavras de outrem, e de alguma consideração; qe por isso se não póde dizer, qe não valem dois caracões, valem até quatro. Chamam-lhe *Aspas*, ou *virgulas dobradas*.

,

Em se vendo este caracol, já se sabe qe falta ali alguma letra; o amigo lambeu-a, e deixou-se ficar no lugar d'ela. Chamam-lhe *Apóstrofe*.





Este sinal é como um gato de ferro; o gato ajunta dois pedaços separados, para inteirar uma peça de loiça; com este sinal juntam-se duas palavras, para se lerem como uma só, v. g. *disse-lhes*, *Anglo-Americano*, *Electro-Chymico*, etc. Chamam-lhe *Hyphen*, *tiré* ou *tirete*.



Esta estrela é como a dos Reis Magos; convida a sair do lugar onde se está para outro, designado por outra igual estrela; serve para citar um trecho que está lá 'noutra parte. Por ser um pequeno astro chama-se *Asterisco*, *estrela* ou *estrelinha*.

Para praticar a leitura com pontuação, vamos
por aqui algumas frases, de no ensino particular
se farão ler por este mesmo livro, e no ensino
escolar ou por este mesmo livro avendo-o, ou co-
piadas belamente para o quadro preto.

1.º Joaquim, Maria, e Antonio, filhos de José
Braz, foram ontem para o Porto.



2.º Ontem (quando eu chegasse) estava eu a comer melão.
3.º Para a semana, ci-me a uma das
div-me lá cá: sempre que te compres a tal
tatoeira!

4.º Eu já disse aple mentirosos: «não me torne
a pregar pelas: quando não... e olho de eu, se
bem o digo, melhor o laco.»

5.º Mascaremo-nos todos este domingo gordo;
um, d'amor; outro, de ispaiz; e o Ambrosio (de é
mais gordo) de ababessa.

Como estas, amonice o professor frases, em de
vá variando a pontuação; quanto mais singelas, e
folgasas lhe saírem, melhor.



Para praticar a leitura com pontuação, vamos pôr aqui algumas frases, qe no ensino particular se farão ler por este mesmo livro; e no ensino escolar ou por este mesmo livro avendo-o, ou copiadas fielmente para o quadro preto.

1.º Joaquim, Maria, e Antonio, filhos de José Braz, foram ontem para o Porto.

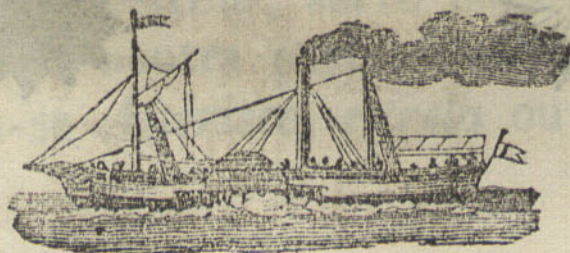
2.º Ontem (quando tu chegastes a minha casa) estava eu a comer melaço. Aposto qe não percebeste!

3.º Para a semana, ei-de ir á feira da ladra; dize-me tu cá: sempre queres qe te compre a tal ratoeira?

4.º Eu já disse áquele mentiroso: «não me torne a pregar petas; quando não.... e olhe qe eu, se bem o digo, melhor o faço.»

5.º Mascaremo-nos todos este domingo gordo; um, d'amor; outro, de lapuz; e o Ambrozio (qe é mais gordo) de abadessa.

Como estas, amontoe o professor frases, em qe vá variando a pontuação; quanto mais singelas, e folgazãs lhe sairem, melhor.



DUAS PALAVRAS SOBRE A PONTUAÇÃO.

A pontuação está pedindo em todo o mundo uma grande reforma. Não á poeta, mormente dramatico, nem escritor de proza veemente e apaixonada, qe nas suas obras não tenha sentido, com desespero, o vago e o insufficiente d'estes signaes eisplicativos, e por assim dizer musicos, da fraze. Em uma nota ao meu Drama *Camões*, aponteí a necessidade, e ponderei a facilidade de se ampliar a pontuação, quando já não fosse completal-a. Depois da proposta, qe brevemente ei-de publicar, da ortografia rigorosa e simplicissima, darei tambem a de uma pontuação mais cabal, tal como a tenho concebido. Adotadas as duas, ou alguma coisa com elas parecida, teremos dado no progresso intelectual um passo de gigante.



DIVERTIMENTOS.

Presupondo que o mestre, depois de explicadas as figuras da pontuação, tem dado a ler varias frases bem pontuadas, e obrigado os alunos a dar as pausas, e tons devidos, proponhamos aos discipulos um jogo, pelo qual os tons da pontuação se lhes venham a fixar muito mais profundamente na memoria.

Tenham-se pintados em oito cartas os primeiros oito sinaes da pontuação; em cada carta um. Sendo mais de oito os jogadores, duplique-se ou triplique-se o numero das cartas, repetindo-se por consequencia os sinaes. Baralhem-se e distribuam-se, uma a cada parceiro.

O conto que vamos apresentar deve estar decorado por todos, e na ponta da lingua: o primeiro parceiro repete-o, pondo os olhos na carta ao finalizar cada verso; e fingindo que aqele sinal vem para ali, dá á ultima palavra do mesmo verso o tom e pausa, pelo sinal requeridos, sem lhe importar se a coisa assim tem ou não tem sentido. Sendo o sinal () parentesis, declamará o conto supondo estarem entre parentesis o segundo verso, o quarto, o seisto, o oitavo, em suma todos os versos de numero par, até ao fim do conto.

As entoações devem ser o mais eisageradas possível.

O agrado d'este jogo consiste principalmente na eisquisitice da declamação, qe varia de parceiro para parceiro, e qe muitas vezes faz um contraste divertido com o pensamento.

Corrido o conto uma vez por cada parceiro, tornam-se a dar as cartas, depois de baralhadas, devendo cada um regeitar o sinal qe a sorte lhe déra antecedentemente.

Cada vez qe um parceiro deixa de dar ao qe recíta o tom ou a pausa requeridas pela sua carta, é advertido, e paga prenda.

As sentenças das prendas podem ser, arremendar as figuras do alfabeto, pelo modo qe já 'noutra parte deixámos apontado.



OS BRUTOS NA LIVRARIA.

Os livros, são como as flores;
 Pois, conforme os seus autores,
 Contém mel, peçonha, ou nada.

Uns, são fontes de siencia,
 De virtude, de prudencia,
 De riqueza, amor, e paz;
 'Noutros, doutrina danada
 Destroe o siso, e as virtudes;
 D'outros, por mais qe os estudes,
 Nem mal, nem bem tirarás.

Da mesma sorte os ledores,
 (Como os livros e os autores)

Em tres ranchos os figuro:

Uns, abelhas sempre ativas,
 Só nas obras instrutivas
 Se costumam recrear;

Outros, só veneno impuro,
 Como as aranhas, eisploram;
 Outros, tudo a flux devoram;
 Folheiam... por folhear.

Os primeiros, nobre enxame,
 Quem averá qe os não ame?

São da terra a luz e a gloria.
 Dos espiritos imundos
 Socios e irmãos os segundos,
 São da terra espanto, orror!
 Quanto á sucia relamboria,
 Dos qe lêem só por mania,
 Dentro d'esta livraria
 Seus retratos mandei pôr.



ADVERTENCIA PRÉVIA À LIÇÃO DECIMA QUARTA.

Conhecemos as letras pelas primeiras quatro lições; conhecemos as vogaes nasaladas pela lição quinta; as articulações compostas pela seista; sabemos ler as palavras pelos eiserccios qe desde o principio até aqí se tem feito; e aprendemos teoricamente os valores da pontuação e mais sinaes graficos. Segue-se aprendermos a ler periodos, isto é, applicarmos na pratica os valores da pontuação e dos mais sinaes graficos. Os contos qe vamos apresentar, não são normas de moralidade, ou de prudencia; não é ainda aqí o logar para taes doutrinações: por parte dos costumes, são innocentes; e basta isso. Fil-os em verso e rimados, porque assim se decoram melhor, e no decorar vai uma grande facilitação para qem se quer aperfeiçoar no ler. São casos de rir; são comumente disparates ou *amfigoris*; d'este modo se cativa melhor a atenção, e se eiscita o gosto.

Cada conto é consagrado principalmente a uma das consoantes, e dela apresenta um bom numero de combinações variadas; se não todas, as principaes. Lidos todos os contos, talvez não seja facil descobrir em portuguez uma combinação de

letras, qe em algum d'eles se não encontre, ou quando menos analogia por onde se atine e eisplique.

Atenção mui séria ao qe vou recomendar, qe é fruto de longa eisperiencia.

Á defeitos vulgarissimos no ler (e graves defeitos) qe unicamente procedem de se ter aprendido com mestres, ou inabeis, ou desleixados, ou uma e outra coisa juntamente. Estes defeitos, indecentes e vergonhosos, são os qe eu vou assinalar aos meus caros professores, e ás boas mães de familias, qe se ouverem de servir do presente livrinho para a instrução de seus filhos.

PRIMEIRO DEFEITO — MASTIGAR.

Dizemos qe mastiga, masca, ou morde as palavras o ledor qe tem o sestro de proferir as silabas, todas, ou algumas d'elas, mais de uma vez. Para qe tal sestro se não chegue a contraír (porque depois de arraigado seria muito difficil eistirpal-o) convém, e é indispensavel, coibir constante e severissimamente essa propenção, natural a todos os principiantes, vedando-lhes o dizerem uma silaba mais de uma vez, e o voltarem atraz na leitura de cada palavra depois d'ela finda; embora ficasse menos bem proferida.

SEGUNDO DEFEITO — *ESTIRAR.*

Os que ainda estão pouco certos no valor das letras, e no como esses valores se devem travar uns com os outros, costumam-se a prolongar cada silaba que decifram formando-lhe uma especie de éco, a fim de impalharem com alguma coisa o ouvido, em quanto lhe não podem atirar a silaba seguinte, o que torna a leitura fastidiosa e sonífera. Acostumae vossos discipulos a dizerem cada silaba sobre si, e rapidamente, em quanto não podem fazer outro tanto á palavra inteira.

TERCEIRO DEFEITO — *OMISSÕES E TROCAS.*

As palavras mais curtas, principalmente as de duas letras como *de, do, da, em, no, na*, e sobretudo os adjetivos determinativos, a que chamam artigos *o, a*, etc., á muitas pessoas que ao ler as calam quasi constantemente, ou as dizem erradas; não vos canceis de chamar a atenção dos alunos para essas palavras curtas, que não são menos importantes que as longas.

QUARTO DEFEITO — *TROCA DE FINAES.*

É trivialissimo que um ledor novato, logo que julga ter advinhado uma palavra pelas primeiras letras

que d'ela juntou, a lance assim afoitamente pela boca fóra, e se engane de meio a meio; pois muitas vezes o que se lhe figurou que seria masculino, estava lá feminino, ou vice-versa; o que disse singular, era plural, etc. Acostumae as vossas creanças a lerem todas as letras, em vez de se arrojamem a advinhal-as. Lá virá tempo em que mais amestrados no ler, e abastados de mais idéas, e mais assente juízo, possam com segurança inferir de uma sílaba uma palavra, e de uma palavra uma frase inteira.

QUINTO DEFEITO — MONOTONIA.

Este defeito é o mais comum em quem lê: consiste em encarrear palavras, frases e períodos no mesmo andamento, e com o mesmo tom, sem nunca alevantar, nem abaixar a voz, nem meter intervalos; ou também pondo-os de palavra a palavra, o que ainda é peor. Não á proza tão bela, nem tão rica poesia, que lida assim, não fique detestavel.

O remedio para se não cair em tal miseria, é acostumar os olhos a descobrirem 'num relance a pontuação espalhada no periodo que se vae ler; d'esta sorte, precatado já o espirito, sabe onde á-de ir pausando a voz, onde convém que principie a encaminhal-a para tom admirativo, para tom interrogativo, para parada final e afirmativa, para

interrupção de parentesis, para quebra súbita de reticencia, para fala alheia, para o semirepouso do ponto e virgula, para a tenue detença da virgula, etc. Quem ler com pontuação, nunca poderá ler de todo mal.

A voz, chegando ao ponto final, geralmente desce com uma certa gravidade. No ponto de admiração, pelo contrario, sóbe com uma especie de entusiasmo. Na interrogação, mais vezes sóbe do que desce. Antes de reticencia sóbe sempre. Dentro no parentesis é mais frequente que desça (quasi como áparte). No que immediatamente precede, ou immediatamente segue ao parentesis, não sae do seu andamento ordinario.

O juizo e o bom gosto de cada um irá ensinando o mais, que neste sitio me fôra impossivel esplanar.

Em poucas palavras, eis-aqui o processo da lição em que vamos entrar. O mestre, sendo o ensino a um só discipulo ou dois, e consequentemente feito todo por este livro, mostra a estampa do primeiro conto, e eissita sobre ela, o mais que póde, a curiosidade dos ouvintes. Depois, lê-lhe o conto viva e animadamente. Relê-o, seguindo-o com ponteiro, e parando no fim de cada palavra. Lê-lh'o terceira vez ainda, dividindo as palavras em silabas, marcadas com o ponteiro. Sobre o que, os convida a lêrem eles. Logo que o ajam feito, com todas as precauções supra, mas tomadas na

ordem inversa, isto é : primeiro por silabas, depois por palavras destacadas e a final corrente, mostrar-lhes-á a ultima palavra de cada verso, para qe lh'a digam ; se não dizem alguma, obri-gal-os-á a relerem o verso respectivo inteiro. Se-nhores das palavras finaes, passarão a dizer do mes-mo modo a primeira palavra de cada verso.

Por derradeiro (e a isto atenda-se muito) apon-te-lhes cada uma das palavras curtas mais usuaes em portuguez, qe no conto se encontrarem. O rol qe adiante vai, é para governo do mestre. Apesar de ser tão curto, encerra vocabulos tão frequentes em nossa lingua, qe em qualquer composição de prosa ou verso, quem bem examinar, reconhecerá, qe mais de um terço, e quasi metade das pala-vras escritas lá, aqi se acham. Já se vê, quanto não é essencial qe o principiante de leitura com elas se familiarise. O qe dito fica sobre o pri-meiro conto, tem inteira applicação ao segundo, depois do primeiro sabido ; ao terceiro, depois de sabido o segundo ; e assim por diante.

Numa escola, por dois modos se póde fazer esta lição. 1.º Escrevendo o mestre no quadro preto estes mesmos contos, ou frases copiadas de algum livro, ou tiradas da sua cabeça, e com boa e variada pontuação, e fazendo-as ler em côro ritmicamente por silabas, qe irá apontando com a vara, com velocidade cada vez maior, e obri-gando a dar á pontuação o seu valor. 2.º (e me-

thor) fazendo com qe cada aluno tenha nas mãos este livro aberto no primeiro conto, e assim todos o leiam em côro, e o mais ritmicamente possível, com as devidas pausas e inflexões (pausas e inflexões eisageradissimas ao principio) seguindo do primeiro conto pelos outros.

Se a escrita fôr na pedra, convirá fazel-a mais vezes com letra manuscrita do qe redonda.

Para esta fase do ensino serve eiscelentemente o *Mississipi*, em qe se podem ter escritos com antecedencia, ou estes contos, ou quaesquer outros teistos jocosos e aprasiveis. O *Mississipi* pôpa no decurso das lições o muito tempo qe o escrever do mestre forçosamente faz perder a ele e aos discipulos; rasão porqe, apezar de não ser indispensavel a *leitura continua* ou *mississipi* a toda a aula qe aspire a ser boa, sempre eu recomendarrei qe o tenha, e 'nele grande soma d'escrita acomodada aos diferentes periodos do ensino. Se o escrever nas tâas do *mississipi* leva mais tempo qe o escrever com giz no quadro preto, em compensação, é trabalho qe fica feito d'uma vez para sempre, em quanto as escritas do quadro preto, apenas lidas se inutilisam.



LIÇÃO DECIMA QUARTA.

SUMARIO.

Recordação. — *Catalogo das palavras curtas mais usuas.*
 — *Catalogo das terminações mais frequentes em portuguez.* — *Contos para se lerem com pontuação.*

Apoz algum eiserercicio de leitura auricular alternada, e de se averem cantado as regras como preparo para a leitura dos contos ou de quaesquer outras frases, deem-se a ler e reler no livro ou na pedra as seguintes palavras.

Rol das palavras curtissimas mais frequentes na lingua portugueza.

o, a, os, as; do, da, dos, das; ao, á, aos, ás;
 no, na, nos, nas; eu, me, mim, migo, nós, nos,
 nosco; tu, te, ti, tigo; vós, vos, vosco; elle, ella, el-
 les, ellas, se, lhe, lhes, si, sigo; meu, minha, meus,
 minhas; teu, tua, teus, tuas; vosso, vossa, vossos,

vossas; nosso, nosssa, nossos, nossas; seu, sua, seus, suas; este, esta, isto, estes, estas; aquella, aquella, aquillo, aquelles, aquellas; outro, outra, outrem, outros, outras; esse, essa, isso, esses, essas; mesmo, mesma, mesmos, mesmas; qual, quaes; tal, taes; tanto, tanta, tão, tantos, tantas; quanto, quanta, quão, quantos, quantas; que, cujo, cuja, cujos, cujas, quem; um, uma, uns, umas; pouco, pouca, poucos, poucas, menos; muito, muita, muitos, muitas, mais; todo, toda, tudo, todos, todas; só, sós; bom, boa, bem, bons, boas; má, mal, máos, más; de; para; ó, ho; á; ha; em, ¹ 'no, 'na, 'nos, 'nas; 'nelle, 'nella, 'nelles, 'nellas; com, sem; por, per; pelo, pela, pelos, pelas, entre; dentro, fóra; sobre, sob, cima, baixo, roda, torno; cerca; pois, depois, ante, diante; contra; quando, já, logo, antes, depois; onde, aqui, ali, ahi, cá, lá, além; assim; não, nem; até, desde; vez, vezes; modo, modos; se; e; ou; ainda; fim; ser, sou, és, é, sois, são, era, fui foi; ter, tem; etc.

¹ A apóstrofe (') indica que no lugar em que ela está se começou a letra. Segue-se que é um erro, ou antes dois erros, escrever *n'o*; porque *n'o*, é *em* e *o* (a preposição *em* e o adjetivo determinativo *o*): no colarem-se as duas palavras, mutilou-se da primeira o principio pela figura aferese, isto é, de *em* desapareceu o *e*, e ficou o *m* transformado em *n*. Quem põe apóstrofe depois do *n*, inculca haver uma falta onde realmente a não á, e não a assinala onde a ha. O que se diz do 'no, é applicavel a 'na, 'nos, etc. São miudezas, mas de miudezas é que se compõe a perfeição.

Não será fóra de proposito qe o professor tenha lido e relido com atenção para si, o rol seguinte para fazer insistir, e reparar nas palavras assim terminadas. Póde tambem ter mandado trasladar tudo para uma teia do mississipi.

Rol das terminações mais frequentes na lingua portugueza.

A, á, ada, adas, ado, ados, ador, ai, ais: al, am, amos, ámos, ante, antes, anto, antos, ão, ar, ára, ará, aram, áramos, arão, armos, áras, ardes, arei, areis, íarem, aremos, ares, aría, ariam, ariamos, arías, arieis, as, ás, asse, assem, assemos, asses, aste, astes; ava, avam, avamos, avas, aveis, el, era, emos, émos, ei, eis, enda, endo, enta, entas, ente, entes, ento, entos, er, era, éra, éra, erá, eram, erámos, erão, eras, éras, erás, ermos, erei, ereis, erem, eremos, éres, eria, eriam, eriamos, erás, esse, esseis, essem, essemos, esses, este, estes, e, i, ia, ias, iam, iamos, ida, idas ido, idos, ieis, imos, inha, inte, intes, ir, ira, irá, íramos, irão, iras, irás, irdes, irei, ireis, irem, iremos, irmos, is, isse, isseis, issem, issemos, isses, issimo, istes, ita, iu, or, ora, oras, ores, osa, osas, oso, osos, ou, tor, ura, uras, uro, uros.



CONTO PRIMEIRO.

O Bebado e o Cão.



B

À boca de um beco,
Na Bica do Bello,
Um bravo cadello
Berrava «bau, bau;»
Um bebado, um botas,
De bolça e rabicho,
Embirra com o bicho,
Bateu-lhe c'o páu.
Foi grande a balburdia;
A turba se ria;
O bruto bramia;
E o broma a bater!

C'o páu sobre o pobre
É bumba, e mais bumba!
Parece um zabumba!
Bemdito beber!

CONTO SEGUNDO.

A Cobra e o Pinto.



C

Na toca d'uma corúja,
'Numa caza escangalhada
Corria de canto a canto
Certa cobrinha cintada;

Encontra um pinto calçado,
Que por-'li andava á caça
Das moscas e cevandijas,
E que ao ver a cobra... embaça!

«Comadre» diz o coitado,
Lá no seu *quiqueriqui*
«Vem caçar? Eu já cacei;
«Entre, que eu saio d'aqui.»

Torna a cobra, escancarando
A boca: «caçaste? e eu não;
«Mas ambos temos fachina,
«Compadre do coração;

«Por fracas trincaste as moscas;
«Tómo a lição, meu calçado.»
E assim dizendo, trincou-o,
Comeu-o, com penna e tudo.



CONTO TERCEIRO.

o Doido.



D

Um doido, d'estes de pedras;
 Por nome Andrónico André,
 Cazado com Dona Aldonça,
 Que em vez de dois tinha um pé;

Dia de Corpo de Deus,
 Disse á espoza: «Aldonça, andae;
 Adornae-me co'as gualdrapas
 Que eu herdei de Adão meu pae;

«Dae-me a capa de bedel,
 «O cazaco de mandil,
 «O meu chapéo de dedal,
 «E a bengala d'aguazil;

« Gravata dura (que é *duplex*)
 « Meu relógio de cadeia...
 « O meio dia oiço dar!
 « Põe-me já depressa a ceia;

« Venha o pudim de *bedum*,
 « Que a Dona Dulce nos deu,
 « E o prezunto quadrilongo
 « De quadrupede saudeu. »

Assim ceado, e aceado,
 O doido Andrónico André,
 Saracoteando os quadris,
 Foi c'os padres para a Sé.



CONTO QUARTO.

As tres Comadres.



F

Florencia, Francisca, Eufrasia,
Todas de fraldas de folhos,
Foram fazer uma festa
De filhós, bife e repolhos.
Tres tafues, tres franchinotes,
Deitaram-lhes fel nos molhos;
Por tal feitio, que as tres,
Fartas de fome e de zanga,
Só comeram d'essa vez
Figados fritos de franga.

CONTO QUINTO.

O Desafio.



G

Eugenio Gomes da Gama,
 E Gil Gonçalves Bogio,
 Brigaram 'num desafio
 Pela grulha d'uma dama.
 Grande desgraça! e mui digna
 De lagrimas bem geraes!
 Seus golpes... foram mortaes;
 E aquella magana indigna...
 Mangou nos seus funeraes!

CONTO SEXTO.

❶ Marido no Hospital.



H

« Hui! Que horror! » Exclama Helena
Com hystérico formal:

« Heitor da Horta, o meu homem,
Com hérpes no hospital!...

« Nem cochicho, nem cachucho,
« Nem chicharo, nem chicharro
« Lhe deixa entrar para o bucho
« Aquelle doutor masmarro!

« Tudo é encher-lhe o bandulho
« Com drogas dos calhamaços!
« Unta-o com chumbos e enxofres,
« Põe-no á chuva com chumaços!

« Não tenho eu já cuscurrinho,
« Quando não, ninguém suponha,
« Que sofresse em minhas barbas
« Tamanha pouca vergonha;

« Mandava ao demo as farmacias,
« Mandava ao inferno o Physico,
« E punha em caza o meu homem,
« 'Inda que morresse tisico.



CONTO SETIMO.

● Janisaro.



J

Um Janisaro em jejum
Viu 'num jardim um jarreta,
Que estava a jantar perum,
Jergelim, e ginja preta;

De jubilo encheu-se todo;
E pregou-lhe tanta peta,
Que tirou o pé do lodo,
E gramou tudo ao jarreta.

CONTO OITAVO.

O Kabalista.



K

Em um *kiosque* kilógono
Um *Kabalista* infernal
Qiz compôr, lá com os seus *kyrios*,
A *pedra filosofal*.

Deita fogo a um *kalendario*;
Põe-lhe em cima um *caldeirão*;
Vasa-lhe dentro alguns *alkalis*
Ao som do seu *alkorão*;

Deita-lhe kermes, e figados
De *kamichi*, e *kinkaju*,
Que os mandou o *Kan* 'num cantaro
Às costas d'um *kangurú*;

Lança-lhe *kistos* às duzias;
Mas... c'o fumo dá-lhe um vágado;
O caldeirão arrebenta-lhe;
E salta de dentro um kágado!



CONTO NONO.

o Capelista.



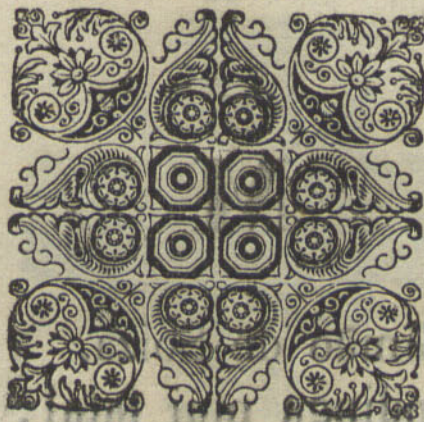
L

Pondo loja de Capella,
Pantaleão do Cardal,
Alardea o que tem 'nella,
Pregando-lhe este edital:

Linhas, lonas, alfinetes,
Lamparinas, chailes, luvas,
Lenços, lampadas, colchetes,
Leques, luto de viúvas,

Lustres, lacre, lãs, palitos,
 Ferrolhos, lapis, lanternas,
 Papel, galões, passaritos,
 Ligas de enlaçar nas pernas.

Com esta longa parlada,
 O feliz Pantaleão,
 Tem já pilhado um milhão
 E vai comprar a Outra Banda!



CONTO DECIMO.

Mandinga de Amaro Simão.



M

Amaro Simão de Soiza,
Tem mandinga mui fatal;
Semeando qualquer coisa,
Jámais lhe nasce outra igual.

Suponhamos que semêa
Mostarda ou manjaricão;
Vem-lhe malvas, vem-lhe avêa,
Ou melancia, ou melão.

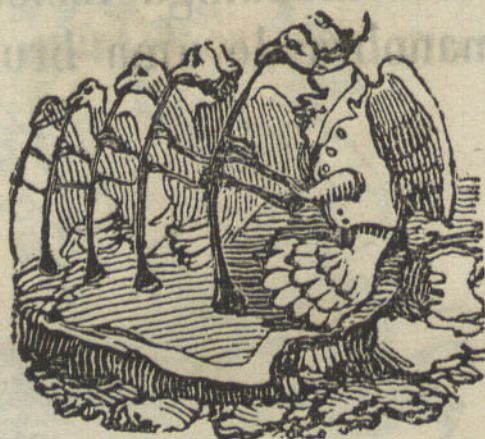
Malmequeres, dão-lhe amóras;
 Amoras, dão-lhe marmelos;
 Marmelos, criam-lhe espóras;
 E estas moncos amarelos.

Teima e afirma muita gente
 De mioleira machucha,
 Que esta mandinga inclemente
 Foi manobra de uma bruxa.



CONTO DECIMO-PRIMEIRO.

Passaros bisnãos.



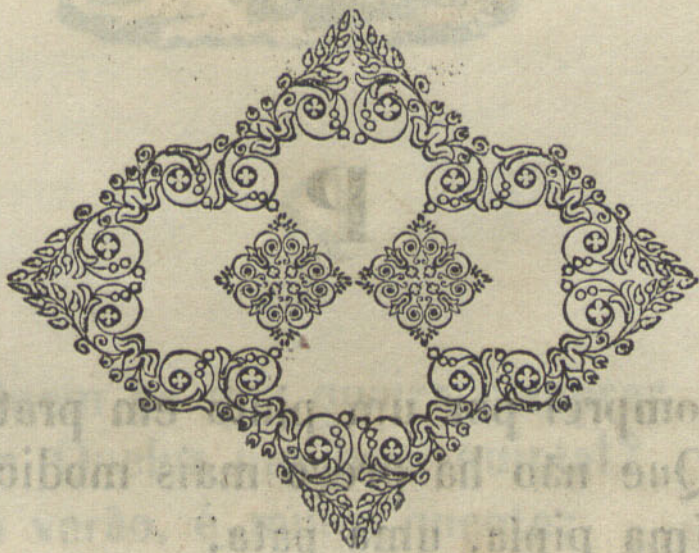
N

Anastacia e Anna Nunes,
Cunhadas do Anão da Náu,
Mandaram vir de Narsinga
Vinte e um passaro *bisnau*.

Nunca ninguem 'neste mundo
Vio animaes mais bonitos!
Nediosinhos, pernas nuas,
Pennas negras, pequenitos.

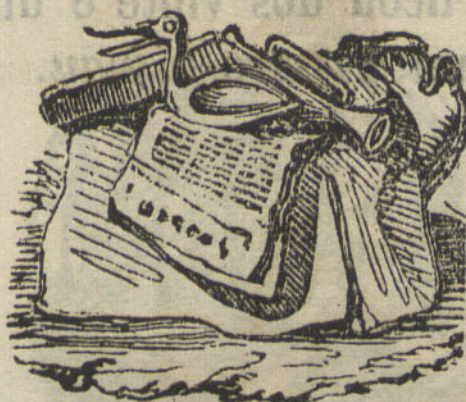
Tinham grandes prendas novas ;
Tocavam 'num corne inglez
O minuête afandangado,
A dançar a tres e tres.

Mas com tanto toque e dança,
Deu-lhe um *tangro-mangro* máu,
E não ficou dos vinte e um
Nem um passaro *bisnau*.



CONTO, DECIMO-SEGUNDO.

Compra e venda.



P

Comprei por um pinto em prata
 (Que não ha preço mais modico)
 Uma pipia, uma pata,
 Um pote, um pente, um p'riodico.

Depois, puz tudo isto á venda;
 Que parvo negocio fiz!
 Um rapaz, moço de tenda,
 Prometteu-me uma de xiz!

CONTO DECIMO-TERCEIRO.

Annuncio.



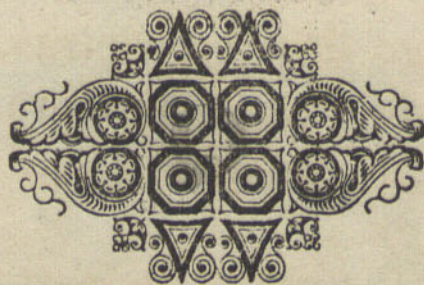
Q

¿Quem ha que queira comprar
Em Queluz um bom quintal?
No verão, é muito quente;
No inverno... tal e qual.

Tem quinze arvores de quina;
Quarenta cardos de qualho;
Quatro flôres de quaresma,
Que não requerem trabalho.

Dá tres alqueires e quarta
De quassia, e doze de milho;
E do liquido que esquentá,
Seis quartolas e um quartilho.

Quaesquer pessoas, querendo
Vêr este predio exquisito,
Podem fallar com o quinteiro
Quirino Joaquim Cabrito.



Quem ha que queira comprar
Um Quiluz um bom quiluz?
No verão é muito quente;
No inverno... tal e qual...

Tem poeira e ervas de quina;
Quarenta cordos de quillo;
Quatro flores de quassia;
Que não reduzem trabalho.

CONTO DECIMO-QUARTO.

Indigestão.



R

Comprei na feira do Rato,
No largo das Amoreiras,
Arroz de Perú 'num prato,
Arranjado pelas Freiras.

Sabia a chouriço moiro;
Era comer e gritar!
Carne, rins, recheio, coiro,
Roí sem resto deixar.

Porém fiquei mui doente;
Tanto, que o doutor Cabral
Me receitou para o ventre
Raspas de unicornio, e tal.

CONTO DECIMO-QUINTO.

Sabonetes.



S

Para fazer Sabonetes,
 Mui bellos e transparentes,
 Inventou certo estrangeiro
 Tres receitas excellentes.

Vamos dizer a segunda,
 Simples, facil de fazer:
 Põe-se sal, e cascas d'alhos,
 E azeite doce a ferver.

Deita-se 'nesta mistura
Sumo de limão azedo,
Com soda, melão, e rosas
Colhidas de manhã cedo.

Depois de tudo amassado,
Põe-se em frasquinhos ao sul,
Faz-se em bolas, e se embrulha
Em papel verde ou azul.



CONTO DECIMO-SEXTO.

Entrudo.



T

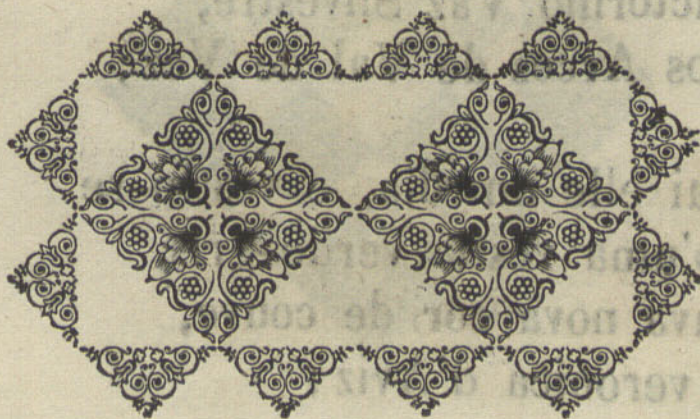
Triste trolha atrapalhado
De trepar tanta trapeira,
Concertar tanto telhado,
Estragar tanta goteira ;

Na festa do Santo Entrudo,
Entra trôpego e zoupeiro,
De tamanco, tosco e rudo,
No int'rior do seu palheiro.

Sentou-se 'num tamborete,
Sem dizer nem chus nem bus,
E poz-se a entrudar sósinho
Com tripas de atum de truz.

Eis trinta e tres cães famintos
(Outros dizem trinta e seis)
Entram de tropel ladrando!
Que estrago!... agora o vereis:

Trastes, trancas, lócos, troncos
Estoiram... tudo é tropel!
Bater, latir, tombos, roncós,
Terminam este aranzel.



CONTO DECIMO-SETIMO.

Trabalhos do Pai-Avô.



V

Vinde ouvir, caros ouvintes
(Vale a pena) Era uma vez
Victorino Vaz Silvestre,
Dos Arcos de Val de Vez;

Vai elle um dia, e vestiu-se
Co'uma vestia verde-gris,
Luva nova côr de couve,
E veronica d'Aviz;

¿Advinhaes o motivo,
Por que assim se ataviou?
É por que ía a Villa Verde,
Á voda do Pai-Avô.

« Como vens viçoso e grave! »
 Diz o Pai-Avô ao vél-o
 « Trago-vos trovas em verso »
 Lhe volve o vivo camêlo.

E taes trovas, e taes versos
 D'um livro lhe vomitou,
 Que virou do avesso o bucho
 Mais o sizo ao Pai-Avô.



CONTO DECIMO OITAVO.

Navio da Xina.



X

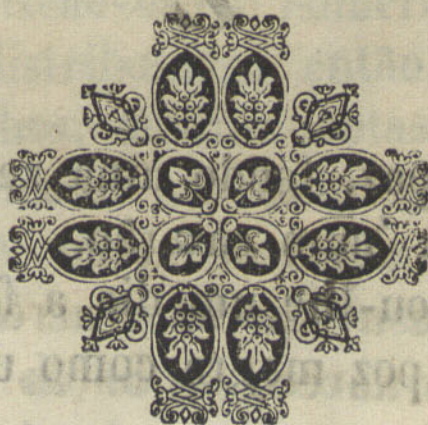
Excelente xá da Xina
Em caixotes de xarão
Trouxe a Xarrua Xarroco,
Que é xaveco de feição.

Além d'este xá de luxo,
Mil coisas trouxe da Xina
Mui curiosas; por exemplo:
Xambres roxos, seda fina,

Xibatas e xifarotes,
Lenços para xexisbéos,
Xorinas de franxinotes.
Frascos de oleo de xaréos,

Xargões, enxergas, enxôvas,
Enxofre, enxós, xocolate,
Enxundias, enxertos, lixas,
Largatixas, e um orate.

Xavier, o consignatario,
Xineiro gordo e convexo,
Vendo tanta exquisitice,
Dizem que ficou preplexo.



CONTO DECIMO-NONO.

A Zebra.



Z

Um rapaz, tendo uma zebra
Mettida 'num cazarão,
Dezancou-lhe um dia a febra,
Que a poz magra como um cão.

A azemola era cinzenta;
E depois d'aquella toza,
Ficou de côr de pimenta,
E a atirar para fanhoza.

DIVERTIMENTOS.

Como o nosso empenho todo é que os alunos colham do estudo, se possível fôr, o mesmo gosto que acham nas recreações, façamos um jogo de loto, que tenha, em vez de letras de conta, as duzentas palavras curtas, de que 'nesta lição fizemos rol, e com que os queremos bem familiarizados. Este jogo, ottimo para as oras de descanso, e especialmente para os descompassados serões do inverno, qualquer o póde preparar.

Tomai tantos cartões, quantos são os de um loto ordinario; riscae-os em numero igual de cazas, identicamente distribuidas; então colocaes diante de vós os trebelhos, ou marquetas redondas, numeradas, que andam no sacco; ordenando estas peças de um até cem; e acentae 'numa folha de papel outra igual serie de algarismos, de um até cem. Por baixo do vosso primeiro algarismo escrevei as duas primeiras palavras do nosso rol: o, a; por baixo do segundo a terceira e quarta, os, as; por baixo do terceiro a quinta e seista; e assim por diante até ao fim. Concluida esta operação preparatoria, escrevei no reverso de cada

trebelho as duas palavras, qe na vossa folha achais, correspondentes áquele numero.

Finalmente, tomae um dos vossos cartões, e ponde na primeira casa d'ele as duas palavras correspondentes ao numero, qe aí averieis de pôr, se copiasseis um cartão do loto usual; fazei similhantemente na segunda casa, e assim por diante, até averdes enchido o cartão. Ponde de parte o cartão numerado, e o cartão escrito, e tomando segundo cartão numerado, e outro em branco, trasladae tambem esse segundo, substituindo aos numeros as respectivas palavras, qe a vossa folha de papel vos subministra; e assim de cartão em cartão até ao ultimo.

— Advirta-se qe para maior economia um jogo de cartões do loto antigo, isto é, do loto numerico, póde servir igualmente para o loto moderno, ou vocabular, riscando-se este nas costas d'aquele. (O loto numerico é bom não se inutilisar, porque póde servir com vantagem para divertimento, depois da lição da leitura de algarismos).

Os mesmos 100 trebelhos do loto comum, podem identicamente servir para este, se no reverso se lhes escreverem as palavras.

A marcha do jogo é a mesma, só com a differença de qe este não deve ser a dinheiro; mas simplesmente a tentos, ou quando muito a rebuçados, amendoas, castanhas, pinhões, ou coisas similhantes.

Será conveniente colocar entre cada dois jogadores, mais atrasados na leitura, um mais adiantado, ou mesmo uma pessoa qe saiba ler, afim de os não deixar pôr vidro onde não devam, ou omitil-o onde o devam.

No loto dos numeros, cada parceiro tem a sua vez de eistrair, e ler os trebelhos; aqui porém passar-se-ão em claro os qe não estiverem em estado de ler estas palavras com certo desembaraço; eisclusão qe só durará em quanto eles não provarem ter já chegado a sufficiente adiantamento.

Similhantemente se póde arranjar outro loto para as terminações mais usuâes no portuguez. Chamando-se ao precedente loto vocabular, poder-se-ia dar a este ultimo, o nome de loto terminativo.

Algum litografo poderia empreender a impressão de taes lotos para o commercio.



ADVERTENCIA SOBRE A LIÇÃO PRECEDENTE.

Depois d'esta lição, já os vossos discipulos devem saber ler a letra redonda ordinaria com bastante facilidade. Póde acontecer entretanto, qe, por não terdes seguido com a devida pontualidade todas as recomendações, qe precederam e seguiram a cada lição, se achem ainda pouco desembaraçados. Sendo assim, é mister, antes de passar adiante, continuar-lhes por alguns dias esta lição, não relendo só os contos, mas tudo quanto se acha 'neste livro desde o titulo até aqui.

Eis o processo. Cada aluno tem o seu eisémpar d'esta obra; o mestre abre o seu no frontispicio, e os convida a imital-o; então, recomendando o mais profundo silencio, e a mais séria atenção (qe ele deverá manter até ao fim) ordena a qualqer dos alunos, qe, sem sair do seu logar, mas em pé, em voz alta e bem intelligivel, principie a ler, o qe 'nessa pagina se contém, e o deixa progredir tanto tempo, quanto lhe parecer conveniente; depois do qe, chamará outro, qe deverá começar instantaneamente, onde o primeiro ouver largado; do mesmo modo passará do segundo a terceiro, do terceiro a quarto, e assim

por diante; como nenhum sabe, quando, nem em que ponto da leitura será chamado, todos serão obrigados a estar atentos.

Logo que algum errar no que estiver lendo, ou estacar, o mestre ordenará subitamente a outro, que emende; se esse o não fizer, ou o fizer mal, a outro, e a outro, até ao fim da classe; não devendo ele proprio desatar a duvida, senão depois de bem averiguado que nenhum d'elles o póde.

Mas, répito, porque é bom repetil-o: se ouver necessidade de se prolongar assim a lição com a leitura do livro aflux, toda a culpa averá sido do mestre, que de certo não foi tão escrupuloso, como devia, no atender ás nossas advertencias, que todas são filhas da pratica, e de estudo na materia mui refletido. Ora, d'esse seu peccadinho tome ele á boa mente, como penitencia saudavel, o diligenciar, que os seus alunos entendam, até onde lhes fôr possível, tudo quanto deixo ensinado; pois que chegando eles a sabel-o bem, póde ser que por gosto o cheguem a ensinar a outros; pelo menos lá para o diante a seus filhos se Deus lh'os dér.

Meus amigos, convençâmo-nos bem d'este terrestre Evangelho do nosso seculo:

O saber ler não é prenda nem luxo, mas necessidade, e condição primaria, e impreterivel da civilisação. Contribuâmos

pois por todos os modos directos e indirectos para se difundir esta alvorada das sciencias, das artes, da liberdade, da justiça, da virtude, da religião, da sociabilidade, 'numa palavra, da ventura humana em toda a sua eistensão.

LIÇÃO DECIMA QUINTA.

SUMARIO.

Pontuação. — Regras. — Leitura auricular. — Leitura de manuscrito.

Recorram-se os quadros da pontuação. Para a recordar, leiam-se mais algumas frases, variada, e perfeitamente pontuadas; avendo cuidado em que o tom das inflexões se dê com muita eizageração; costume este, que por algum tempo se deve conservar, pois facilmente se perde, quando se chega a ler desembaraçado, parando então o ledor 'num rasoavel meio termo; ao mesmo passo, que, se no principio se limitasse a fazer infleções fracas, e indecisas, a final acabaria por não fazer nenhu-

mas; isto é, acabaria por ler desalmadamente, como quasi todos lêem.

Cantem-se todas as regras.

Faça-se um pouco de leitura auricular alternada; e passe-se a ler só em manuscrito.

Na escola, poderá o mestre ir copiando para o quadro preto os teistos seguintes, qe no ensino particular serão lidos 'neste livro; ou no caso de terem os discipulos todos eisemplares d'ele, fal-o-á ler em côro, silabica e ritmicamente. Não tendo todos os discipulos este livro, mas só um terço d'eles, póde colocar cada dono de livro entre dois dos qe o não possuem, para qe os tres leiam simultaneamente.



MANUSCRITO MAIUSCULO.

A B C D E

F G H I

J K L M

N O P Q R

S T U V

X Y Z

MANUSCRITO MINUSCULO.

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

1234567890

AFORISMO.

*Aquelle que sabe ler,
Para tudo está mui bem;
Sabe, como ha-de viver,
E ganhar o seu vintem.*

*Vai-se aos livros, se está triste;
Logo a tristeza lhe esquece.
O bem, que na ler consiste,
Só quem lê é que o conhece.*

CONTRAS DO NÃO SABER LER.

*Um ourives da Porto, que não
conhecia a nem b, teimou em que a fi-
lha não havia de saber mais do que elle,*

e nunca lhe consentia ir á escola. Tinha vinte annos, e lá lhe parecia que bastava isso para o deixar feliz. Sendo-lhe necessario ir a Lisboa para tratar com um parente certo negocio, que muito bem se podia ultimar por cartas, mas que elle não queria confiar a quem lh'as houvesse de escrever, deixou a filha (que a esse tempo era homem) encarregado da casa e da loja, e embarcou muito descansado como um tolo que era. O filho lá foi arranjando as coisas conforme Deus o ajudou, que não foi muito. Uma tarde porém, quando já estava para fechar a officina, passa um homem correndo, atira-lhe uma

carta e desaparece; toma-a, olha para ella; abre a boca, deixa-a ficar para a mandar ler no outro dia; vai para o theatro. Voltando para casa muito contente da comedia, acha tudo arrumado e vazio, e o creado fugido. Grita, acode a vizinhança, recorda-se da carta, lê-se, era um aviso anonimo do que estava para lhe acontecer. O não ter aprendido a ler custou-lhe o melhor de trinta mil cruzados.

AOS MENINOS.

Amados estudantinhos. Se alguém vos disse uma tenda, um navio, ou uma quinta, não vos faria melhor

presente do que vos fazem os vossos mestres. Bem vêdes, que sem vos serem nada, vos amam como paes; não deveis vós amal-os, como filhas? Não deveis desjar provar-lhes a vossa agradecimento? Pois provai-lh'a aprendendo bem, que é isso o que elles mais desejam para vos verem felizes neste mundo, e em bom caminho para o serdes na outra. Sabendo vós ler, escrever e contar, tendes uma riqueza, que nem os ladrões vos podem roubar, nem o tempo enfraquecer, nem os incendios, inundações ou terremotos destruir; podeis fazer-vos grandes homens; pois ha muitos negociantes,

generaes, governadores, bispos, e até príncipes, que no principio foram rapazinhas descalços, e desprezados, e que só ao estudo, ás diligencias e ao bom comportamento, é que deveram a subir tanto.

Quem vos diz a vós, que d'aqui a alguns annos, se trabalhades deveras para aprender, não andareis nas palmas de toda a gente, com grande fama, muitos haveres, e commodidades? Oh! então lembrae-vos de fazer para com os pequenos desamparados, o que os vossos mestres estão fazendo para com vós! Este mundo é assim: todos recebemos beneficios dos que vieram

antes, e todas as devemos ir passando
aos que vem depois.

Se os mais idosos nos dão o seu
affecto, é com a obrigação de nós dar-
mos a nosso, não só a elles, mas á ge-
ração nova, que se nos seguir.

O homem que não serve aos outros,
é como a arvore que está comendo a terra
sem dar fructo; e a que a si mesma
se não aperfeiçoa, podendo, é como a
fera, que se não deixa domesticar; bru-
ta vive, e bruta morre; ninguém a ama,
e ninguém chorará por elle, porque a sua
vida foi um pezo e um flagello para
seus irmãos, a quem devia ajudar.
Meus bons meninos, lembrae-vos,

de que se Deus vos deu olhos, ouvidos, memoria, e entendimento, para alguma coisa fôr, e fôr para vos fazerdes felizes; não espediceis estes dotes, estaes a tempo de os aproveitar. Fôra com a preguiça, que é a peor doença. Estudai. Fazei com que um dia, quando fôrdes velhos, e tiverdes filhas, os vossos filhas vos possam tomar por exemplares, e citar os vossos nomes com ufania, e a patria metter-vos no rol dos benemeritos, que lhe grangeaem proveito e nomeada.

EMPREGO DO TEMPO.

Ha uma riqueza de que se deve ser sôfrego; é o tempo. Perdê-lo, é perdermo-nos.

Matar o tempo, é matar um amigo, que
vinha para nós carregado de presentes. Le-
vanta-te cedo, terás mais saúde e agrados.
Encomenda-te a Deus, crescer-te-ha o amor
do trabalho. Come e bebe, só o necessário,
ficar-te-hão mais horas e melhores. Descansa
d'um trabalho com outro; os exercícios do
espírito, alliviam das fadigas do corpo; os
do corpo, das fadigas do espírito. Já se
não pôde com um estudo, e ainda se está
fresco para outro. Estão os pés fatigados,
não-no estão as mãos; estão-no as mãos,
não-no estão os pés.

Trabalhar meus irmãos, que o trabalho
É riqueza, é virtude, é vigor;
D'entre a orchestra da serra e do malho
Protam vida, cidades, amor.



ADVERTENCIA PRÉVIA Á LIÇÃO DECIMA SEISTA.

O ler palavras qe se acham escritas por inteiro não é tudo; pois muitas vezes as encontramos em abreviaturas: umas só designadas pela sua letra inicial, ou primeira; outras cifradas em algumas das diversas letras de qe se compõe. Como taes abreviaturas sejam um estorvo, em qe frequentemente tropeçam até os qe sabem ler, não será fóra de proposito catalogar aqui as principaes, distribuindo-as por ordem alfabetica para com mais facilidade se acharem 'num repente.

LIÇÃO DECIMA SEISTA.

SUMARIO.

Rol de algumas abreviaturas mais notaveis.

A..... Alteza, Auctor, Auctora.
 A. A..... Altezas, Auctores, Auctoras
 Ab.^e..... Abbade.
 A. M..... Ave-Maria.

B.....	Beato.
C.....	Catholico, Catholica, Capitulo, Christianismo.
Cap.....	Capitão.
Cr. ^{do}	Creado.
D.....	Dedica, Digna, Digno, Dom, Dona.
D. ^r	Doutor.
DD. ^{res}	Doutores.
D. ^o	Dito.
D. ^s	Dias.
Ex. ^{cia}	Excellencia.
Exc. ^{mo}	Excellentissimo.
Ex. ^o	Exemplo.
F.....	Feminino, Fidelissimo, Fidelissi- ma, Folha.
Fr.....	Frei.
G. ^e	Guarda.
G. ^e D. ^s m. a. ^s	Guarda Deos muitos annos.
Gov. ^{er}	Governador.
I.....	Imperial.
Ill. ^{mo}	Illustrissimo.
Ill. ^{tre}	Illustre.
Ir.	Irmão.
J. C.....	Jesu-Christo.
J. M. J.....	Jesus, Maria, José.
J. N. R. J.....	Jesus Nazareno Rei dos Judeos.
L.....	Livro.
Lb.....	Libra.
Lx. ^a	Lisboa.

M.....	Magestade, Masculino.
M. ^e	Mestre.
M. ^{ce}	Mercê.
M. ^{te}	Mente (terminação dos adverbios, como : felizmente).
M. ^{to}	Muito.
Ms.....	Manuscripto.
N.....	Nacional, Nossa, Nosso.
N. B.....	Nota-bem.
N. ^o	Numero.
N. S.	Nosso Senhor, Nacional Serviço.
N. S. P. S....	Nosso Santo Padre São.
O.....	Offerece.
Obg. ^{do}	Obrigado.
Obgm. ^{mo}	Obrigadissimo.
Off. ^{cer}	Offerecer.
Off. ^o	Officio.
Opt. ^{mo}	Optimo.
Ord.	Ordenação.
P.....	Padre, Pede, Pagina, Pergunta.
P. ^a	Para.
P. C.....	Padre Conscripto.
P. E. F.....	Por especial favor.
P. E. M.....	Por especial mercê.
Pg.....	Pagou.
P. M.....	Padre Mestre.
P. M. P.....	Por mão propria.
P. N. e A. M.	Padre Nosso e Ave-Maria.
P. ^r ^o / _o	Por cento.

Prov. ^r	Provedor.
P. S.	Depois de escripto.
Q̃.	Que.
Q. ^{do}	Quando.
Q. ^{to}	Quanto.
R.	Real, Réo, Resposta, Reverendo.
RR.	Reaes, Réos, Respostas, Reverendos.
R. ^{do}	Reverendo.
R. M. ^{ce}	Receberá Mercê.
R. S.	Real Serviço, Real Senhor.
S.	Santo, Santa.
S. A.	Sua Alteza.
Sap. ^{mo}	Sapientissimo.
S. E.	Sua Excellencia.
S. Em. ^{cia}	Sua Eminencia.
Ser. ^{mo}	Serenissimo.
S. M.	Sua Magestade.
S. N. R.	Serviço Nacional e Real.
Sñr. Snr ^a	Senhor, Senhora.
S. P.	Santo Padre.
S. R.	Sua Reverendissima.
S. ^{ria}	Senhoria.
SS.	Santissimo Sacramento, Sua Santidade, Sua Senhoria.
Supp. ^e	Supplicante.
T.	Titulo, Tome, Tomo.
V.	Vidè, Verbo, Verso, Volte, Vossa.
V. A.	Vossa Alteza.

V. C.	Vossa Caridade.
V. E.	Vossa Excellencia.
V. Em. ^{cia}	Vossa Eminencia.
Ven. ^{dor}	Venerador.
Vg.	Verbi gratia.
V. Ill. ^{ma}	Vossa Illustrissima.
V. M.	Virgem Maria.
V. M. ^{cé}	Vossa Mercê.
V. P.	Veneravel Padre, Vossa Paterni- dade.
V. R.	Vossa Reverendissima, ou Reve- rencia.
V. R. M.	Vossa Real Magestade.
V. S.	Vossa Santidade, Vossa Senhoria.
X. ^{pto}	Christo.

ADVERTENCIA PRÉVIA Á LIÇÃO DECIMA SETIMA.

Duas coisas são necessarias para se escrever: 1.^a saber qe letras se ão de pôr para representar cada palavra: 2.^a ter na memoria bem firme a figura de cada letra, e a mão ageitada a reproduzil-a. A decomposição, e a leitura auricular alternada, e a leitura por figuras, em qe os nossos discipulos, 'nestas alturas, estão já mestres, de repente lhes fazem descobrir quaes são (salvos os

caprichos ortograficos) as letras com que um dado vocabulo se deve escrever. A leitura que já se tem feito de manuscrito, tem-lhes depositado na memoria esses caratêres; o que só lhes falta é o costume e geito para os formarem por sua mão.

Em alguns cursos de leitura e escrita, por este metodo, tem-se ido alternando, quasi desde o principio, o escrever, e o ler, sem que nisso aja inconveniencia; antes á, por ventura, alguma vantagem; nós todavia preferiremos começar na escrita, depois de já chegada a leitura a uma certa madureza.

No livro que andamos imprimindo, com o titulo de *Escrita Repentina*, seguimos o metodo inverso; isto é, caminhamos da escrita para a leitura.

A escrita, de que tratâmos na proxima lição, não é caligrafia; o nosso empenho por agora, é pôr os alunos em estado de confiarem a um papel os seus pensamentos, por um modo belo, não, mas intelligivel; os que aspirarem a mais, que o estudem depois; e no mesmo opusculo que á pouco annunciâmos com o titulo de *Escrita Repentina*, lá se satisfaz a esses desejos.



LIÇÃO DECIMA SETIMA.

SUMARIO.

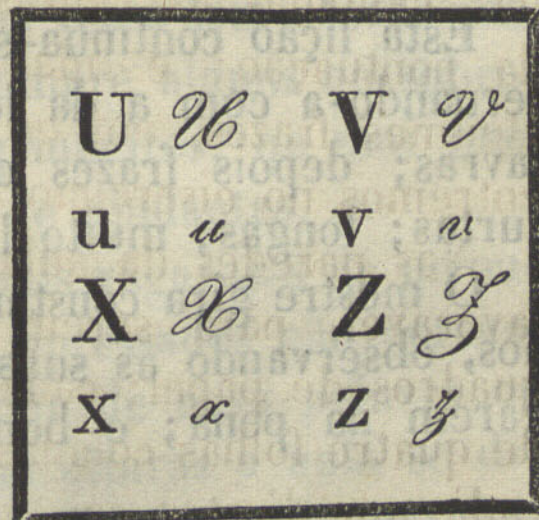
Decomposição. — Leitura auricular. — Regras. — Pontuação. — Escrita na ardosia.

Depois de feita muita, e boa decomposição de palavras; muita e boa leitura auricular alternada; cantadas as regras; revistos os seis quadros da pontuação; e lidas com entoação eisagerada algumas frases, em qe a pontuação figure toda; entremos no eisercicio do escrever.

Nas paredes da aula estão pendentes, com luz favoravel, para serem bem vistos, seis grandes quadros de papel; cada um composto pelo menos de quatro folhas coladas umas ás outras; contendo cada um d'estes seis quadros um seisto do alfabeto, do seguinte modo:

A	<i>A</i>	B	<i>B</i>
a	<i>a</i>	b	<i>b</i>
C	<i>C</i>	Ç	<i>Ç</i>
c	<i>c</i>	ç	<i>ç</i>

D	<i>D</i>	E	<i>E</i>
d	<i>d</i>	e	<i>e</i>
F	<i>F</i>	G	<i>G</i>
f	<i>f</i>	g	<i>g</i>



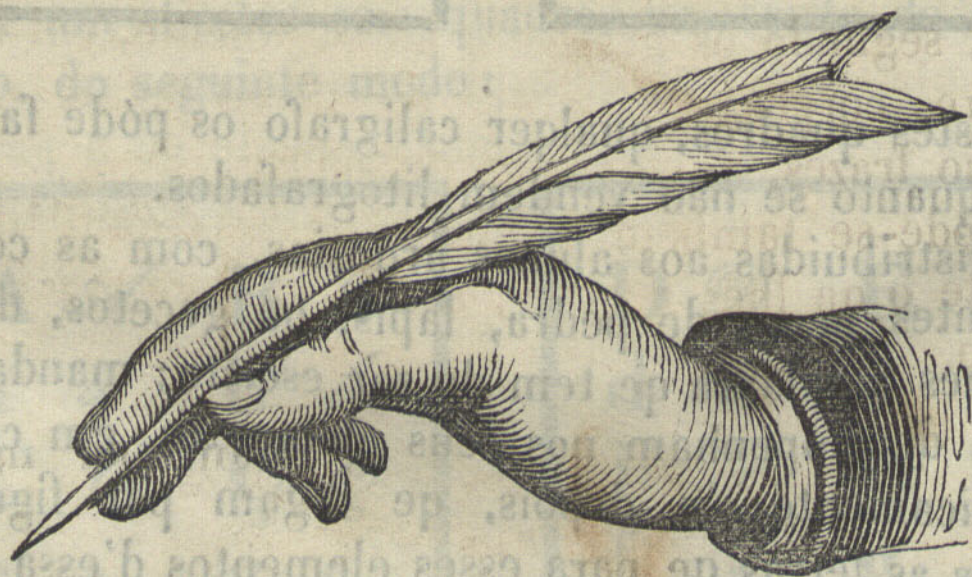
Estes quadros, qualquer caligrafo os póde fazer, em quanto se não vendem litografados.

Distribuidas aos alunos ardosias, com as competentes penas de pedra, lapis, ou gecetos, dita-se-lhes a palavra qe tem de ser escrita; manda-se qe a decomponham nos seus elementos, em côro, ritmicamente; e depois, qe digam por figuras quaes as letras qe para esses elementos d'essa palavra se devem tomar. Se 'nesta segunda operação erram, o qe muitas vezes acontecerá, por

culpa da senhora ortografia sábia, corrige-se-lhes o *erro*. Logo qe tem a palavra no espirito, segundo o figurino dos doutores, ordena-se-lhes qe a escrevam, mas com a obrigação de irem procurando e estudando o feitio de cada letra nos quadros circumstantes; e isto sempre, e mesmo depois de as saberem bem. Escrita a primeira palavra, dita-se-lhes segunda, com a qual se procede identicamente; depois terceira, e assim inumeraveis.

Esta lição continua-se pelos dias seguintes, alternando-a com a da leitura; a principio só palavras; depois frases curtissimas; depois menos curtas; longas; muito longas; periodos.

O mestre gira constantemente por entre os alunos, observando as suas posições, o modo de pegarem na pena; o bem ou mal feito da letra;



a correção ou incorreção da escrita; e preferindo, por via de regra, apontar com o dedo o erro, ou

apagal-o, para qe o aluno reconsidere, e ache por si mesmo o acerto, em vez de lhe dizer logo em qe ele consiste, e o modo de o emendar. Avendo ajudante official, ou officioso, e ás vezes poderá aver até mais de um, esses, qe tomem á sua conta o rondar, e tambem rever o trabalho, e as escritas de parte dos alunos; a fim de se andar mais expeditamente e melhor. Sentido porém em se não cometer esta tarefa de ajudante a alguma pessoa leiga, qe muitas vezes vá fazer a emenda peor do qe o soneto, como já muitas vezes tem acontecido.

Entre os discipulos á sempre alguns qe sobre-saem tanto aos seus companheiros, qe mui bem se lhes póde dar o cargo de ajudantes.

Como uns alunos são mais vagarosos do qe outros, a fim de qe os mais apressados não percam tempo a esperar pelo pregão de nova palavra ou fraze, será bom qe 'nestas alturas a aula se divida, segundo os grãos de adiantamento, em dois ou tres corpos, ditando-se ao infimo palavras, ao medio frazes, ao superior periodos.

Póde-se tambem permitir qe escrevam livremente o qe lhes ocorrer, muito embora em estilo chulo.



DIVERTIMENTOS.

Nas horas de recreação, podem fazer o jogo do correio, escrevendo cada um com lapis, em papel, suas cartas aos outros, convidando-os, contando-lhes algumas coisas, fazendo-lhes perguntas, ou falando-lhes no que mais lhes aprouver. Estas cartas, com os seus sobre-escritos, lançam-se 'numa caixa que finge correio; um que representa de official do correio, as distribue aos que lhas vem pedir; estes as lêem em voz alta; e aí está logo a sala 'num passatempo variadissimo.

Apontamentos para algumas d'estas cartas.

Sr. F.

Dezejo me diga se tem tenção de saber amanhã a sua lição; eu, da minha parte, ei-de estudar para fazer muito boa figura; porque não quero passar por tolo, nem por mandrião, diante de tanta gente.

Seu condiscipulo muito amigo

F.

III.^{mo} Sr. F.

Tenho muita pena de não poder ir oje aos anos de V. S.^a, porque me mordeu um cão 'numa perna, que fiquei em miseravel estado. Dezejo que V. S.^a se divirta muito com os seus amigos, etc.

ADVERTENCIA PRÉVIA À LIÇÃO DECIMA OITAVA.

Antes qe se comecem a ensinar a lêr os numeros compostos de algarismos, é não só conveniente, mas necessario, contar seguidamente de um a cem, de cem a mil, e d'aí por diante, pelo qe a primeira diligencia do mestre será ensinar isto aos seus discipulos verbalmente e sem lhes mostrar por escrito letra ou algarismo algum. Nesta contagem de cór convirá acostumar-os a irem marcando com qualquer sinal, ou de voz mais alta, ou de pausa, ou de uma pancada com a mão, ou de tudo isto junto, as divisões decenarias, isto é, qe principiando pelo zero, se detenham aos 9, aos 19, aos 29, aos 39, aos 49, aos 59, aos 69, aos 79, aos 89, aos 99, aos 109, aos 119, e assim por diante. É só depois de bem familiarisados com este eiserercicio, qe se lhes abrirá a lição. Passemos a ela.



LIÇÃO DECIMA OITAVA.

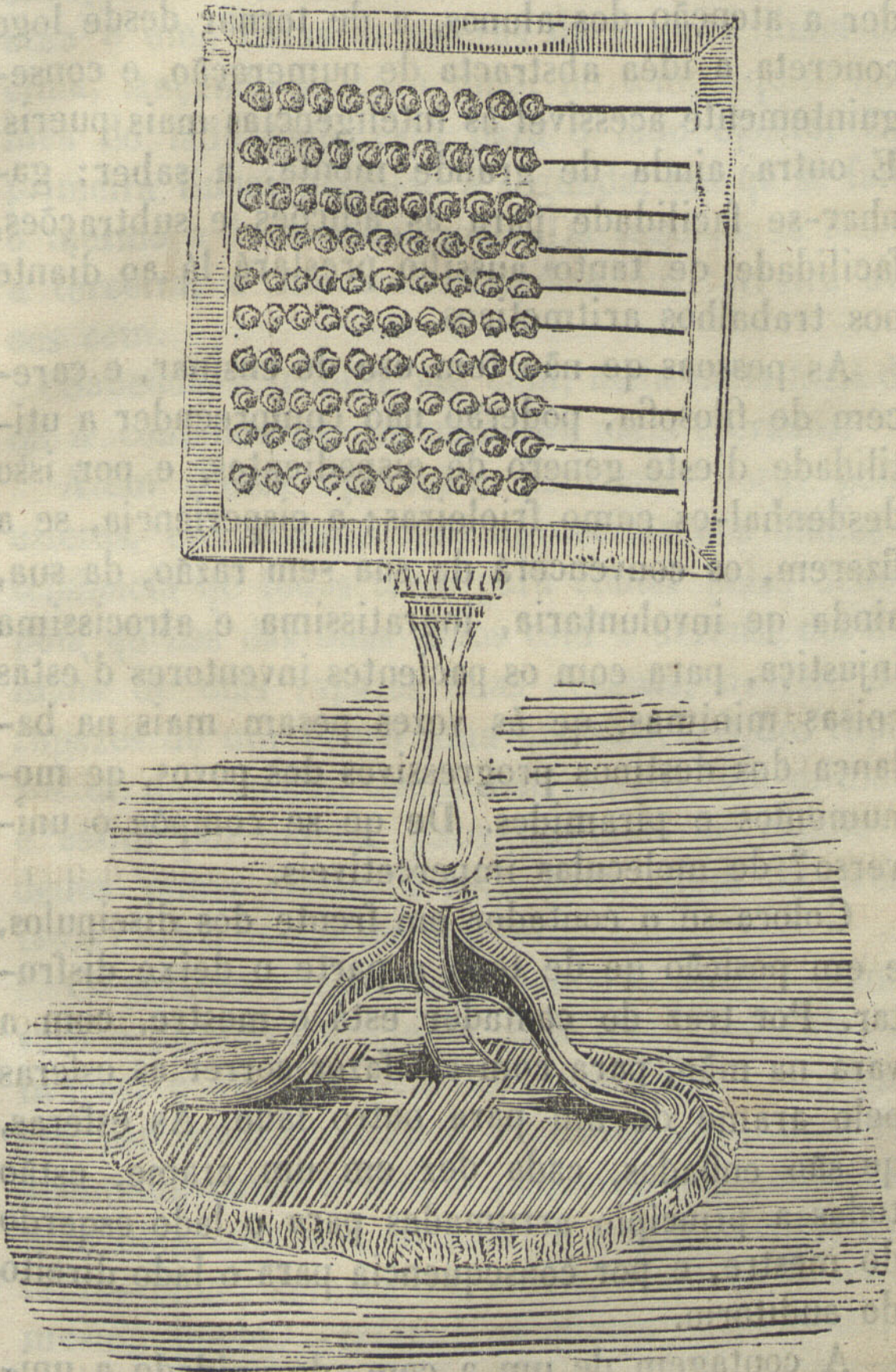
SUMARIO.

Prenições numericas.

Assim como o falar precedeu ao escrever, e ao escrever se seguiu immediatamente o ler; assim tambem o contar vocalmente precedeu á arte de representar os numeros por sinaes visiveis, á qual como consequencia logica e immediata, se seguiu a de os ler.

Esta lição é pois para adestrar os discipulos no contar vocalmente de um a cem, de cem a mil, a cem mil, a conto, etc., e não menos para os acostumar com cedo ás adições e subtrações.

Para os primeiros eiserccios da contagem vocal, servem-se com proveito, nas salas de asilo de infancia desvalida, de um aparelho chamado *contador*, qe vamos apresentar na seguinte gravura.



Este aparelho, reúne á vantagem de eiscitar e prender a atenção dos alunos, a de tornar desde logo concreta a idéa abstracta de numeração, e consequentemente acessível ás intelligencias mais pueris. E outra ainda de grande monta, a saber: ganhar-se facilidade para as adições e subtrações, facilidade qe tanto aussilio prestará lá ao diante nos trabalhos aritmeticos.

As pessoas qe não tem uso de ensinar, e carecem de filosofia, poderão não comprecnder a utilidade d'este genero de eispedientes, e por isso desdenhal-os como frioleiras; a eisperiencia, se a fizerem, os convencerá da sua sem razão, da sua, ainda qe involuntaria, ingratisissima e atrocissima injustiça, para com os pacientes inventores d'estas coisas minimas, qe ás vezes pesam mais na balança dos destinos progressivos dos povos, qe monumentos e piramides. De qe se compõe o universo? de moleculas impercetiveis.

Coloca-se o contador em frente dos discipulos, e em posição qe de toda a parte o deixe disfrutar. Por traz do contador está o mestre, com a vara na mão, para com ela fazer correr as esferas pelo arame de um para outro lado. As esferas, qe são enfiadas, cada dez em um arame, estão todas a principio arrumadas para o lado esquerdo do mestre, e por consequencia para o lado direito do auditorio.

A contagem de um a cem, de unidade a uni-

dade, visto está como se deve fazer; contam-se a uma e uma todas as esferas da primeira linha de cima, lançando-se cada uma, no tempo que se nomea do lado onde está para o lado oposto. Da primeira linha, passa-se á segunda, em que se fará o mesmo e do mesmo modo. Da segunda se desce á terceira, e assim de carreira em carreira até aos cem.

Sabendo-se contar até cem, nada mais facil do que ir contando até os numeros mais elevados.

Além d'esta operação, do contar vocal pelas esferas, conveniente será aproveitar nos alunos a tendencia que todos teem para contar pelos dedos, pois que nos das duas mãos está a dezena, nos das mãos de dois rapazes duas dezenas, nos de dez rapazes de um banco uma centena, nos dos rapazes de dez bancos, assim distribuidos, um milhar; e assim por diante. Este eiserercicio de contar os dedos 'numa classe, é recreativo, além de prestadío; eis o modo de o fazer:

O precetor, sem dizer palavra, aponta com a vara o primeiro discipulo; este levanta-se, alça os braços, e abrindo bem todos os dedos, proclama em voz sonora: *dez*; o segundo, immediatamente apontado, como o fôra o primeiro, faz como ele; e os dois, silabica, unisona, e ritmicamente, gritam — *vinte*; acresce o terceiro, e os tres dizem do mesmo modo — *trinta*; os quatro — *quarenta*, e assim por diante, até ao fim da classe; este cres-

cendo de vozes agrada muito aos rapazes, qe todos morrem por bulha.

Já se sabe contar por unidades e por dezenas; trabalhemos no contador para fazer outras adições além das dezenas.

O mestre acenta a vara no primeiro arame de cima, entre as duas primeiras esferas da sua direita, e impele a primeira d'essas duas pelo arame fóra, até se ir encostar no caixilho. A vara com qe isto fez, retrocedendo por cima do mesmo arame da direita para a esquerda, logo qe chega ás esferas, desce para o segundo arame; e como todas as esferas são de igual tamanho e estão identicamente arrumadas, e a descida da vara é vertical, vem infalivelmente bater no segundo arame entre as duas primeiras esferas da direita. Então faz á primeira d'estas duas, o mesmo qe fizera á primeira do andar superior; atira-a para a moldura. Do segundo arame passa ao terceiro, como do primeiro passára ao segundo; e o mesmo faz no terceiro qe no segundo e no primeiro havia feito. Do terceiro baixa ao quarto. Do quarto ao quinto e assim identicamente até ao decimo. A cada esfera qe a vara do mestre separa da fileira para a lançar para o lado oposto, entoam com uma certa cantilena e perfeito ritmo, tanto o mestre como os discipulos, o numero devido, estirando a pronuncia d'essa palavra numerica, quanto fôr necessario para se preencher o tempo da operação

mecanica, o qual consta de duas partes bem distintas; primeira, o bater da vara no arame por traz da bola que tem de ser deslocada; segunda, leval-a até ir bater sonoramente.

A letra da cantilena é esta: 1; e 1, dois; e 1, tres; e 1, um quatro; e 1, cinco; e 1, seis; e 1, sete; e 1, oito; e 1, nove; e 1, dez. Do nove para o dez a cantilena faz sua variação para servir de remate; a ela mesma, e á dezena.

Aqui está já na linha vertical da direita do mestre e esquerda dos discipulos uma dezena visível e distinta, que é a que acabam de contar. A vara do mestre remonta ao primeiro arame, separa segundo globo, encosta-o ao já arrumado na direita, faz o mesmo ao segundo globo do segundo arame, o mesmo ao segundo do terceiro, e assim por diante até ao segundo do decimo, sempre com a mesma cantilena, e com as mesmas duas pancadas batidas para cada arame. A letra que então dizem é a seguinte: 2; e 2, quatro; e 2, seis; e 2, oito; e 2, dez; e 2, doze; e 2, quatorze; e 2, dezaseis; e 2, dezoito; e 2 vinte. Dos dezoito para os vinte, varia a cantilena para fazer remate, como já o fizera do nove para o dez na primeira descida. Com isto estão arrumadas, contadas, e presentes á vista, as duas primeiras dezenas. Tornando a vara acima faz ao terceiro globo do primeiro arame o mesmo, e do mesmo modo que aos dois já apartados; e identicamente procede de arame em arame; a cantilena é a

mesma, com os mesmos compassos e com o mesmo remate; a letra d'ela: 3; e 3, seis; e 3, nove; e 3, doze; e 3, quinze; e 3, dezoito; e 3, vinte e um; e 3, vinte e quatro; e 3, vinte e sete; e 3, trinta. Pelos mesmissimos passos contados se vão seguindo as restantes esferas até ao cento, com o qe, todas as esferas qe a principio estavam arregimentadas para um lado, se acham agora arregimentadas para o outro.

Das adições sabidas, passa-se ás subtrações. As esferas estão outra vez todas á esquerda do mestre. O mestre aparta com a vara para o lado direito a primeira esfera da primeira linha de cima; os discipulos respondem — *dez menos um nove*. O mestre aparta duas; os discipulos dizem — *nove menos dois sete*; o mestre aparta tres; os discipulos dizem — *sete menos tres quatro*. E claro está qe o mestre póde apartar ou estes ou outros quaesqer numeros qe lhe aprouver.

Restituídas as dez esferas ao lado esquerdo, e descendo com a vara para a segunda linha, a qual com a primeira soma vinte esferas, aparta, suponhamos seis; os discipulos dizem — *vinte menos seis quatorze*. Analogicamente irá de linha em linha dedusindo arbitrariamente ora tal, ora tal outro numero de unidades, ora uma dezena toda. As respostas dos discipulos devem ser ritmicas, e entoadas com a massima eisação possivel.

Ainda com o mesmo contador se podem fazer

alguns eiseerciciozinhos de multiplicação, qe se não acham estabelecidos nas salas de asilo. O modo é facil: aquarteladas todas as esferas no lado esquerdo, o mestre aparta da primeira linha, supponhamos sete, e da segunda supponhamos sinco; os discipulos qe vêem as sinco de baixo correspondendo em posição ás sinco de cima, facilmente atinam qe estes sinco e aqueles sinco, fazem dez, e qe estes dez com aqueloutros dois, qe na primeira linhar estão sem visinhos de baixo somam doze. Por este modo ou outros se pôde adquirir uma grande presteza em somar de cabeça, porque as idéas numericas abstratas se tornam visiveis e palpaveis por meio das esferas.

Para o ensino particular, com as ave-marias de dez misterios de um rosario enfiadas em arames, e atravessados estes 'num pequeno caixilho, se pôde fazer sem dispeza um contador suficiente.



DIVERTIMENTOS.

Nas oras de recreação podem repetir a contagem dos dedos, podem contar os vidros das janelas, as taboas e pregos do teto e sobrado, as telhas da casa visinha, jogar os pares ou nunes com feijões, grãos de milho, ou pedrinhas, contar as letras de uma linha, ou de muitas, ou de uma pagina inteira, as folhas de um ramo, as pessoas que passam pela rua, etc., e havendo contadoresinhos economicos feitos das ave marias d'um ramal de contas, com elle se divertirão a fazer adições e subtrações.



LIÇÃO DECIMA NONA.

SUMARIO.

Recordação da contagem vocal. — Mnemonisação dos algarismos arabigos.

Depois de repetido o eiseercicio da contagem das esferas, e o da contagem dos dedos de toda a classe; passemos a mostrar os sinaes de qe mais comummente nos servimos na escrita para representar os numeros.

O mestre aqui se servirá dos quadros litografados dos algarismos, do mesmissimo modo como se serviu dos das letras para as ensinar, e acompanhando a eisibição de cada quadro com a eispliação qe á direita da copia de cada um d'eles, e por consequencia á nossa mão esquerda, vae 'neste livro. Para o ensino individual, superflo é já advertir qe este livro basta.



1

É a alabarda, arma de qe nunca se traz mais de *uma*; cada *uma* representa *um* homem; a sua sombra representa *um*, e chama-se *um*.

2

O cisne não costuma andar só; encontra-se sempre aos cazaes; qem avista um cisne, pensa logo nos *dois*; a sua sombra eisprime *dois*, e chama-se *dois*.

3

Este anel de orelha consta de duas peças articuladas, mas para ser brinco perfeito, falta ainda uma peça, qe é, o pendente. O brinco consta pois de *tres* partes; a sua sombra lembra-nos *tres*, e chama-se *tres*.

4



1

O talher lembra-nos a mesa de tem quatro
lados, e portanto, para não ficar solto, repór qua-
tro convidadas a mesa também tem quatro pés;
um jantar comum, quatro comidas; sopa, vaca,
arroz, prato do meio; as nossas refeições do dia
eram quatro: almoço, jantar, merenda, e ceia; a
sombra do talher esprime quatro e chama-se
quatro.



2

Na noite agitada-se o céu, a sua
vista nos recorda pois os cinco; a sua sombra sim-
boliza os cinco, e chama-se cinco.

6

3

3

A copla aparece no 2. João de o 2.º mto
da ano; a sua sombra designa o 3.º e chama-se
seis.

4

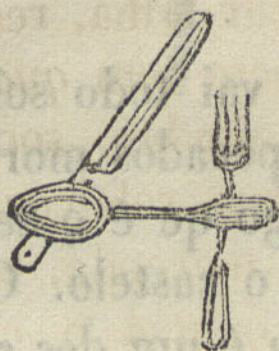
O talher recorda-nos a meza, qe tem *quatro* lados, e portanto, para não ficar falha, reque *quatro* convidados; a meza tambem tem *quatro* pés; um jantar comum, *quatro* comidas; sopa, vaca, arroz, prato do meio; as nossas refeições do dia eram *quatro*; almoço, jantar, merenda, e ceia; a sombra do talher eisprime *quatro* e chama-se *quatro*.

5

Na foice agarra-se com os *cinco* dedos, a sua vista nos recorda pois os *cinco*; a sua sombra simbolisa os *cinco*, e chama-se *cinco*.

6

A cobra aparece no S. João, qe é o *seisto* mez da ano; a sua sombra designa *seis*, e chama-se *seis*.



4



5



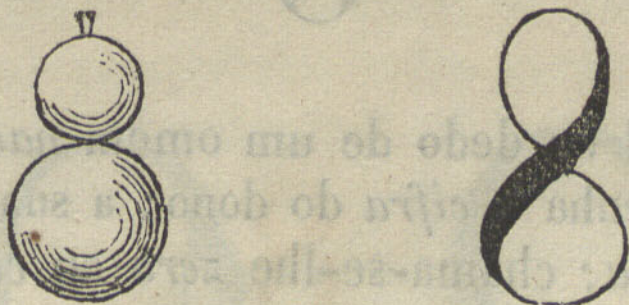
6

7

Qem leva uma bandeira, vai todo soberbo, a soberba qe é o primeiro dos pecados mortaes, recorda-nos os *sete*. No domingo qe é o *setimo* dia embandeiraram-se os navios e o castelo. O castelo de S. Jorge qe se embandeira é um dos *sete* montes de Lisboa. A sombra da bandeira eispressa *sete*, e chama-se *sete*.

8

Esta cabaça leva uma canada em cada bojo; logo contém *oito* quartilhos; a sua sombra traz-nos á memoria *oito*, e chama-se *oito*.

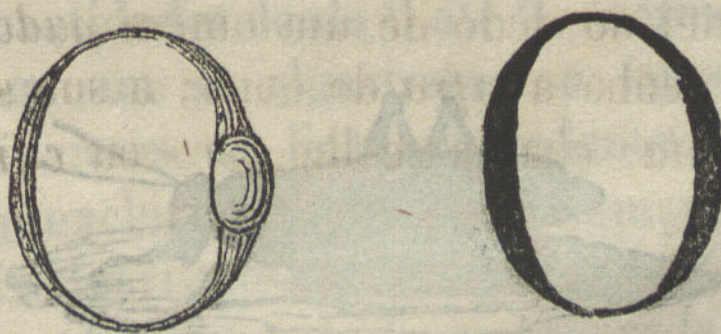
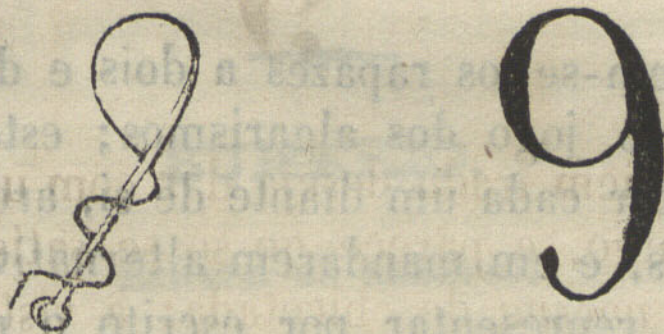


9

Um omem irado deseja dar com um chicote no seu inimigo, e parece qe só se satisfaria dando-lhe uma *novena* de chicotada; a vista do chicote lembra-nos a *novena*; a sua sombra lembra-nos tambem *nove*, e chama-se *nove*.

0

Um anel no dedo de um omem *nada* significa, ainda qe tenha a *cifra* do dono; a sua sombra significa *nada*; chama-se-lhe *zero* ou *cifra*.



DIVERTIMENTOS.

Repartem-se os rapazes a dois e dois, e cada par, joga o jogo dos algarismos; este jogo consiste em ter cada um diante de si, ardosia ou papel e lapis, e em mandarem alternativamente um ao outro, representar por escrito o numero dos dedos qe lhe apresentar abertos; avendo cuidado em nunca apresentar todos os dez. O qe erra a escrita ou não a acerta depressa, paga um tento ao parceiro.

JOAQUIM E THOMAZ.

Joaquim mostra quatro dedos: Thomaz escreve 4. Thomaz, mostra sete; Joaquim escreve 6 ou não escreve, paga tento. Joaquim apresenta os dois punhos fechados; se Thomaz não escreve logo 0, paga tento.



LIÇÃO VIGECIMA.

SUMARIO.

Leitura de numeros.

As quantidades numericas podem ser diversissimas. V. g. falando de alqueires de trigo, posso querer mencionar um só alqueire, ou dois, ou tres, ou dez, ou quinze, ou vinte e sete, ou cincoenta, ou cem, ou cento e doze, ou mil, ou cem mil, e assim por diante; isto é, supondo o numero total mil alqueires de trigo, e tirando sucessivamente d'este monte alqueires a um e um, e assentando o que vai ficando a cada uma d'essas tiradas, teremos escrito mil quantidades todas diversas.

As quantidades desde 0 até 9, escrevem-se cada uma com um só algarismo, ou letra de conta, como já vimos na lição precedente; d'aí ávante até cem exclusivamente cada numero se escreve com dois algarismos, podendo o segundo ser um 0; de cem até mil exclusivamente cada numero se escreve com tres algarismos podendo o segundo e o terceiro ser zeros; de mil até cem mil exclusi-

vamente com cinco algarismos, podendo qualquer dos quatro ultimos ou todos elles ser zeros.

É pela propria mão dos discipulos qe se devem fazer, desde o principio os eiserccios de escrever ou assentar contas, sendo o mestre qem lhas dite.

Primeiro exercicio : Escrever com facilidade todos os algarismos desde 0 até 9.

Segundo exercicio: Escrever todos os numeros decenarios até cem, com esta eisplicação: 1 por si só val um, mas com um 0 adiante val um rancho de dez *uns*, qe são dez, e chama-se dez; 2 por si só val dois, mas com o 0 adiante val dois ranchos de dez, qe são vinte e chama-se vinte; 3 por si só val tres, mas com o 0 adiante val tres ranchos de dez, qe são trinta, e chama-se trinta; 4 por si só val quatro, mas com o 0 adiante val quatro ranchos de dez, qe são quarenta, e chama-se quarenta; 5 por si só val cinco, mas com o 0 adiante val cinco ranchos de dez, qe são cincoenta, e chama-se cincoenta; 6 por si só val seis, mas com o 0 adiante val seis ranchos de dez, qe são sessenta, e chama-se sessenta; 7 por si só val sete, mas com o 0 adiante val sete ranchos de dez, qe são setenta, e chama-se setenta; 8 por si só val oito, mas com o 0 adiante val oito ranchos de dez, qe são oitenta, e chama-se oitenta; 9 por si só val nove, mas com o 0 adiante val nove ranchos de dez, qe são noventa, e chama-se noventa.

Segue-se d'aqui qe o 0, sem ter de si valor algum faz augmentar dez vezes o valor do algarismo qe lhe fica antes.

Se porém no lugar de 0, qe se segue a um algarismo, nós pozermos outro algarismo, esse novo algarismo qe pozermos terá o seu valor natural, como se estivesse só, mas nem por isso deixará de fazer crescer dez vezes o do algarismo antecedente; assim, se adiante de 1 assentarmos outro 1, o primeiro 1 valerá dez, e o segundo um, e como dez e um fazem onze, lerêmos 11 onze; pela mesma razão 12 doze, 13 treze, 14 quatorze, 15 quinze, 16 dezeseis, 17 dezesete, 18 dezoito, 19 dezenove. 2 com 0 adiante val vinte, 21 vinte e um, 22 vinte e dois, 23 vinte e tres, 24 vinte e quatro, 25 vinte e cinco, 26 vinte e seis, 27 vinte e sete, 28 vinte e oito, 29 vinte e nove. 3 com 0 adiante val trinta, 31 trinta e um, 32 trinta e dois, 33 trinta e tres, 34 trinta e quatro, 35 trinta e cinco, 36 trinta e seis, 37 trinta e sete, 38 trinta e oito, 39 trinta e nove. 4 com 0 adiante val quarenta, 41 quarenta e um, 42 quarenta e dois, 43 quarenta e tres, 44 quarenta e quatro, 45 quarenta e cinco, 46 quarenta e seis, 47 quarenta e sete, 48 quarenta e oito, 49 quarenta e nove. 5 com zero adiante val cincoenta, 51 cincoenta e um, 52 cincoenta e dois, 53 cincoenta e tres, 54 cincoenta e quatro, 55 cincoenta e cinco, 56 cincoenta e seis, 57 cincoenta e sete, 58 cin-

coenta e oito, 59 cincoenta e nove. 6 com zero adiante val sessenta, 61 sessenta e um, 62 sessenta e dois, 63 sessenta e tres, 64 sessenta e quatro, 65 sessenta e cinco, 66 sessenta e seis, 67 sessenta e sete, 68 sessenta e oito, 69 sessenta e nove. 7 com 0 adiante val setenta, 71 setenta e um, 72 setenta e dois, 73 setenta e tres, 74 setenta e quatro, 75 setenta e cinco, 76 setenta e seis, 77 setenta e sete, 78 setenta e oito, 79 setenta e nove. 8 com 0 adiante val oitenta, 81 oitenta e um, 82 oitenta e dois, 83 oitenta e tres, 84 oitenta e quatro, 85 oitenta e cinco, 86 oitenta e seis, 87 oitenta e sete, 88 oitenta e oito, 89 oitenta e nove. 9 com 0 adiante val noventa, 91 noventa e um, 92 noventa e dois, 93 noventa e tres, 94 noventa e quatro, 95 noventa e cinco, 96 noventa e seis, 97 noventa e sete, 98 noventa e oito, 99 noventa e nove.

Em 99 acabam os numeros de dois algarismos, e em cem principiam os de tres.

Quantos algarismos compõe um numero, tantas dizemos qe são as casas de qe se compõe esse numero; pois fingimos na nossa imaginação qe cada um dos algarismos mora em uma casa separada. Estas casas ou moradas dos algarismos tem cada uma seu nome para se diferenciarem; a ultima da linha, qe vem a ser a primeira da nossa mão direita, chama-se casa das *unidades*; a penultima, casa das *dezenas*; a antepenultima, das *centenas*;

a antecedente a essa, dos *milhares*; a antecedente, das *dezenas de milhares*; a immediata, das *centenas de milhares*; a outra, dos *contos*; a das *dezenas de contos*; a das *centenas de contos*; a dos *milhares de contos*; a das *dezenas de milhares de contos*; a das *centenas de milhares de contos*; e a dos *contos de contos*, ou *bicontos*, etc. Quando o objecto que se numéra, não é dinheiro, o nome de *conto* é substituído pelo de *milhão*; assim diremos *trinta contos de réis*, *trinta milhões de homens*.

Um numero póde-se compôr de uma, duas, tres, quatro, cinco, e quantas letras se qizer; se o numero se compõe de um só algarismo só contém unidades, como 7; se se compõe de dois algarismos contém dezenas, e unidades como 42; se se compõe de tres algarismos contém centenas, dezenas, e unidades 649, se de quatro contém milhares, centenas, dezenas, e unidades, 5373; se de cinco, contém dezenas de milhares, milhares, centenas, dezenas, e unidades; se de seis, contém centenas de milhares, dezenas de milhares, milhares, centenas, dezenas, e unidades; se de sete, contém contos, ou milhões, centenas de milhares, dezenas de milhares, milhares, centenas, dezenas, e unidades; se de oito, contém dezenas de contos, ou de milhões, contos, ou milhões, centenas de milhares, dezenas de milhares, milhares, centenas, dezenas, e unidades; se de nove, contém centenas de contos, ou de milhões, dezenas de contos, ou

de milhões, contos, ou milhões, centenas de milhares, dezenas de milhares, milhares, centenas, dezenas e unidades; se de dez, contém milhares de contos, ou de milhões, centenas de contos, ou de milhões, dezenas de contos, ou de milhões, contos, ou milhões, centenas de milhares, dezenas de milhares, milhares, centenas, dezenas, e unidades; se de onze, contém dezenas de milhares de contos, ou de milhões, milhares de contos, ou de milhões, centenas de contos, ou de milhões, dezenas de contos, ou de milhões, contos, ou milhões, centenas de milhares, dezenas de milhares, milhares, centenas, dezenas, e unidades; se de doze, contém centenas de milhares de contos, ou de milhões, dezenas de milhares de contos, ou de milhões, milhares de contos, ou de milhões, centenas de contos, ou de milhões, dezenas de contos, ou de milhões, contos, ou milhões, centenas de milhares, dezenas de milhares, milhares, centenas, dezenas, e unidades; e assim por diante.

Firmemos bem isto por causa da nomenclatura: numa serie muito longa de algarismos podemos dividil-os (já se sabe, da nossa mão direita para a nossa mão esquerda) em grupos de seis algarismos. O primeiro grupo da direita, visto está que principia por unidade simples; o segundo, por unidade conto ou milhão; o terceiro, por unidade biconto ou bilião; o quarto, por unidade triconto ou trilião; o quinto, por unidade quadriconto ou qua-

terlião; o seisto por unidade quinticonto ou quintilião; e assim analogicamente, seisticonto ou seistilião; seticonto ou setilião; oiticonto ou oitilião, etc.; mas semelhantes numeros nunca apparecem para se lerem.

As unidades da ultima casa da mão direita valem sempre a decima parte das unidades da casa antecedente; ou por outra, as unidades da antecedente casa, são sempre compostas de dez unidades da casa seguinte; v. g.: 42; o quatro está na penultima casa, o dois na ultima; o 2 significa duas unidades, o 4 quatro dezenas de unidades, qe já por isso a sua casa se chama das dezenas; assim, analogicamente, se um numero tem 3 letras, a antepenultima, qe é a da casa das centenas, eispressa pelo seu valor quantas vezes ali estão as dezenas, como a letra das dezenas eispressa quantas vezes ali estão as unidades; v. g.: 193 qer dizer cem unidades, noventa unidades, e tres unidades; cem são dez dezenas de unidades; noventa são nove dezenas de unidades, e os tres são tres unidades; recuando sempre na linha da escrita numerica vamos encontrando constantemente o mesmo progresso decenario.

Para lermos um numero, é necessario começarmos por dividil-o em grupos de tres algarismos, ou sendo muito longo de seis, começando sempre da nossa mão direita para a esquerda; sendo em grupos de tres ao primeiro grupo qe abrange uni-

dades, dezenas, e centenas, chamamos das unidades; ao segundo, que é dos milhares, dezenas de milhares, e centenas de milhares, chamamos dos milhares; ao terceiro que é dos contos ou milhões, dezenas de contos, ou de milhões, e centenas de contos, ou de milhões, chamamos dos contos, ou dos milhões; ao quarto, que é o dos milhares de contos, ou de milhões, dezenas de milhares de contos, ou milhões, e centenas de milhares de contos, ou milhões, chamamos dos milhares de contos; e assim por diante.

Para comodidade da leitura se costuma pôr entre o primeiro grupo e o segundo, isto é, entre o das unidades e o dos milhares, este sinal § a que chamam cifrão, que nenhum valor tem, mas serve unicamente de marco de separação (cifrão se costuma também pôr por abrevietura no lugar do primeiro grupo, quando as suas tres letras são zeros; eisemplo: o numero cem mil escrevel-o-iamos completo d'esta maneira 100§000, mas por abreviatura escrevemos d'esta 100§) os outros grupos, que no numero total possa haver, dividem-se uns dos outros por ponto, dois pontos, ou virgula. Cada grupo de algarismos, 'num numero composto de muitos algarismos, não póde ter mais nem menos de tres letras, podendo uma ou duas, ou todas tres, ser zeros, mas o ultimo grupo da mão esquerda póde ter ou tres algarismos, ou dois, ou um só; exemplo: 90,612§203, que se lê noventa

contos, ou milhões, seiscentos e doze mil e duzentos e tres.

Cada numero qe o mestre escrever na pedra para ser lido na classe, será sempre repetido em côro silabica e ritmicamente, e isto por duas vezes e de dois modos. O primeiro modo de ler um numero é o literal; o segundo o usual. Assim 987 8654 será lido literalmente pelo côro do seguinte modo: no-ve cen-te-nas de mi-lhar, oi-to de-ze-nas de mi-lhar, se-te mi-lha-res; seis cen-te-nas, cin-co de-ze-nas, qua-tro u-ni-da-des; e depois relido conforme ao uso: novecentos e oitenta e sete mil, seis centos e cincoenta e quatro; isto sempre, até estarem perfeitamente senhores da leitura numerica, porque, desde então só devem fazer a leitura usual qe verdadeiramente é a tradução elegante da outra.



DIVERTIMENTOS.

O loto numerico póde servir agora; é uma recreação não inutil. A quem ouvesse de fazer um loto novo para este fim, aconselharia qe em vez de numeração seguida de um a cem, a escrevesse salteada até numero de seis letras e mais; *verbi gratia*: treze, oitenta e seis, cento e dez, duzentos e quarenta, cinco mil trezentos e nove, etc.

Segundo entretenimento e mais á mão qe o precedente, será tomarem dois rapazes cada um o seu livro, abrirem-no alternadamente, e mostrarem a numeração das duas paginas para o parceiro a dizer; e isto de dois modos: primeiro, separadamente a de cada pagina; depois, a das duas paginas como se estivesse seguida sem intervalo.

Jorge abre o seu livro em paginas 102 e 103, André diz: cento e dois, cento e tres; e logo depois, cento e dois mil, cento e tres. Depois abre André, e responde Jorge. O qe erra paga tento ou prenda.



ADVERTENCIA PRÉVIA Á LIÇÃO VIGECIMA PRIMEIRA.

O sistema de escripturação numerica, qe deixamos aprendido, e qe se chama, talvez impropriamente Arabigo Indico, ou Aseatico, é o qe oje se usa geralmente. Em diversos tempos, e entre diversos povos, ouve grande variedade no modo de escrever os numeros; mas pouco nos importa aqui saber o como o faziam os Hebreos e os Gregos, pois qe, 'nesta parte unicamente imitamos os Romanos e os Arabes.

Dos algarismos Arabes já fica dito quanto basta por agora, pois não aprendemos aqui aritmetica, mas só leitura.

Falemos da escrita numerica Romana, de qe em toda a Europa por muito tempo se fez uso, qe frequentemente nos ocorre nos livros antigos, e qe ainda alguma vez se emprega nos nossos dias; como em relógios, em datas de impressões, em numeração de paginas, etc. etc. O eisemplo de paginas numeradas á Romana, lá está nas primeiras folhas d'este mesmo livro.



LIÇÃO VIGECIMA PRIMEIRA.

SUMARIO.

Leitura da numeração Romana.

A tendencia de contar pelos dedos é geral; é de todas ás gentes; deveu ser de todos os tempos. Parece de suma probabilidade, qe os Romanos ou os povos anteriores, quaesqer qe fossem, de qem eles tomaram a contagem, aos dedos das mãos recorreram, como prototipo natural, simples, invariavel, e sempre presente, do contar. Cada mão tem cinco dedos; as duas mãos de cada pessoa tem dez dedos: meia dezena, dezena. A numeração romana compõe-se de letras qe representam meias dezenas e dezenas: **V** cinco, **X** dez; **L** cincoenta, **C** cem; **D** quinhentos, **M** mil. Além d'estas seis letras, só resta **I** para representar unidade, ou o ponto, qe sendo fragmento do **I** val o mesmo qe ele, e significa tambem unidade.

O quadro qe adiante segue, qe o professor em escola mostrará no quadro litografado, é mnemonisação tão eficaz, qe, uma só vez mostrada e explicada, deixa para sempre na memoria o valor de todas estas sete letras numericas romanas.



I



L



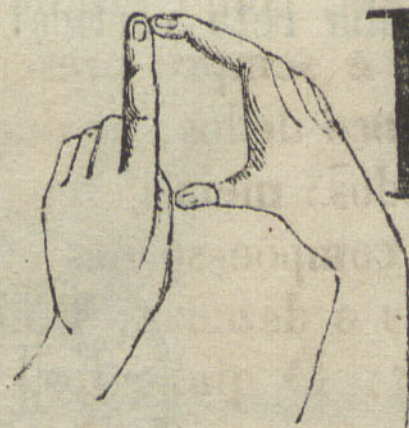
V



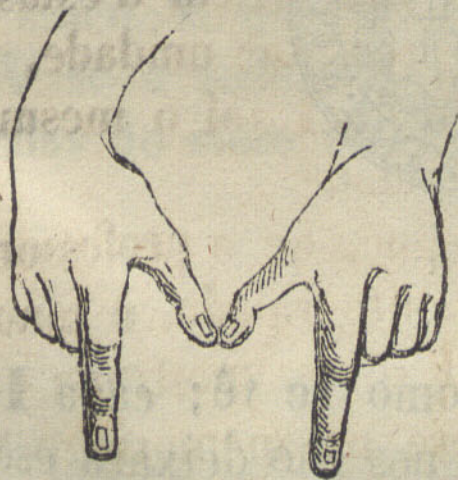
C



X



D



M

Demos rasão de cada uma, advertindo qe segundo o nosso costume desde o principio d'este livro, a letra qe no quadro fica á nossa mão direita, é sempre sombra da figura qe se acha á nossa esquerda, e qe a istoria da figura qe vamos fazer, contém a rasão do nome e valor da mesma letra.

I

Quando queremos mostrar em pantomima um, fechamos a mão, deixando para significação levantado um só dedo. A sombra de um dedo, sendo uma linha reta vertical dá **I**. A moeda de cobre



de tres réis, tem **III** como se vê; cada **I** exprime pois um real o qe nos não deixará esquecer qe **I** val um.

V

Qem estender o braço para os espétadores, e fechando a mão deixar comtudo resair d'ela dois dedos assaz afastados um do outro, ainda qe só mostre os dois, por esses dois qe mostra, deixa subentender os outros tres qe esconde, isto é, os dois apresentados denunciam a mão toda qe tem cinco. Os dois dedos assim abertos lançam uma sombra qe é exactamente V. Logo o V, como retrato d'aqueles dois dedos, diz como eles cinco, e



val cinco. E quem se esquecerá do valor numerico do V se a todos os momentos se está vendo nas moedas de *cinco* réis?

X

Se alongando para a frente os dois braços com os punhos fechados, deixarmos estendidos um dedo

de cada mão e encruzarmos um com o outro esses dois dedos, por esse enlace dos dedos significaremos qe chamamos o espirito dos espétadores para as nossas mãos ambas, e tacitamente os levaremos á idéa dos dez dedos. A sombra qe estes dois dedos encruzados produzem é X.

Ainda outra pega para a memoria: a letra **X** compõe-se de **VV**, um direito posto por cima, outro ás avessas posto por baixo, e unidos um ao outro pelo vertice; ora se o **V** de cima val cinco, e o **Λ** de baixo tambem cinco, e cinco e cinco fazem dez, segue-se qe o **X** valerá dez.

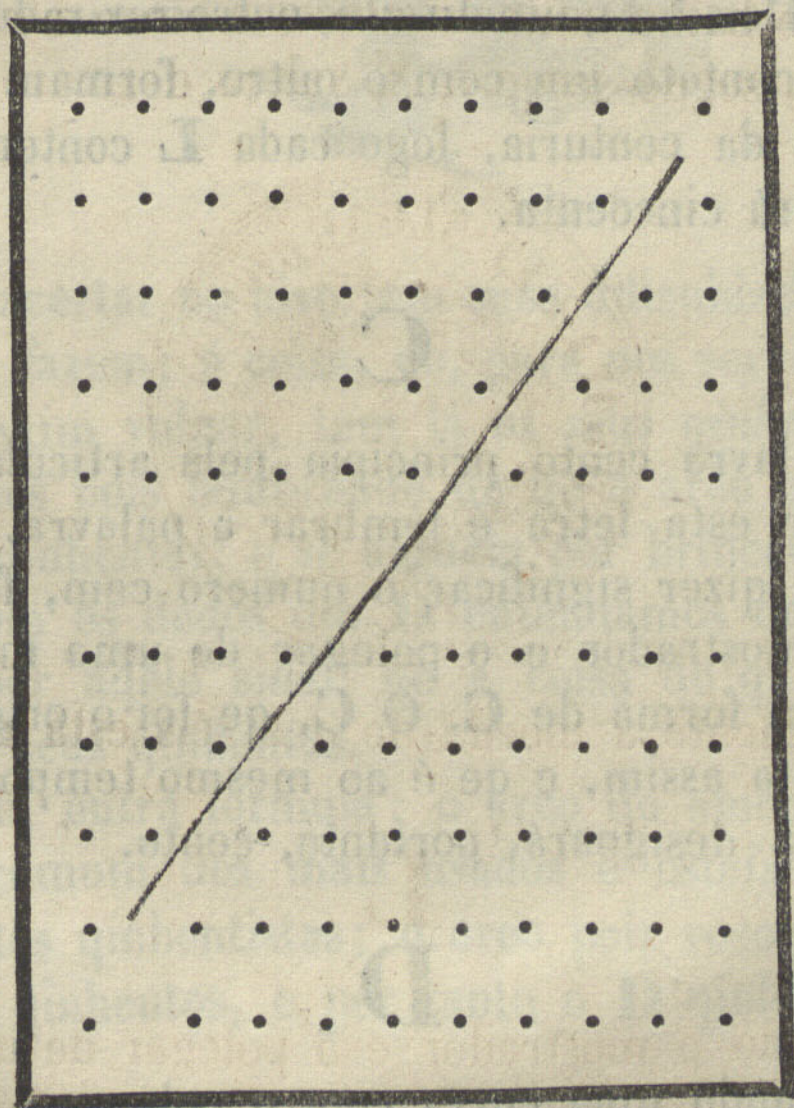


Finalmente a moeda de *dez* réis está marcada com **X**.

L

Abrindo o mostrador e o polegar de uma das mãos até formar um anglo reto, temos feito uma figura qe só difere do **V** na posição (qe é uma

coisa accidental) e em conter um anglo mais aberto
 qe o do **V**. Se pois o **V** marcava cinco, o **L** qe
 é ainda o **V**, mas aumentado, deverá conservar
 a natureza de cinco, mas aumental-a; ora, o unico
 modo de aumentar o valor do cinco sem lhe des-
 mentir a natureza, é subil-o a cincoenta, porqe
 'num e 'noutro caso diz sempre cinco; mas os cinco
 no primeiro caso são unidades, e no segundo de-
 zenas. A sombra d'esta figura, qe é a letra **L**, eis-
 pressa por conseguinte cincoenta.



Outro mordente para a lembrança d'esta letra

numerica; a centuria romana era um corpo de cem soldados formados a dez de fundo; a disposição da centuria era quadrilonga; um quadrilongo cortado como se vê na estampa dá duas figuras perfeitamente iguaes, e similitantissimas cada uma d'elas a um **L** em contraria posição, logo o contido no quadrilongo em duas porções também perfeitamente eguaes se dividirá. Os cem soldados da centuria pois, se lançarmos na centuria essa linha obliqua, achar-se-ão repartidos em cincoenta e cincoenta. Dois **LL**, um direito, outro revirado, e postos em contato um com o outro, formam o quadrilongo da centuria, logo cada **L** conterà e representará cincoenta.

C

A palavra cento principia pela articulação **C**. Escrever esta letra é lembrar a palavra. Se por gesto eu qizer significar o numero cem, formarei com o mostrador e o polegar de uma mão uma curva em forma de **C**. O **C**, qe foi o original da mão posta assim, e qe é ao mesmo tempo a sombra d'ela designará, portanto, cento.

D

Formando uma curva com o polegar e o mostrador de uma das mãos, e atravessando direito

um dedo da outra mão de eistremidade a eistremidade d'esta curva, representamos muito ao natural um arco de frexeiro com a sua competente corda. O **D** é a sua sombra. O atirar com um



arco e acertar no alvo tem suas difficuldades; nem todos o fazem; é coisa, qe, para nos servirmos de um anexim vulgar, tem lá os seus qinhentos; fiquemo-nos pois lembrando de qe o arco ou **D** expressa qinhentos; e se alguem por brincadeira nos fizer com os dedos um **D** entendamos qe nos quer dizer por aqele sinal, qe a coisa de qe se trata tem os seus qinhentos.

Ainda outra formula; o arco do amor era um lugar comum dos mais usados e estafados entre os poetas qinhentistas; o arco pois recorda-nos a éra de qinhentos, e por tanto o **D** qinhentos.

M

Com os polegares e os mostradores de ambas as mãos se forma uma figura de que o **M** é sombra. Esta letra, sendo a inicial da palavra mil, cifra a palavra e val mil. Os quatro dedos assim postos representam-nos as duas mãos com os seus dez dedos; numero este, que multiplicado tambem por dez, dará cem; assim como tornado a multiplicar por dez, esse producto, subirá a mil; portanto, se os dez, no fim das tres operações, a saber: da contagem de unidades; da contagem de dezenas; e da contagem de centenas, dão mil, o **M**, quer em dedos quer em letra, póde muito bem recordar-nos com as suas *tres* pernas, as tres operações, e o seu produto; que é o milhar. **M** mil.

Conhecidos estes numeros elementares, digamos como com eles se formam os numeros compostos.

Regra geral: a escripturação numerica romana é toda feita por somas, ou diminuições. Um numero elementar menor colocado immediatamente antes de um numero elementar maior, significa que desse numero elementar maior se tiram tantas unidades quantas o numero elementar menor representa. Eisemplo: o **X** val dez; quando porém temos **IX**, o **X** val nove, porque o **I**, que val um, como está antes do **X** manda que do **X** se tire um, e um tirado de dez deixa os dez reduzidos a nove.

Outro eisemplo: o C val cem, o XC vale noventa, porqe o X, qe val dez, e se acha aqí antes do C, qer qe os seus dez se deduzam dos cem, e tirados dez de cem ficam noventa, etc.

Agora, se a letra numerica elementar menor, em logar de preceder á letra numerica elementar maior, se lhe segue, ajunta o seu valor ao valor dela: CX são por tanto cento e dez, porqe C cem, e X dez. CXI cento e onze porqe C cem, X dez, e I um, e dez e um onze. Advirta-se qe nos milhares o numero elementar menor posto antes do M, em vez de o roubar, aumenta o seu valor tantas vezes, quantas são aquelas qe o numero elementar menor representa, podendo-se 'neste caso pôr por cima do número elementar menor este signal — eisemplo: IIM dois mil, DM, qinhentos mil, etc.

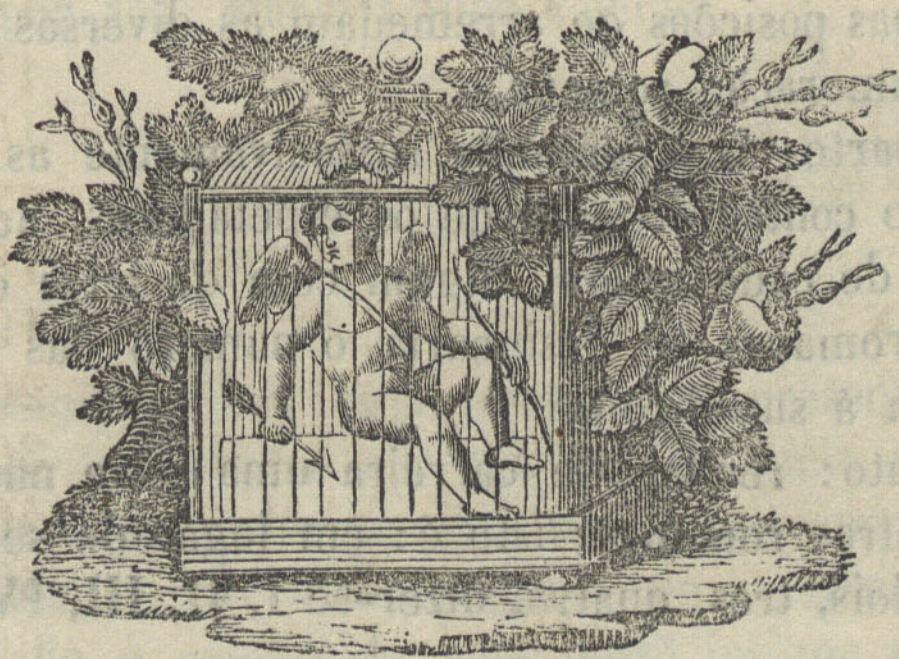
Isto posto, assentemos a serie seguida da numeração Romana, com a sua tradução na Arabiga de qe já temos conhecimento.

I	1	IX	9
II	2	X	10
III	3	XI	11
IV	4	XII	12
V	5	XIII	13
VI	6	XIV	14
VII	7	XV	15
VIII	8	XVI	16

XVII	17	M	1:000
XVIII	18	IIM	2:000
XIX	19	IIIM	3:000
XX	20	IVM	4:000
XXI	21	VM	5:000
XXII	22	VIM	6:000
XXIII	23	VIIM	7:000
XXIV	24	VIIIM	8:000
XXV	25	IXM	9:000
XXVI	26	XM	10:000
XXVII	27	XIM	11:000
XXVIII	28	XIIM	12:000
XXIX	29	XIIIM	13:000
XXX	30	XIVM	14:000
XL	40	XVM	15:000
L	50	XVIM	16:000
LX	60	XVIIM	17:000
LXX	70	XVIIIM	18:000
LXXX	80	XIXM	19:000
XC	90	XXM	20:000
C	100	XXXM	30:000
CC	200	XLM	40:000
CCC	300	LM	50:000
CD	400	LXM	60:000
D	500	LXXM	70:000
DC	600	LXXXM	80:000
DCC	700	XCM	90:000
DCCC	800	CM	100:000
CM ou DCCCC	900	DM	500:000

Suprimimos os numeros intermediarios de cada dezena, da terceira dezena em diante; porqe sabidas as tres primeiras dezenas, qualquer por analogia construe as outras.

Ha ainda na numeração Romana alguns signaes qe importa explicar; a saber: **I** exprime quinhentos; **CI** mil; **I**CC setecentos; **I**CC cinco mil; **CCI**CC dez mil; **I**CC cincoenta mil; **CCCI**CC cem mil; **CCCCI**CC um milhão.



DIVERTIMENTOS.

Primeiro: um lote com os numeros escritos á romana.

Segundo: abrir um livro ao acaso para qe outro diga com qe letras romanas se escreverá a numeração de cada uma d'aqelas duas paginas e a das duas seguidas.

Terceiro: dar a ler numeros, mostrando os dedos nas posições qe arremedam as diversas letras da numeração romana.

Quarto: ir apontando sussecivamente as esferas do contador, para qe os espetadores, ao deslocar de cada esfera, digam com qe letra ou letras romanas se designaria o numero das qe se acham á sua direita.

Quinto: recitar de carreira uma serie numeral por letras romanas; isto é: em lugar de se dizer um, dois, tres, quatro, dizer-se I, II, III, IV, etc.

ERRATA.

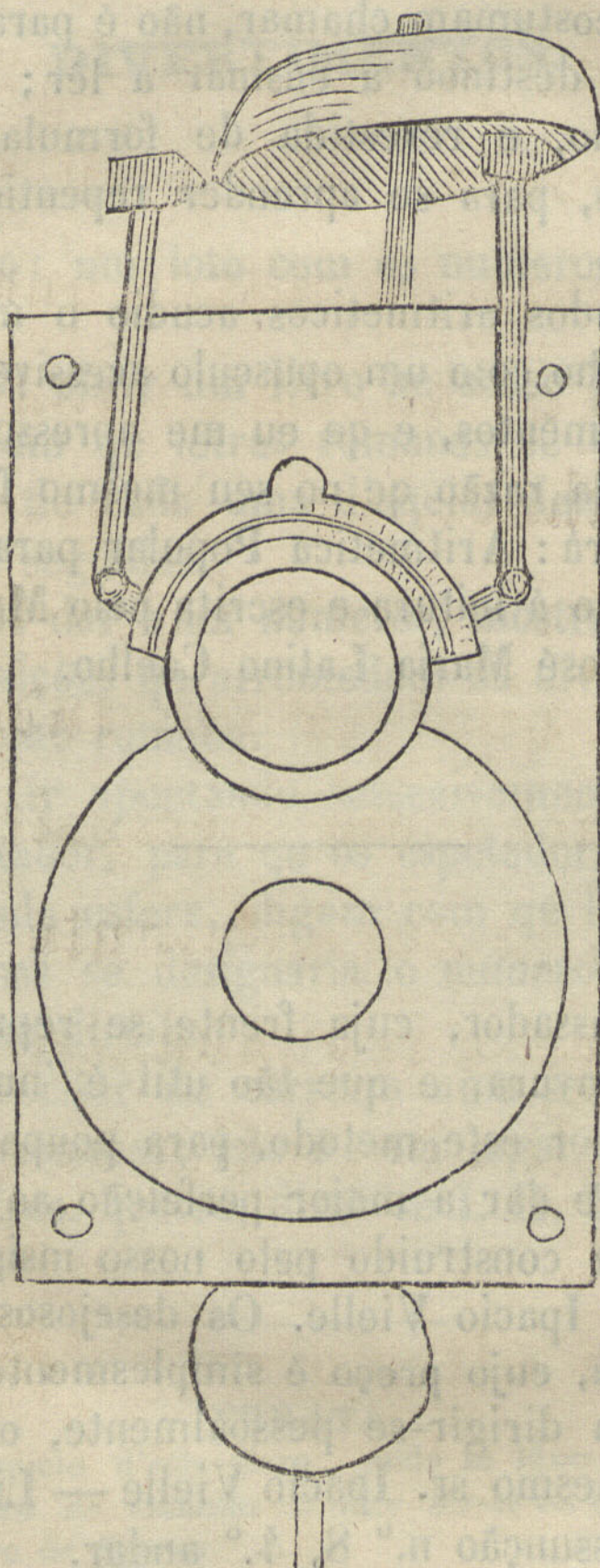
No frontispicio d'este livro, onde se lê = *ornada de um grande numero de* vinhetas = *deve lêr-se* = *ornada de um grande numero de figuras.*

N. B. A taboa de multiplicação, ou taboada, segundo a costumam chamar, não é para aqui; este livro só se destinou a ensinar a lêr; publiquei-a em separado, e revestida de formulas também mnemonicas, para se aprender repentinamente e brincando.

Aos estudos aritmeticos acudio o meu amigo Latino Coelho com um opusculo acessivel a quaesquer entendimentos, e qe eu me apresso de annunciar aqui pela razão qe no seu mesmo frontispicio se encontrará: Aritmetica Popular para servir de complemento á leitura e escrita pelo Metodo Castilho, por José Maria Latino Coelho.

O compassador, cuja frente se representa na seguinte gravura, e que tão util é 'numa escola de leitura por este metodo, para poupar cançasso ao mestre, e dar a maior perfeição ao ritmo, foi inventado e construido pelo nosso insigne maquinista o sr. Ipacio Vielle. Os desejosos de obter esta maquina, cujo preço é simplesmente 10\$000 réis, podem dirigir-se pessoalmente, ou por escrito, ao mesmo sr. Ipacio Vielle — Lisboa, travessa da Assunção n.º 8, 4.º andar.

COMPASSADOR.



Termino, como na primeira edição, rogando aos Senhores Professores, Paes ou Mães de famílias, ou outras quaesquer pessoas, qe hajam ensinado por este methodo, ou o tiverem meditado, se sirvam fazer-me saber por qualquer via tudo o qe 'nelle acharam necessitar de emenda, já por diminuto já por excessivo e redundante, já por mal explicado; a fim de qe obra tão util, se possa aperfeiçoar para as ultteriores edições.

5C.
28857



